

WLADIMIR OLIVIER

ALMA DE CIGANO

Grupo dos Cometimentos Sadios

Professor Quirino

ÍNDICE

Advertência	
1. Arpejos inarmônicos	
2. A santinha	
3. A morte do velho senhor	
4. Considerações em torno de um convite	
5. O <i>Caminho da Luz</i>	
6. Artimanhas de Dona Maria	
7. Janete	
8. Na cama	
9. Bartira	
10. A diva	
11. Momento de lazer	
12. A glória	
13. Ruína de um relacionamento	
14. Correspondência	
15. Visita inesperada	
16. Problemas	
17. Convalescendo	
18. Debates doutrinários	
19. Desdobramentos dos estudos	
20. Frustrações	
21. Reconhecimento público	
22. Sem gesso	
23. A sessão espírita	
24. Cura misteriosa	
25. Manhã diferente	
26. Na volta à Espanha	
27. Consagração	
28. Papel de avó	
29. Confidências	
30. Sem <i>conjugo vobis</i>	
31. Tempos difíceis	
32. Pródromos da vida a dois	
33. Sobre os trilhos	
34. Conclusão	

ADVERTÊNCIA

Não se pense jamais que os irmãos que comparecem para estes ditados mediúnicos sejam capazes de deslizes propositais, com o fito de enganar os leitores. Com isto, não estamos afirmando que somos invulneráveis ao erro, mas que pautamos o procedimento de maneira o mais honesta possível.

Sendo assim, é de todo recomendável que se realizem leituras críticas dos textos, com apoio nas obras da codificação kardequiana. Aceitar ou não as teses que abraçamos deve ser o resultado de profunda reflexão doutrinária.

Aí, vão ponderar que, se tudo se encontra nos livros básicos, não haveria necessidade das manifestações menores, meros exercícios escolares do ponto de vista de quem se põe a cavaleiro sob a perspectiva dos espíritos de escol que orientaram o Professor Rivail.

Ajuizarão com plena razão. Entretanto, é preciso que se considerem os mensageiros atuais bem mais próximos da realidade espiritual dos encarnados dispostos a enfrentar os engulhos destas leituras insípidas. Eis porque nos atrevemos a deixar um rastro de ideias e concepções capazes de acender o desejo das pesquisas mais sérias.

Mal comparando, que fora da peregrinação de Jesus sem a pregação dos discípulos e sem o registro dos evangelistas?

Nosso grupo se formou dentro da Escolinha de Evangelização, sob a responsabilidade didática e pedagógica do Professor Quirino, emérito na discussão dos pequenos problemas da consciência, especialmente pela correlação que estabelece com os grandes dramas da humanidade.

Recebemos a denominação de *Grupo dos Cometimentos Sadios*, mal traduzindo a nomenclatura para a linguagem humana.

O mais é trabalhar com afinco, rogando ao Senhor que nos abençoe a todos, reunindo-nos sob seu manto misericordioso, para progredirmos em paz, que é o que mais requerem os mortais nas preces comovidas que endereçam aos protetores.

1. ARPEJOS INARMÔNICOS

Considerando que o momento não lhe propiciava cabal controle de si mesmo, Prisco deixou de lado o instrumento que dedilhava com perfeição, pondo-se a meditar a respeito dos males que o haviam atingido ultimamente.

Começou pela perda do filhinho recém-nascido e da esposa bem-amada.

Sem lágrimas já, era capaz de elevar os pensamentos aos planos superiores em que imaginava os espíritos dos que partiram.

Na verdade, materialista contumaz, apenas dava asas à imaginação, expressão esta que elegeu para justificar os devaneios irresistíveis, como se a mente estivesse submetida a soberano poder.

Olhou demoradamente para as mãos, examinando as calosidades provocadas pelas cordas do violão, mãos de artista habituadas ao ritmo frenético das composições andaluzes. Daria ambas as mãos e também sua arte para ter de volta a mulher com quem vivera os últimos dois anos, em plena felicidade.

“Se, ao menos, tivesse ficado comigo a criança, haveria um consolo para este vácuo de sofrimento.”

Lá no fundo da consciência, surgiu-lhe a ideia da possibilidade de que o pequenino ser pudesse vir a concentrar-lhe o ódio pela perda da mãe, já que...

Esforçou-se para não levar adiante a intuição, explicando-a como a necessidade de se ajustar ao desengano. Sentiu que agredia o filho morto, sem motivo. Desejou superar os frêmitos provocados pela visão interior da imperfeição moral.

“Que bom seria se eu não assumisse jamais papel de vítima nesta dolorosíssima circunstância. Mas, se não me distrair trabalhando, vou acabar paranoico.”

Foi quando tentou delinear o futuro. Havia contratos a cumprir. Havia amigos a atender. Havia parentes a consolar. Era preciso ser forte entre os fracos que, mais que ninguém, fora ele quem perdera.

Recordou-se do pranto silencioso dos sogros. Reviu a expressão dolorosa no semblante dos pais, que sofriam o seu sofrimento, ainda mais do que a perda da nora e do neto.

“Minha vida sempre foi uma ilha cercada de amor por todos os lados.”

Achou a comparação muito infeliz. Queria algo mais poético, mais sutil, que expressasse com maior vigor a delicadeza das recordações afetivas.

Retomou a guitarra e executou uma peça do cancionero cigano, interpretando com o coração os dizeres com que o poeta invectivava o céu, desafiando-o a retirar-lhe da alma o amor ali arraigado pela eternidade. Os despojos da amada se desfaziam no cemitério; mas sua presença ideal não fora jamais tão forte. Tresvariava em soluços na melodia, cuja letra não cantava, para uma plateia inexistente.

Nessa fúria quase incontrolável permaneceu por mais de duas horas, terminando por arremessar o instrumento contra a parede, saindo de casa sem rumo certo, pisando sobre a umidade da areia escaldante do meio dia.

Acordou no ambulatório de um hospital, recebendo tratamento para insolação.

2. A SANTINHA

Do seu lado, atrás de um biombo, chorava uma vizinha infantil, magoada, infeliz.

Enfermeiras apressadas apareciam e desapareciam, indo e vindo com diversos apetrechos em vasilhas de aço inoxidável.

Prisco estava preso ao tubo que o alimentava de soro, com a agulha enfiada na veia do braço esquerdo. Ninguém notou que acordara.

Volveu os olhos para o outro lado e deu com a fisionomia baça de um velho de cabelos desgrenhados e barba por fazer, os olhos no fundo das órbitas e as maçãs do rosto saltadas, como se os ossos quisessem impor presença. Viu um esboço de sorriso, notando que as gengivas do candidato a defunto ostentavam dois únicos dentes, um embaixo, outro em cima.

la dizer algo, mas não encontrou palavra que pudesse estabelecer comunicação. Imaginou que a velhice do outro lhe trouxera a surdez e não teve ânimo de elevar a voz. Limitou-se a erguer o braço livre, quando notou que o gesto se tornou loquaz medida desproporcionada ao sentimento de piedade que lhe causara a desgraça alheia.

Intensificavam-se as lamúrias infantis e os sussurros emotivos das pessoas escondidas pelo anteparo.

Prisco não estranhou o quadro tétrico em que se viu inserido como figura central. Até bem pouco tempo, frequentara o hospital em que perderam a vida a esposa e a filhinha. Acostumara-se às paredes frias e às janelas vazias de cortinados, altas, com as folhas na parte de fora, deixando vazar uma luz sem raios de sol.

Recordou-se de que andava pela areia, trôpego e cansado e que começava a sentir rodopiar a cabeça, enquanto uma sensação

úmida lhe escorria pela testa, confundindo-se com o pranto que não mais segregava.

Não estava coberto e seu dorso nu fez que buscasse a camisa que lhe haviam retirado. Estava ao pé da cama. Imaginou que os chinelos se achassem por ali, pondo instintivamente a mão no bolso da calça para ver se encontrava a carteira. Nada.

“Quanto dinheiro havia? Muito pouco. E os documentos? Vai ser difícil recompor todos eles, inclusive o passaporte, com o recente visto para os Estados Unidos.”

Notou os pensamentos pesados, como que em câmara lenta.

“Que será que me deu?”

Suspeitou de um ataque cardíaco, mas a ausência de medidores eletrônicos tranquilizou-o

“Que bom se isto aqui fosse a entrada do círculo existencial após a vida. Eu veria entrar minha Eulália com a filhinha no colo.”

Ao invés disso, entrou o pai, empurrando a mãe pelo braço.

— Que foi, meu filho? Estão dizendo que o recolheram na praia.

— Pai, eu não sei. Estava caminhando quando tudo sumiu.

A mãe, mais prática, aventou:

— Você não tem comido direito. Foi fraqueza. O sol quente deve ter ajudado.

— Eu me sinto um pouco zozzo. Se estão aplicando soro, significa que preciso hidratar-me.

O vozerio chamou a atenção de uma das enfermeiras do outro lado, que deu o ar da graça:

— Você teve uma insolação. Nada de mais. O doutor já passou por aqui e deixou que dormisse à vontade. Achou que estava precisando de repouso.

— Quando vou poder sair?

— Normalmente, o período de observação é de oito a dez horas.

— Que horas são?

— Duas da tarde.
— Então, faz umas três horas...
— Faz uma hora e meia. Agora é bom que essas pessoas saiam...

— Minha mãe e meu pai.
— Prazer. Nós estamos com uma emergência. Uma menina que sofreu graves queimaduras. Estamos precisando de espaço. Por favor...

Indicava a porta.

Prisco ainda perguntou:

— Quem avisou vocês?

— O próprio hospital. Aliás, eles me devolveram a sua carteira.

— Está tudo aí?

Não ouviu a resposta. Um clamor abafou os ruídos dos instrumentos. Um choro convulsivo se fez ouvir, enquanto clamava uma voz desesperada:

— Minha filha, não me deixe. Santinha, santinha, agente firme. Fique comigo. Santo Deus misericordioso, tenha piedade de nós. Tenha piedade de nós...

Irromperam quarto adentro várias pessoas. Houve um tumulto pressentido pelo violonista e espiado pelos pais. Vieram também vários médicos e diversos enfermeiros. A cena de dor se desenrolou em ambiente de tragédia grega, fora da vista do possível espectador.

Foram muitos minutos, demorados e sofridos, a ponto de se esvaziar completamente o frasco de soro.

Finalmente, um magote de pessoas saiu abraçado, lenços aos olhos e soluços cortantes. Os pais de Prisco também se foram. E os médicos. E os enfermeiros.

Veio a enfermeira anterior e substituiu o frasco vazio.

Meia hora depois, amortalhado num lençol branco, posto sobre a maca de rodinhas, saiu o corpo da menina. Foi quando

removeram o biombo, deixando-lhe à vista o leito com seu colchão azul escuro despido.

Ouviu-se um grunhido do outro lado. Prisco se voltou e deu com o mesmo sorriso desdentado e parvo do moribundo.

“Quem é que dá o direito à vida a uns e nega a outros?”

Sentiu que a pergunta se dera de forma mecânica, surpreendente, porque o que lhe passava pela cabeça era que precisava livrar-se logo daquele ambiente de dor.

3. A MORTE DO VELHO SENHOR

Prisco dormia quando sentiu a movimentação em torno de si. Acordou do sono letárgico causado pela fraqueza, ainda zozzo, sem domínio completo do momento.

O biombo que escondia o leito ao lado pareceu-lhe ocultar-lhe a dona dos gemidos, ressurecta dentre os mortos. Demorou para entender que a visão íntima comprometia a realidade.

Ao voltar-se para olhar o velho que repousava do outro lado, deu com a cama e seu colchão azul. Só então atinou que o biombo trocara de lado e que agora escondia o homem de enigmático sorriso.

Nisso entrou um senhor de meia idade, engravatado, em seu terno cinza, óculos de aro de ouro, rosto escanhado, o qual desapareceu atrás do móvel, agora mais móvel do que nunca.

Passados uns poucos segundos, ressurgiu aquela pessoa, afastando-se de costas, pondo-se à vista do enfermo. Foi quando este foi notado. Aproximou-se ele da curiosidade que o media de cima em baixo e foi explicando:

— Finalmente, meu velho faleceu. Mais de noventa e cinco. Sofreu nestes últimos dez anos. Deus demorou para aliviar-lhe a dor. Parada cardíaca, vai atestar o doutor, mas a *causa mortis* foi velhice.

Falava da morte sem pensar em que o ouvinte estava ali como à espera dela.

Prosseguiu:

— Meus irmãos vão regozijar-se, porque o rodízio mensal para ficar com o pai estava tumultuando a vida de cada um. Eu pouco cuidei dele, porque sou solteiro e não tenho filhos.

Fez uma pausa a observar o homem que tinha à sua frente. Deve ter concluído que seu estado não era mau, porque perguntou:

— O amigo está sendo reidratado? Com certeza, vai ser mandado para casa logo. Eu lhe desejo breve recuperação. Almeida, às suas ordens.

Estendeu a mão, mal roçando o braço que repousava ao longo do corpo e retirou-se, lançando um último olhar para trás do biombo.

Alguns minutos depois entraram dois enfermeiros com a maca de rodinhas, saindo em seguida, transportando o corpo envolto em lençol. Ficou a enfermeira, que recolheu o tabique, a retirar a roupa de cama, a passar álcool no azul do colchão, que tomava ares de brilho para esmaecer em seguida.

Ao dar com o interesse do paciente do leito ao lado, sorriu, não ligando para dizer:

— O velho vinha para cá de quinze em quinze dias, completamente desnutrido. Dava trabalho para alimentá-lo pela boca sem dentes, mal engolindo o caldo de galinha, fazendo a maior sujeira. O que lhe valia era o soro, quando não precisava de transfusão de sangue...

la dizer que o leito seria melhor aproveitado por algum jovem, mas calou-se ao dar com a outra cama vazia. Foi o concluiu Prisco, ao ouvir a observação seguinte:

— Coitadinha da menina que morreu aí do seu lado. Queimaduras de primeiro grau. Entornou a frigideira cheia de óleo de cima do fogão. Foi melhor ter morrido, porque ia ficar com horríveis sequelas, aquelas deformações que a plástica não consegue eliminar.

— Meus pais ainda estão aí?

— Eles mandaram dizer para o senhor ligar quando saísse.

— Quanto tempo eu dormi?

— Já está quase na hora de receber alta. Agora são sete horas. No horário de verão, o dia ainda está bem claro e a gente não nota que o tempo passou.

— A família da mocinha já se conformou?

— A mãe estava um trapo. Foi ela quem acudiu e trouxe a filha no carro. Disseram que bateu no caminho, precisando a polícia trazer as duas ao hospital. Uma tragédia.

— O filho do velho é que estava bem.

— Pederasta. Enquanto esperava o pai morrer, ficou de conversa com um enfermeiro dado a essa de homossexualidade. Eu, hein!

Acabou aí a conversa, intrigado Prisco com a manifestação descarada do preconceito, lembrando-se que, no meio artístico, convivia com dezenas de pessoas atraídas pelo mesmo sexo, a maioria das quais inteligentes e de notória sensibilidade.

Estava ainda considerando o caso, quando se lembrou de que o Almeida lhe havia dito que pouco cuidara do pai.

“Quem sabe não morreu o velho de desgosto, envergonhado do filho. Quanto os outros não devem ter recriminado o fato de ele não ficar com o velho e quantas vezes não devem ter jogado na cara do pai o defeito moral do irmão.”

Estava nessa linha de considerações, quando entrou o médico que assumia o plantão naquela hora. Sem olhar para o paciente, pegou a tabuleta ao pé da cama, examinou-a, escrevendo algo na folha, fazendo um gesto para enfermeira de que o leito estava liberado.

Para não dar inteira impressão de frieza, apertou o pé de Prisco, brincando:

— Vá levar o patrão pra casa, vá!...

4. CONSIDERAÇÕES EM TORNO DE UM CONVITE

Levantou-se com a ajuda de um enfermeiro, sentindo-se um pouco trêmulo. Colocou a camisa, calçou os chinelos de dedo, ajustou a calça larga na cintura e foi conduzido para fora numa cadeira de rodas. Queria ir andando, mas as normas do hospital impediram-no.

Ao passar pelo balcão da recepção, deram-lhe um papel para assinar e despediram-no, que o serviço era gratuito, tendo sido seus documentos anotados. Recebeu uma pasta com a recomendação para que seguisse as instruções ali contidas. Havia uma receita a ser aviada na farmácia.

Do lado de fora, meio pesadão, procurou um táxi, deixando de anunciar a alta aos pais. Desejava voltar para casa e avaliar a extensão dos males causados ao violão.

No trajeto, abriu a pasta e logo topou com um cartão:

“Centro Espírita Caminho da Luz. Seja pela dor, seja por amor, venha conhecer a Doutrina Espírita.”

Assinalavam-se o endereço e diversos horários, segundo os serviços ou trabalhos da entidade.

O primeiro impulso foi de atirar o cartão janela afora. Mas guardou-o no bolso da camisa, talvez para não cometer mais um ato brusco e agressivo.

Não lhe saíam da cabeça o desespero da mãe e a impassibilidade do filho. Media os procedimentos alheios pelo seu, julgando o do filho censurável, por falta, e o da mãe, por excesso. Antes de descer, já havia ponderado que o tempo da crise é que determinava as reações, porque a menina trespassara de um momento para outro, o velho, depois de anos de sofrimento, e sua esposa e a criança, após um período de certa duração, quando a expectativa do desfecho acabou não mais sendo surpreendente.

Em casa, encontrou a guitarra no chão, esfacelada, sem concerto. Lembrou-se de que também *sem concerto*, mas não achou graça no trocadilho.

Recolheu os pedaços e foi depositá-los num saco de lixo, conservando as cordas, os bordões, as cravelhas e as pestanas de marfim, com o fito de reaproveitá-los em encomenda com que pretendia repor a peça.

Enquanto realizava a operação, tinha fresca na memória as mortalhas que agasalharam os cadáveres. Tal como os coitados do hospital, também a sonoridade do instrumento se perdera, guardando apenas a lembrança da derradeira execução sem plateia.

“Sem plateia? Será?”

Retirou do bolso o convite impresso e se viu rodeado de espíritos, imaginando que, se tivessem recursos para contatá-lo, teriam para ouvi-lo, no desempenho mais puro de sua vida.

“Se, ao menos, tivesse gravado, poderia agora ouvir a refinada manifestação da dor, pelo amor das criaturas perdidas.”

Sentiu que fora inspirado pelos dizeres ali consignados e esboçou um sorriso, logo apagado pelo ríctus facial do enfermo que perecera ao seu lado.

Não se sentia à vontade perante as constantes inspirações que o desviavam do roteiro da infelicidade que sentia naquele ambiente ainda vivo pela presença da esposa. Não tivera coragem de doar nenhuma peça sequer e a mãe não se atrevera a invadir-lhe a privacidade. Sabiamente, a senhora aguardava um momento de lucidez, para penetrar de novo na vida íntima do filho.

Com o cartão na mão, sentiu que alguém poderia explicar-lhe a sensação de estar rodeado por entidades invisíveis. A recordação das coisas de uso pessoal de Eulália ligou-se à instituição de caridade, dispondo na mente de Prisco uma boa desculpa para comparecer, naquela mesma noite, à reunião ali assinalada.

“Será que vai dar tempo? Mesmo que chegue atrasado, sempre hei de encontrar alguém com quem conversar. Se deixar

para amanhã, sou bem capaz de desistir. Vou seguir este impulso. Pelo menos o sol já se pôs e posso ir dirigindo, ainda porque não é longe.”

Tomou um lanche rápido, seguindo as instruções do panfleto, depois de ter tomado uma ducha fria e de ter vestido um traje bem leve, conforme a canícula recomendava.

5. O CAMINHO DA LUZ

Prisco lembrou-se de ligar avisando os pais para onde estava indo. Através do celular, conversou com Joaquim:

— Pai, estou indo a um centro espírita.

— Como?

— Recebi um convite e, como estou me sentindo bem, vou ver se recebo alguma mensagem da Eulália.

— Converteu-se?

— Não, *Seu* Joaquim. Estou tentando distrair-me um pouco. Afinal fiquei descansando a tarde toda. Onde é que vocês estão, que precisei ligar para o celular?

— A Dona Maria...

— Você sabe que eu implico quando chama a mãe assim.

— A sua mãe — pronto! — quis acompanhar a família da menina que morreu hoje à tarde. A mãe da pequena está desconsolada. Você sabe como é a sua mãe, quando deseja partilhar um sofrimento alheio. Agora estamos aqui no velório, a pobre moça sob o efeito de calmantes e os outros familiares chorando por todos os cantos. É uma tristeza só.

— Quer que eu passe aí pra pegá-los, depois que sair do centro?

— Qual centro?

— *Caminho da Luz*.

— Pertinho de sua casa. Vou falar com a sua mãe (quase digo Dona Maria)...

— Não provoque.

— Se ela quiser, pegamos um táxi e vamos.

— De qualquer modo, ligue avisando.

— Pode deixar. Até logo mais.

— Até...

As ruas desertas conduziram o veículo do músico rapidamente ao seu destino.

O prédio era conhecido. Prisco sequer imaginava o que iria encontrar dentro.

Assim que estacionou a dois quarteirões, foi logo abordado por um sujeito portando um crachá do centro:

— Pode deixar, doutor, que eu vou tomar conta pro senhor.

— Quanto vai ser?

— Nada, não. O serviço é gratuito.

— Muito obrigado.

Assim que entrou, foi recebido por uma jovem:

— A palestra já começou. É a primeira vez que o senhor comparece?

— Recebi este cartão.

— É o cartão da Mirtes. Por favor, fique à vontade. Eu vou chamá-la. É só um instante.

De fato, nem um minuto depois, chegaram as duas moças. Mirtes era ligeiramente mais velha que a recepcionista. Foi ela quem se apresentou:

— *Seu Prisco*, meu nome é Mirtes. Trabalho no hospital e coloquei o meu cartão em sua pasta. Não esperava vê-lo tão cedo. O senhor está bem?

— Perfeitamente. Só não me lembro de tê-la visto lá.

— É que eu faço serviços internos. Mas venha comigo. Precisamos conversar um pouco.

Enquanto saíam por um corredor lateral que dava para o fundo do corpo principal do prédio, iam conversando:

— O senhor frequenta alguma casa espírita?

— Na verdade, esta é a primeira vez que piso num centro. Preciso dizer-lhe que a vida toda sempre me considerei meio ateu, meio materialista.

— O senhor prestou atenção no que está escrito no cartão?

— Sim.

— E...

— Quer saber se estou vindo pela dor ou por amor?

— Sim.

— Pela dor e por amor. Como é que a mocinha soube que foi você quem me forneceu o convite?

— Pelos dizeres. Só os meus falam em dor e amor. Os dos outros, cada qual apresenta um apelo próprio. Estamos tentando determinar qual o mais eficiente.

— Quantos os seus já conseguiram atrair?

— Quinze, contando o senhor. Eu sou a campeã. Os outros dizem que o meu serviço favorece. Mas, quando eu distribuía com os dizeres: “fora da caridade não existe salvação”, quase ninguém se interessava.

— O seu *slogan* é mais pessoal. O outro era uma convocação geral, uma frase de efeito, quase filosófica.

— Filosófica e geral, com certeza, porque se trata do ensinamento mais característico da doutrina, formulado pelo próprio Allan Kardec, o nosso codificador.

Haviam chegado e se acomodado num quartinho com móveis de escritório, onde um computador reinava como instrumento da modernidade.

Mirtes pôs-se a digitar rapidamente, de sorte que logo se ofereceu à tela do monitor um roteiro, espécie de ficha de inscrição, cujos elementos foram preenchidos com os dados que Prisco foi fornecendo um a um.

Quando se declarou viúvo é que reparou na aliança no anular esquerdo da jovem que o atendia.

A profissão de músico causou visível alvoroço no ânimo da secretária, a ponto de ela não se conter:

— Não temos nenhum músico profissional entre nós. Bem que estamos necessitados de alguém para entreter-nos nos momentos artísticos, apesar de estarmos recebendo constantemente visitantes

ilustres que nos dão concertos reservados. O senhor toparia encantar-nos com sua arte?

— Talvez, esporadicamente. Não se esqueça de que aqui estou para conhecer a doutrina espírita. Leia o seu cartão.

— Precipitei-me. Desculpe-me.

As derradeiras questões remetiam para a razão de o entrevistado haver procurado o centro espírita.

Prisco acentuou o fato de ter perdido a esposa e a filhinha recém-nascida, o que o levou a considerar a possibilidade de receber alguma informação do além a respeito das condições delas.

“Mentiroso!” — dizia-lhe a consciência. “Você veio em busca de entretenimento. Não foi como colocou ao seu pai?”

Fez a voz íntima calar-se, perguntando à jovem:

— Com quem posso falar a respeito dos pertences de meus entes queridos? Estou com tudo em casa. Gostaria de fazer uma doação. Vocês devem manter um departamento de assistência social, pois não?

A resposta vivaz da moça se estendeu por mais de cinco minutos, falando em bom aproveitamento dos materiais doados, através de rigorosa seleção dos assistidos, pessoas carentes do bairro e das favelas próximas. Estabeleceu os critérios de escolha dos favorecidos, mas Prisco não prestou atenção, perdido nas tristezas que a memória descerrava, perpassando tantos momentos felizes perdidos para sempre, com as esperanças de uma vida recheada de amor.

— Quanto aos conhecimentos teóricos da doutrina, tendo o senhor facilidade para leitura de textos filosóficos, a gente costuma recomendar que comece lendo as obras da codificação: *O Livro dos Espíritos* e *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, de Kardec. Caso não goste de ler, oferecemos palestras e cursos, onde as suas dúvidas poderão ser explicadas.

— Eu pensei que pudesse conversar com alguém a respeito de algumas ideias que me surgiram na mente.

— Fale comigo. Se eu não for capaz de esclarecer, peço para algum membro da diretoria que venha conversar com o senhor.

Prisco não se sentiu à vontade, temendo abrir uma discussão, já que percebia certa reação antipática à ideia de falar com alguém muito mais jovem. Mesmo assim, para não ofender a moça, perguntou:

— Quando a gente tem a impressão de estar cercado por entidades sobrenaturais, é que realmente está ou existe uma influência simplesmente psicológica?

— Primeiro, é preciso chamar tais entidades de espíritos, ou seja, as almas separadas dos corpos de pessoas falecidas. Sendo assim, não são sobrenaturais mas naturais, pela concepção espírita. Acontece que vivem na erraticidade, ou seja, num plano existencial diferente, não tangível pela matéria em que nos situamos enquanto encarnados. Quanto a ser psicológica a reação, sempre haverá de ser, porque causa um rebuliço no cérebro das pessoas, seja em casos concretos de influência direta dos espíritos, seja por auto-sugestão, quando as pessoas são impressionáveis. Quando o seu estudo avançar, o senhor vai ver que sempre existem certos espíritos que se aproveitam da fraqueza ou invigilância das pessoas, para exercer certo domínio sobre elas, com várias finalidades. Mas eu estou indo muito depressa. Para responder diretamente, posso afirmar que a doutrina espírita ensina que todas as pessoas, em todos os instantes, estão cercadas por espíritos de diversos níveis de adiantamento. A sensação de que estão presentes caracteriza aqueles que possuem tendência para captar as informações ou vibrações espirituais da erraticidade, tendência a que atribuímos o nome de mediunidade. Não sei se lhe respondi satisfatoriamente.

— Mais do que satisfatoriamente. Estou encantado. Os livros que você citou contêm explicações tão claras quanto essas?

— Vamos fazer o seguinte: o senhor leva aqueles dois livros emprestados. Se gostar e quiser tê-los em casa para consultar sempre que tiver alguma dúvida, temos uma banca de vendas, a

preço de custo quando se trata das obras de Kardec. Se achar que precisa de esclarecimentos específicos, já que se confessou materialista, leve outro opúsculo que Kardec escreveu para objetar contra os argumentos de certas categorias de intelectuais: *O que é o Espiritismo?* Eu acho que esta obra vai cair direitinho naquilo que é do seu interesse.

Mirtes pareceu a Prisco muito mais capacitada do que sua aparência de juventude poderia fazer crer. Ia pensando tratar-se de uma espécie de preconceito machista, quando se lembrou da inteligência superior de Eulália, a quem admirava, brincando que era inspirada pela deusa Minerva.

Naquele momento, houve um burburinho no auditório, indicando que o povo dava vazão aos pensamentos e sentimentos que contivera durante a palestra.

— Vamos entrar, para eu lhe apresentar os meus colegas, todos voluntários e sempre bem dispostos a praticar com os novatos.

Prisco se enredou no verbo *praticar*, não atinando logo que estava na acepção de *conversar*. Entretanto, precisou atender ao chamado telefônico. Era o pai solicitando que fosse imediatamente ao velório. Dona Maria estava chamando-o.

As apresentações se adiaram e Prisco saiu carregando os três livros, já desinteressado de seu conteúdo.

6. ARTIMANHAS DE DONA MARIA

Prisco chegou em prantos ao portão do cemitério. Havia deixado o carro num estacionamento ali defronte e seguira a pé o curto trecho até a entrada, percurso deserto naquela hora. Recordou-se de que incompreensivelmente dormira à tarde após o falecimento da menina, não entendendo a razão de não se haver envolvido no triste episódio. Agora imaginava o desespero da mãe ao ver a filha transida de dor, culpando-se pela tragédia.

Entrou na alameda principal, em cujo término se situava o prédio destinado aos velórios. Caminhou uns passos mas se sentiu quase a desfalecer, precisando sentar-se sobre a lápide do túmulo mais próximo.

Colocou a cabeça entre as pernas, fazendo o sangue descer à cabeça. Não queria ceder ao abatimento. Foi quando percebeu aproximar-se dele multidão de espíritos, como em procissão. Vinham, mostravam as fisionomias e afastavam-se, sem transmitir-lhe nenhuma mensagem, como se fossem transeuntes em movimentada via pública.

Não se apavorou, acabando até por imaginar-se cumprimentando cada um deles.

Quanto tempo ficou, não foi capaz de definir. Pelo volume de entidades que se apresentaram, tinha a ideia de que permanecera mais de hora. Quis erguer-se e conseguiu com facilidade, já que a tontura havia passado completamente. O relógio demonstrou-lhe que ficara ali, no máximo, dois minutos.

“Será que se tratou dos espíritos das pessoas aqui enterradas?”

Perguntou e de imediato lhe veio a refutação à mente, definindo a impropriedade da conjectura pela vaga noção que lembrou contida nas observações de Mirtes, qual seja, a de que os espíritos evoluem, indo e vindo por toda a parte na erraticidade.

Seria o cemitério uma prisão? Se fosse, seria pura arbitrariedade de Deus, o que chocaria com a mais elementar ideia de justiça.

O prédio estava iluminado por *spots* de luz clara, de modo que foi fácil divisar a certa distância que os pais o esperavam à entrada.

Adiantou-se a mãe a recebê-lo, abraçando-o demoradamente. Finalmente o soltou mas não deixou de perguntar-lhe, olhando-o fixamente nos olhos:

— Você realmente está bem? A vermelhidão de sua vista e esse inchaço das pálpebras estão a indicar que você esteve chorando. Hoje à tarde, o culpado foi o sol. À noite, o luar não vai ser a sua desculpa. Se você não reagir, não começar a pensar em que a vida continua, vai acabar ficando doente e as doenças provocadas pelos sofrimentos são terríveis. Você deve saber disso melhor do que eu.

— Mãe, você tem a razão no que está dizendo. Tanto eu compreendi o que disse, que estou vindo de um centro espírita, onde ouvi falar em que os espíritos são as almas das pessoas que morreram e que elas continuam existindo, permanecendo junto a nós.

— A doutrina espírita é boa para consolar os que perdem parentes e amigos queridos. A religião católica envia as almas para o purgatório, em geral; raramente ao paraíso. Algumas, as dos criminosos e pessoas maldosas, em pecado mortal, caem diretamente no inferno, de onde não vão sair nunca mais, nem para ouvir o pronunciamento de Deus no dia do juízo.

Prisco não atinava aonde a mãe queria chegar. Aguardou que ela expusesse livremente as ideias, para extrair-lhes o objetivo. Mas Dona Maria se conteve, convidando-o a entrar:

— A mãe da menina precisou ser levada embora. Deram-lhe um sedativo muito forte, porque ela não parava de gritar. Todo o mundo tentou acalmá-la, mas foi impossível. O marido não conseguiu se aproximar dela. Os tios da menina disseram que ele falava em acabar com a vida, ameaçando também a esposa,

afirmando que ela fora culpada de tudo. Agora o pior já passou. As pessoas presentes são vizinhos e colegas do casal. Os parentes vão voltar de manhã para o enterro.

Vendo que a velha não se abria, Prisco não se conteve:

— Por que, em lugar de vocês irem ao centro espírita, me pediram para que eu os viesse buscar. Fossem de táxi.

O pai quis auxiliar:

— Existe uma pessoa que...

Foi interrompido pela mulher, que não queria revelar a intenção com que o chamara:

— Eu achei que você bem podia estar precisando de um motivo para retirar-se, porque essas reuniões costumam para acabar e o pessoal, com certeza, ia querer conversar com você a respeito de muitas coisas. Quis evitar um aborrecimento.

— Dona Maria...

— Até você, filho?!...

— Quem é essa pessoa que o pai ia mencionar?

— É uma moça...

— Não me venha com essa. Não é muito cedo pra bancar a casamenteira?

Joaquim interferiu:

— Ouça o que a sua mãe tem a dizer.

— Janete é o nome dela.

— Se você me chamou aqui pra isso, perdeu o seu e o meu tempo. Eu nem vou entrar aí. Vou esperar vocês no portão.

Disse e saiu, deixando os velhos sem saber como reagir.

Ainda ouviu a mãe dizer:

— Nós já vamos alcançá-lo. Só vamos nos despedir das pessoas.

No portão principal, Prisco ficou a observar os carros passando, distraído-se com a ideia de que poderiam também estar passando veículos a conduzir espíritos, já que o mundo do lado de lá estava concretizando-se em sua mente.

“Será que vou encontrar nos livros de Kardec uma descrição do plano espiritual?”

Surpreendeu-lhe a questão, uma vez que se havia determinado a deixar as obras de lado.

Olhava para a rua. Não percebeu, portanto, que os pais chegaram acompanhados de Janete.

Quando se voltou, deparou-se com uma senhora jovem, bem vestida, sem maquiagem, cabelos loiros presos ao lado, escorridos nos ombros. Os olhos translúcidos lembravam-lhe vagamente alguém de seu passado.

Janete comentou com Dona Maria:

— Eu não lhe disse que ele não ia me reconhecer? Nós éramos crianças, quando frequentamos a escola juntos. Mas eu posso afirmar que não iria deixar de reconhecê-lo.

Prisco apenas estendeu o mão, desculpando-se:

— Você me perdoe, mas não estou lembrado. Parece que seu olhar não me é estranho. Contudo, o seu nome não repercute na minha memória.

Dona Maria aparteou:

— Nós não jantamos ainda. Estamos com fome. Você nos leva a uma cantina?

Prisco percebeu que a mãe não desistira de apanhá-lo na armadilha. Mas não pôde fugir à solicitação.

— Vamos ao *Cicchetto di Cristallo*. Você conhece essa pizzeria?

Estabelecia-se o relacionamento. Prisco queria tirar a má impressão que deixara. Depois, precisava distrair-se...

7. JANETE

— Janete, faz tempo que você está velando a defuntinha?

— A verdade é que sempre passo por aqui quando retorno do trabalho. Eu gosto de medir a dor dos parentes...

— Macabra distração!

— Expressei-me muitíssimo mal. Não é que eu goste, mas conforta-me saber que existem pessoas mais infelizes e que as lágrimas que chorei não significaram grande coisa perto da dor, por exemplo, da pobre mulher que perdeu a filha hoje.

— Assim mesmo, fico arrepiado só em pensar em aguentar de novo o desespero das mães nessa situação.

— O meu carro está na rua. Eu levo sua mãe e você vai com seu pai.

Prisco pensou em que era uma boa oportunidade para as duas *tricotarem* à vontade. Considerou também que não iria precisar contar os momentos trágicos de sua vida nem fazer fé de suas convicções filosóficas e religiosas.

Com o pai no carro, pôde pôr a limpo o que Janete contara a eles:

— Que moça esquisita, pai. Sabe que eu não me recordo dela? Que é que ela faz na vida?

— Ela administra um negócio para o pai. Estão muito bem, segundo entendi. Sua mãe é que conversou mais com ela.

— Quem é que ela perdeu?

— Se ela disse, não prestei atenção. O que notei é que o pessoal do cemitério a trata muito bem, com formalidade e respeito. Acho que ela comparece aos velórios para cobrir as despesas dos mais pobres.

— Uma boa alma, em suma.

— Eu vi quando ela acalmou o pai da menina. O homem estava guardado pelos irmãos, meio alucinado. Ela chegou e levou o rapaz

para outra sala. Quando voltaram, ele vinha enxugando as lágrimas. Ambos foram ao pé do caixão lacrado e oraram em silêncio. Antes de ir embora, o jovem deu um demorado abraço nela, saindo tranquilo, atrás da esposa amparada pelos familiares.

— Ela falou a respeito da religião que segue?

— Ela é espírita, pelo que entendi. Mas você vai poder tirar as suas dúvidas logo.

— Eu estou achando que ela atendeu muito depressa ao apelo da minha mãe.

— Elas falaram bastante a seu respeito, a ponto de pedir que a gente o chamasse para revê-lo.

— Deve ter ficado decepcionada por eu não tê-la reconhecido.

— Ela tinha previsto isso. Mas é esquisito que você não se lembre dela, já que era a melhor aluna da escola.

— Eu nunca me interessei pelas colegas. Mas agora não vem ao caso. Por certo ela vai contar algum fato que me faça lembrar dela.

O carro da moça ia na frente, de forma que, ao chegarem ao restaurante, ela entrou primeiro no estacionamento, ocupando uma vaga de ocasião, já que um freguês estava saindo. Prisco precisou largar as chaves com um manobrista, que prometeu estacionar o carro na primeira vaga que se abrisse.

O restaurante estava cheio. O cheiro de churrasco dominava o ambiente, sem que se notasse a fumaça da gordura caindo sobre as brasas. Para obter-se uma mesa, foi preciso solicitar senha ao *maître*. Foram encaminhados ao balcão do bar, onde poderiam começar pelas bebidas. Foi aí que Janete e Prisco ficaram juntos, enquanto Maria e Joaquim se situaram alguns tamboretas adiante.

Ambos pediram cerveja sem álcool, Prisco, para imitar a moça.

— Janete, que é que você tem contra as bebidas alcoólicas?

— Aprendi com meu pai. Ele também não bebe e, quando lhe fazem essa pergunta, responde que o álcool é que tem alguma coisa contra ele.

— Eu faço questão de tomar um vinho de boa safra. Você vai incomodar-se se eu fizer acompanhar a comida com um *vin de table* importado?

— Desde que você não exagere. Não se esqueça de que vai dirigir.

— Se eu ficar bêbedo, o que raramente acontece, peço para o restaurante me levar. Os manobristas gostam de ganhar um extra.

— Quando sua mulher era viva, isso aconteceu alguma vez?

— Agora você me pegou. Só aconteceu nos últimos três meses, depois que eu a enterrei. Parece que minha mãe a pôs a par da minha desgraça.

— Sem dúvida. E seu pai deve ter dito por que eu falei a respeito das lágrimas que verti na vida.

— Eu bem que perguntei, mas ele não disse nada.

— Pois eu perdi meu noivo num desastre, três dias antes da cerimônia. Fiquei desesperada. O que me valeu foi minha crença em Deus e nos espíritos que me protegem. Eles me deram força e me pediram para frequentar o cemitério, dando conforto às pessoas, sempre que possível.

— Meu pai disse que você ajuda os pobres.

— Raramente. O que eu mais faço é providenciar algumas coroas de flores, quando ninguém da família ou entre os amigos tem condições de comprá-las. Você precisa ver o efeito benéfico que elas causam no ânimo dos enlutados. Parece uma coisa boba e supérflua, mas é uma providência bastante oportuna. Contudo, é preciso tomar cuidado que existem os orgulhosos que não aceitam nenhum tipo de ajuda. Aí os funcionários me avisam e eu mando vir uma ou duas coroas com expressões como *Dos amigos, que não vão esquecer-se de você* ou *Dos colegas de serviço, que rogam pelo bem-estar de sua alma*. O pessoal da floricultura já está acostumado e varia as frases.

— Esse seu cuidado é muito bonito. Você está de parabéns, mesmo.

Naquele momento, liberou-se uma mesa e eles foram chamados.

A conversa durante o jantar girou em torno do trabalho de cada um, tendo Janete ficado por demais impressionada com a projeção internacional de Prisco, um quase desconhecido no Brasil.

— Quer dizer que você já participou de várias bandas *flamencas* e agora segue uma carreira solo, com três CDs. à venda. Eu não me lembro de você tocando nas festas da escola.

— Eu também não vi você nas revistas nem nas entrevistas na televisão. E fomos encontrar-nos num lugar bem pouco provável...

— Se você não tivesse saído ao sol, não tivesse sido levado para aquele ambulatório, a menina não se tivesse queimado hoje, seus pais não cismassem de acompanhar a pobre família...

— Não me diga que tanta desgraça foi causada para nos encontrarmos.

— Eu não acredito nisso — acabou participando Dona Maria.
— Eu acho que haveria outros meios de vocês se encontrarem. O que houve foi uma coincidência, principalmente porque Janete criou o hábito de ir ao cemitério consolar o povo.

Joaquim quis expressar uma ideia que achou no meio de suas divagações religiosas:

— Vocês atenderam ao convite para as bodas do filho do rei. Muita gente se recusou a comparecer e acabou onde há ranger de dentes e outras coisas mais.

— Pai, que é que isso tem de ver com o assunto?

— Meu filho, é fácil: se vocês não se encontrassem, nós não estaríamos agora falando a respeito. E, se cada um tivesse achado um outro colega, estariam combinando as circunstâncias para atribuir aos protetores espirituais a feliz coincidência. Tudo no mundo vai acontecendo conforme uma sucessão de causas e efeitos. Nada está predeterminado, senão não haveria como exercer a vontade, o livre-arbítrio.

Janete admirou-se com a exposição e não regateou elogios:

— *Seu Joaquim*, quem diria. O senhor está saindo um kardecista perfeito. Parabéns. Nem o presidente do centro diria isto com tamanha precisão. Aliás, bem pensando, o que tenho ouvido mais frequentemente é o contrário, ou seja, que o acaso não existe e que tudo se escreve no plano da espiritualidade, tornando-se as pessoas verdadeiras marionetes nas mãos dos sagazes construtores do destino, como se fosse possível prever todas as injunções e conjunções dos azares do mundo. Se fosse assim, vamos convir, ninguém atearia fogo sem querer em sua fábrica de fogos de artifício, mas seria sempre por obsessão diabólica de espíritos malignos. E assim todas as desgraças que ocorrem. Podem reparar, quando as coisas são boas, foram os protetores; quando são ruins, foi por maldade dos humanos e dos seres descontentes com a justiça de Deus, que escreve direito sobre linhas tortas.

Prisco, que observava que os pais haviam parado de mastigar para ouvir a moça, aproveitou para propor um brinde:

— Todos vamos erguer as nossas taças e beber à saúde e felicidade de nossa anfitriã moral e espiritual. Janete, que a sua presença entre nós repita o afeto que você demonstra pelos coitadinhos que sofrem. Pelo que pude compreender, você se interessou por me ver para me dar o mesmo apoio que costuma propiciar aos pobres. Eu lhe agradeço e peço, comovido, aos seus guias que nos orientem e estimulem, para que superemos as crises que a tristeza nos produz.

Dona Maria deixava escorrer livremente as lágrimas.

Após tocarem os copos, todos compenetrados pela seriedade do brinde, Janete propôs:

— O vinho está muito gostoso, mas um gole é suficiente. Para finalizar, gostaria de pedir que todos tomassem um ou dois copos de água de coco, porque temos aqui uma pessoa que não pode desidratar-se; ao contrário, que precisa de componentes minerais para restabelecer o equilíbrio homeostático orgânico.

Na saída, já haviam trocado os endereços e os números dos telefones, prometendo que iriam encontrar-se de novo para porem em dia todas as informações relativas ao progresso da cura moral de Prisco. Desculpa para se verem sozinhos.

8. NA CAMA

la alta a madrugada quando Prisco resolveu que era hora de deitar-se. Dedilhara temas do cancionero espanhol, nada em que se empenhasse artisticamente, mas, dado o aparato técnico, tornara as canções perfeitas do ponto de vista da execução. Fora um verdadeiro exercício que lhe manteve a mente ocupada para não refletir sobre os eventos do dia.

Estava, porém, sem sono, de sorte que a lucidez dos pensamentos lhe impôs o fruto da meditação que outorgara ao inconsciente:

“Caso eu me dedicasse a escrever a história de minhas atitudes, os leitores iriam estranhar sobremaneira o fato de eu ter iniciado cantando a infelicidade de haver perdido Eulália, terminando por me interessar por Janete. Eu precisaria explicar que o organismo sente o jejum a que o tenho forçado, de forma que a presença de outra mulher o estimulou para reações meramente físicas.”

Não gostou da linha que impregnou às ideias, censurando-se quanto ao fato de imaginar-se perante um tribunal:

“Eu não cantei a minha infelicidade. Estava realmente infeliz. Eulália, por favor, se você se acha entre a multidão de espíritos que me cerca neste momento, perdoe-me a desculpa esfarrapada pelo desejo que senti de permanecer conversando com Janete.”

Atinou com outra terrível contradição:

“Como é que, sem conhecer absolutamente nada da doutrina espírita, eu me atrevo a suspeitar a existência de um mundo extracorpóreo, imaterial, colocando nele entidades que viveram outrora encarnadas como eu? A moça do centro — como é mesmo o seu nome? — Mirtes, pareceu-me bastante segura de minha capacidade de entendimento, tanto que me deu os livros para ler.

Por que eu não me levanto e apanho um deles e não me ponho a folheá-lo, adquirindo as noções mais fundamentais que me estão fazendo falta?”

Perguntou mas a única reação que teve foi de revirar-se na cama, buscando a posição que lhe favorecia o sono. Foi quando surgiu-lhe no campo da visão a figura do velho, exatamente como o vira ao voltar-se na cama do ambulatório. Precisou esfregar os olhos para desfazer a nitidez da imagem, apesar da semi-obscuridade em que estava imerso.

“Eu pedi para que surgisse Eulália e vejo este pobre andrajo, inexpressivo em sua máscara de moribundo, retrato da desgraça humana, fazendo crer em que perecer na flor da idade, como Eulália, seja perpetuar a juventude.”

Confundiram-se em sua memória a filhinha recém-nascida, que morrera em seu colo, e a mortalha branca que envolvia o volume do pequeno corpo da *santinha*. A figura cadavérica do velho parecia rir tetricamente da confusão em que ia a mente do violonista, agora com o sono a oferecer-lhe, definitivamente, seu regaço de iniquidade.

Ainda lhe perpassou pelo cérebro a sensação escaldante da areia sob os pés e a queda no vazio de um despenhadeiro, que lhe eliminou a compreensão do encadear de causas e efeitos, como se a inteligência abrangesse num ápice de tempo todo o passado transformado num presente que ele era incapaz de dominar.

Em pleno sonho, pensava estar desperto e prosseguia a refletir desassisado:

“Minha querida Janete, esta criatura sem nome é a filha que Deus me levou juntamente com Eulália. Se você puder transformar-se nela, como vejo que está ocorrendo, fale comigo e me acalente o amor que se esvaiu com o fogo que abrasou meus dedos sobre as cordas, fazendo vibrar o ar e enchendo-me o coração de ternura. Se eu puder ficar neste plano etéreo para sempre, não vou cuidar de mim nem de minha existência, mas vou agradecer o estado de

letargia em que permaneci desacordado até despertar para a brancura de uma tenda hospitalar.”

Mecanicamente, a recordação da vigília fez que se voltasse na cama, mudando o centro de interesse das longínquas composições mentais:

“Quem há de ser tão poderoso a ponto de espatifar os corações, matando os seres amados como a sonoridade cava de um violão que se despedaça contra a parede, emitindo seu derradeiro grito de lamentação e extrema agonia?”

A partir desse ponto a rapidez das imagens fez desaparecer a concatenação das frases, de sorte que se via a correr sem destino, sob um sol a pino, observando que todo o povo avançava mais veloz que ele, cada uma das pessoas virando-se para espreitar-lhe a fisionomia, sem denotar emoção. Era com naturalidade que encarava o povo, muitos misteriosamente passando rápidos, sentados à mesa, comendo e bebendo, rindo e conversando, sem qualquer alteração do ríctus facial.

A partir desse ponto, o sonho se tornou pesadelo, com túmulos abertos e defuntos carregando cruces, em interminável procissão que adentrava um prédio imenso todo iluminado, recebidos por um casal de anfitriões, um casal de jovens sorridentes em que reconheceu os pais.

Era a última cena de que teria lembrança de manhã ao acordar. Sabia que continuara a se debater com visões que o forçavam a rogar pela clemência do Criador, mas estranhava a impressão de que, se não entoasse as cantigas de sua arte, a voz não ecoaria no espaço ao redor.

Acordou cansado, ouvindo ao longe o apelo estridente do telefone. Fugindo ao hábito, deixou-se ficar na cama até extinguir-se o chamado eletrônico. Mais tarde, ouviria o recado gravado do frustrado interlocutor.

9. BARTIRA

Prisco venceu a languidez que o prendia ao leito e se dirigiu ao banheiro para realizar sua higiene matinal. Sentiu o corpo flácido, bem diferente daquele que o conduzira no dia anterior a caminhar pela praia. O banho quente relaxou-o ainda mais, dando-lhe a sensação de que o melhor seria voltar a dormir.

Em vez disso, avaliou-se no espelho, decidindo que estava na hora de fazer a barba. Foi quando reparou que os olhos se deixavam adornar por profundas olheiras.

“Noite de cão. Não podia ter deitado cedo? Agora vou ter de me apresentar como se todo o sofrimento do mundo recaísse sobre minhas costas.”

Eram nove horas passadas quando pediu a Bartira que lhe preparasse o café, recomendando-lhe que descascasse e picasse alguma fruta fresca que estivesse gelada. Avisou-a que iria pegar os recados telefônicos, sem receber dela nenhuma informação nesse sentido.

Na secretária eletrônica, registrava-se apenas o pedido para que ligasse para determinado número, número que reconheceu como sendo de seu empresário para *shows*.

“O Alfredinho vai ter de esperar. Preciso, antes de falar com ele, avaliar se estou me sentindo suficientemente lúcido para auxiliá-lo a decidir em quais eventos poderei atuar.”

Contemplou-se de novo no espelho da sala de estar, achando-se mais guapo e formoso, posto que as manchas lívidas se mantivessem onde as havia encontrado.

Na cozinha, Bartira, consultada, afiançou:

— Se o senhor colocar um bife em cada olho, vai ver que essa olheira vai passar.

— Essa de bife, eu já sabia. Quero que você me diga se estou com alguma mandinga, algum quebranto...

— Sou preta e velha mas não sou benzedeira.

— Você não me disse que toda sexta-feira vai rodar a baiana no terreiro?...

— Mais respeito com a minha crença.

— Eu falei alguma bobagem?

— Eu não vou fazer isso que o senhor está dizendo. Eu vou rezar e pedir por todas as pessoas que precisam de oração.

— Você reza por mim?

— Com Dona Eulália viva, nunca achei que o senhor precisasse. Depois que ela morreu, a toda a hora, eu peço aos guias que auxiliem o senhor.

— E eles, o que têm respondido?

— E eu sei lá? Eu acho que eles estão cuidando do senhor, tanto que o senhor esteve no centro espírita ontem.

— Quem lhe contou?

— Dona Maria, ora essa. Quem mais poderia ser?

— Então, ela ligou...

— Ela esteve aqui hoje bem cedo, arrumando as coisas que o senhor vai doar ao centro.

— Ela entrou no quarto?

— Se entrou, eu não vi. As trouxas de roupas estão na sala da frente.

— Bartira, eu acho que não vou querer este leite quente. Me dá o gelado.

— Eu esquentei tudo. O senhor quer que eu abra uma caixinha do armário?

— O que tem gelado?

— Tem suco de uva e de maracujá.

— Me faz um copo de suco de maracujá, com bastante gelo. Ou melhor, encha a jarra que eu vou levar pro escritório. Enquanto

isso, vou comer esta salada de frutas. Tem iogurte pra eu pôr por cima?

A empregada abriu a geladeira e apanhou os frascos e o gelo. Passou dois copinhos de iogurte natural para o patrão, que os despejou no prato em que depositara as frutas picadas.

Quando o suco foi posto em sua frente, ele pegou um guardanapo de pano, mergulhou a colher na jarra, catando umas pedras de gelo, embrulhando-as e levando aquela trouxinha gelada à olheira do lado direito.

— Eu acho que isto vai substituir o seu bife.

Bartira deu de ombros e perguntou se poderia desfazer a mesa.

— Ainda não terminei, mulher de Deus! Está nervosa hoje?

— Nem um pouquinho. Só que eu não quero perder o emprego. Na minha idade, nenhuma família vai me querer mais.

— Quem lhe falou em perder o emprego?

— Dona Maria disse que o senhor conheceu uma moça ontem e que ela é muito rica, com muitos empregados, copeiras, arrumadeiras e até mordomo.

— A minha mãe não está a par de nada. Só porque eu conversei com uma antiga colega de escola, não quer dizer que vá me mudar daqui. Uma de vocês duas deve estar caducando.

Foi a vez de o olho esquerdo receber o influxo da friagem, com água escorrendo já sobre o prato vazio.

— Sua mãe me perguntou se eu conhecia a moça, Dona Janete. Ela disse que frequenta um centro espírita. Eu respondi que conheço uma Janete, que não é rica e está desempregada. Acho que não é essa.

— Claro que não Bartira. Você ouviu falar do caso da menina que morreu queimada?

— Ontem mesmo. Quando seu pai ligou avisando que o senhor estava no hospital, disse que a menina tinha morrido. Mas eu não conhecia bem a família. Sei onde moram. Quando eu vinha vindo,

eles estavam saindo. Havia muita gente. Eu rezei bastante porque achei que aquele povo estava precisando.

— Bartira, você incorpora alguma entidade?

— Incorporo, sim.

— Algum preto velho?

— O que vier.

— Algum índio ou índia?

— Sim.

— O seu nome tem alguma influência, por se tratar de um nome indígena?

— Não tem nada a ver.

— É verdade, se eu incorporasse algum espírito, pelo meu nome, deveria ser um romano antigo. Bobagem minha. Você já leu algum livro de Kardec?

— Quem?

— Allan Kardec. Dizem que escreveu a respeito do espiritismo. Eu estou com três livros dele.

— Foi ele quem emprestou pro senhor?

— Não, querida. Ele já morreu faz tempo. Estou vendo que a sua religião nem leva em conta essa ilustre personagem. Não faz mal. Quando eu precisar saber mais sobre o terreiro, vou perguntar-lhe com todo o respeito. Agora você pode limpar a mesa.

Bartira gostava de prostrar-se com o patrão. Naquela manhã percebeu que seu emprego perigava realmente, porque os assuntos mostravam que Prisco não estava tão infeliz quanto a máscara que pusera no rosto indicava.

10. A DIVA

Quando Prisco ligou para Alfredinho, ficou sabendo que a célebre cantora e bailarina Gertrudes, *La Flor de España*, estava requisitando seus serviços em *tournee* pelas Américas. Era oportunidade que não podia desperdiçar. Sendo assim, marcou encontro para aquela manhã mesmo, afiançando que assinaria o contrato sem condições.

“Creio, pensou, que executar meu violão profissionalmente vai me absorver ainda mais do que ficar cantando por saudade e por egoísmo.”

Refletiu sobre ser por egoísmo, concluindo:

“É claro que é. Apesar de haver multidão de seres a ouvir, com certeza eles se deixam impregnar muito mais pela tristeza de meus sentimentos do que pelo virtuosismo técnico das interpretações.”

Pensou e de imediato imergiu numa série de ondas de vibrações mentais, como se recebesse o impacto de comunicações mediúnicas, já que não tinha como atribuir a rapidez das ideias ao próprio cérebro. Foi assim que, sem poder controlar a enxurrada de pensamentos, estabeleceu que o princípio que havia enunciado era de quem conhecesse profundamente a teoria espírita, uma vez que ele jamais ouvira alguém dizer que os espíritos poderiam admirar a *performance* humana, quando deveriam possuir a seu alcance artistas muito mais perfeitos, entoando canções e tangendo instrumentos apropriados ao seu meio ambiente. Também lhe veio ao limiar do cérebro a intuição de que haveria aqueles nutrindo aspirações carnis, fanáticos pela expressão do cancionero andaluz, que se empolgariam com ouvi-lo, ainda que movido pela dor, pela desesperação, pela estupidez em acreditar que iria, esbanjando talento, alcançar amenizar a sensação de perda dos entes queridos.

Preparou-se automaticamente para sair e, quando deu de si, chegava ao estúdio.

Gertrudes estava uma fera. Após soltar inúmeros impropérios, dirigiu-se ao violonista com o empenho das almas ardentes, dizendo-lhe que ele seria a salvação dela e de seu malfadado empresário, o qual havia deixado para assumir compromisso com a orquestra no Brasil, quando ela estava já de volta à Espanha, desencontrando-se no caminho.

— Meu querido, tu vais ter de fazer as vezes da banda inteira.

— Pode falar em espanhol, que eu entendo perfeitamente.

— E de que terão servido os doze anos que passei em Portugal? Eu até estou a aprender certos modismos e trejeitos brasileiros, sem falar na gíngua das mulatas que quiseram pôr no palco comigo. Isto aqui está um banzé, uma *zorra*, uma baderna, com perdão da memória da patrícia.

— Posso ter acesso ao repertório?

— Fica à vontade. Eu só quero ter a certeza de que tu vais dar conta do recado.

Prisco tirou da capa a guitarra que havia levado, dedilhou-a para sentir-lhe a afinação, inquireu se estava de acordo com o timbre da voz da cantora e, à vista da concordância, demonstrou conhecer três partituras que imaginava constar do rol das apresentações.

Enquanto tocava para aquele público seleta, percebeu que nunca mais iria desempenhar seu instrumento sem conjeturar em que estaria sendo ouvido e observado pelas criaturas da espiritualidade. Não se perturbou, contudo; ao contrário, esmerou-se ainda mais, enquanto alimentava a esperança de que poderiam as entidades estarem amparando-o.

Quando terminou, Gertrudes o abraçou demoradamente, enquanto os demais o aplaudiram com entusiasmo.

Alfredinho chegou mesmo a observar:

— Você adquiriu um tom apaixonado que nunca havia demonstrado antes. Tem praticado. Não negue.

Prisco ficou meio sem jeito, desejando fazer segredo dos recitais particulares. Por isso, arrematou:

— Tenho feito o que sei fazer melhor. Só isso. Se tiver sido aprovado, como parece que fui, vamos trabalhar.

De fato, salvo ligeira interrupção para um lanche, toda a tarde foi dedicada aos ensaios. Com as marcações decoradas, às cinco horas, solicitou permissão para descansar, já que, naquela mesma noite, Gertrudes estrearia numa sala de espetáculos do circuito turístico da cidade.

Em casa, Prisco fez várias ligações, avisando os pais e convidando Janete para a apresentação. Era o único convite a que tivera direito, aliás, por instante pedido dele.

— Posso fazer-me acompanhar por minha irmã? — pediu-lhe Janete.

— Faço questão de sua presença. Se esse for o preço que terei de pagar...

— Não seja mal educado. Eu bem que estava pretendendo pagar o ingresso dela.

— Desculpe o mal-entendido. Estava só fazendo uma brincadeira.

— E eu não?!...

— De qualquer modo, minha cara, eu acho que não existem mais ingressos à venda. Quando chegar, se houver problema que a minha recomendação na entrada não resolver, peça para falar comigo. É bom chegar com pelo menos uma hora de antecedência.

O mais foram tratativas de encontro no *foyer* do teatro, onde Prisco iria buscá-las para levá-las a conhecer a diva espanhola e, talvez, ao tradicional passeio festivo da glotonaria após o espetáculo. Era um programa que avançaria pela madrugada.

11. MOMENTO DE LAZER

Prisco esperou que Bartira fosse embora, para descansar. A boa empregada, avisada a tempo para preparar-lhe a roupa da apresentação, deixou-a separada, limpa e passada, devidamente resguardada em plásticos e capas, pronta para ser transportada e vestida no camarim do teatro.

Fechada a porta da frente, o violonista viu-se perante duas horas vazias. Ao invés de procurar dormir, talvez pelo agitado dia de ensaios ou pela expectativa do teste público da noite, desejou tomar seu primeiro contato com as obras de Kardec.

“Mirtes me recomendou em especial este *O que é o Espiritismo? Vamos ver por quê.*”

Abriu e logo se deparou com os dizeres da página de rosto: “*Introdução ao conhecimento do mundo invisível pelas manifestações dos espíritos e contendo o resumo dos princípios da doutrina espírita e a resposta às principais objeções, por Allan Kardec.*”

“Não há dúvida de que o conteúdo anunciado está no centro de minhas reflexões. Se ficar bem claro como é que os espíritos demonstram o que existe no campo espiritual (*mundo invisível*, como se registra) para mim já basta. Acrescentar o resumo da doutrina e os argumentos que refutam as objeções, vai ser de suprema valia.”

Em corpo menor, havia alguns textos em francês, com as respectivas traduções: “Hors la charité, point de salut. (Fora da caridade, não existe salvação.) Naître, mourir, renaître encore et progresser sans cesse, telle est la loi. (Nascer, morrer, renascer ainda e progredir sem parar, tal é a lei.) Il n’y a de foi inébranlable que celle qui peut regarder la raison face à tous les âges de

l'humanité. (Só é inabalável a fé que consegue defrontar a razão em todas as épocas da humanidade.)”

Prisco tentou levar suas considerações avante, mas esbarrou com certos preconceitos arraigados na mente:

“Se não existe salvação fora da caridade, é evidente que Deus, sendo a própria expressão do amor e da caridade, não irá deixar, portanto, nenhuma de suas criaturas ao desamparo. Acho essa máxima um tanto redundante. Quanto a nascer, morrer etc., trata-se de uma lei tal qual se apresenta para os homens, neste rincão do universo. Quem estiver merecendo adentrar o reino de Deus, conforme o que eu conheço das palavras de Jesus, subtrai-se ao rigor dessa lei, que deixa de ser válida naquela circunstância. É notável, porém, que a fé esteja equiparada à razão, como se não pudesse existir sem ela. Sempre entendi que as razões do coração são mais poderosas do que as da inteligência. Mas é lógico que, quanto maior o entendimento da verdade, mais sentido se dá aos sentimentos. Se eu não tivesse entendido direito a perda de Eulália, talvez não sofresse tanto.”

Suspendeu a linha de pensamentos pela dúvida que lhe surgiu:

“E se, como querem os espíritas, Eulália só está frequentando outro ambiente, tão vivaz ou mais do que aqui, com certeza, mais consciente da existência dessas duas naturezas diferentes? Aí a razão vai basear-se nesse conhecimento e vai amenizar qualquer sofrimento que eu tenha, criando-me a esperança de reencontrá-la no futuro. É nesse sentido, evidentemente, que a fé vai conseguir defrontar a razão.”

Antes de voltar a página, observou:

“Se a minha leitura levar-me a tantas considerações para cada trecho ou passagem, nunca vou chegar ao final do livro.”

Mergulhou um pouco mais fundo na reflexão, terminando por suspeitar que poderia estar recebendo ajuda das entidades espirituais.

Ficou contente com o *andar da carruagem*, conforme sua própria expressão, e virou a página do livro, deparando-se com a abertura:

“O Espiritismo — 3.^a Revelação da lei de Deus — Aperfeiçoamento da religião espiritual. O Espírito de Verdade anunciado por Jesus (*O Evangelho Segundo São João*, cap. XIV, 15 a 17 e 20). — *Seu alvo essencial é o melhoramento dos homens.* — Filosofia — Moral — Ciência.”

Empacou Prisco sem atinar com as duas revelações anteriores. Ainda assim, fez uma tentativa de adivinhação:

“Coube a Moisés receber o Decálogo. Se essa tiver sido a primeira revelação, foi Jesus quem enunciou a segunda. Quem será esse *Espírito de Verdade*? Vou deixar para entender depois, mesmo porque nem sei por onde anda a Bíblia de Eulália. Mas, se o alvo essencial é o melhoramento dos homens, o Espiritismo deve prestar um excelente serviço à sociedade, ainda mais se se pensar que se trata de uma filosofia, uma moral e uma ciência. Ou muito me engano ou esse Kardec estava pensando em reformar o mundo. Será que as pessoas que frequentam os centros espíritas têm a exata noção dessa perspectiva que se acha proposta desde o início?”

la ler a página intitulada *Preâmbulo*, quando soou o telefone:

— Pronto!

— É o pai. Acordei você?

— Tudo bem.

— Você quer que a gente vá ao concerto?

— Eu não faço questão, porque acho que vocês não vão encontrar ingressos, a não ser nas mãos dos cambistas. Se eu soubesse que vocês estavam querendo ir, não teria dado o único que recebi para a Janete.

— Se ela vai, Dona Maria vai ficar contente. Boa sorte!

Antes que Prisco reclamasse de algo, Joaquim desligou.

Com um gesto bastante calmo, colocou de volta o aparelho sem fio no pedestal, guardou o livro na estante e foi escanhoar-se de novo para o trabalho da noite.

12. A GLÓRIA

Cerca de uma hora antes de se iniciar o espetáculo, chegou Prisco ao teatro, dirigindo-se logo para o camarim, com o valete que lhe fora designado. Cláudio era um rapagão solerte e despachado, rápido de raciocínio e conhecedor do ofício. Por isso, não trocaram palavra além do cumprimento de praxe.

Quinze minutos antes de entrar em cena, o violonista deu as instruções para que o rapaz reconhecesse e acompanhasse Janete e a irmã à ribalta. Desempenhada a tarefa a contento, logo Prisco cruzava com elas a caminho do palco, admirando-se da beleza de ambas, em noite de gala.

Postado do meio para o fundo do palco, atrás da cortina, de pé, apoiando-se no violão, logo à frente da cadeira, concentrando-se nas músicas do programa, esperou Prisco que as tradicionais marcações chamassem o público. Logo ouviu o gerente do espetáculo anunciando os artistas, destacando os méritos de ambos, destinando os maiores elogios a Gertrudes, *A Flor da Espanha*.

Assim que os panos se ergueram e um jato de luz atingiu o violonista, o auditório recebeu-o calorosamente. Prisco agradeceu, sentou-se e lançou os primeiros acordes, como a convidar a cantora a se apresentar.

Belíssima em seu traje de espanhola, o vermelho do tecido adornado por franjas amarelas, todo salpicado de coloridas miçangas, apareceu a dançarina para o primeiro sapateado, sob ardorosa execução de um *paso doble*.

Sucessivamente foram os números de canto, dança e de solo de guitarra sendo executados, durante hora e meia de espetáculo.

A febre musical assomou a mente e o coração dos artistas e contagiou o público aficionado, transbordante de alegria e de sensações carnavais da mais legítima euforia.

Prisco excedeu-se, completamente esquecido de todos os dramas pessoais. Tão perfeita a apresentação de ambos que redundaria dali um vídeo e um CD, produzidos com equipamentos de primeira geração. Desta feita ficaria registrada a *performance* inequivocamente superior da dupla, que, pela generosidade de cada um, se congregou para o efetivo êxito de ambos.

Gertrudes fez questão de chamar Prisco várias vezes ao palco durante a ovação de que se viu alvo, sempre crescendo os aplausos à sua presença. Ela mesma retirou da blusa um ramalhete de flores, o próprio símbolo de sua imagem internacional, e lhe entregou comovida, recebendo dele um respeitoso beijo nas mãos, que ele fizera tocar no peito.

A televisão mandara várias equipes de reportagem, todas empenhadíssimas em alcançar entrevistas exclusivas de cada um, fazendo que os cumprimentos dos próprios patrocinadores do evento demorasse mais de hora para acontecer.

Quando Prisco pôde fechar-se no camarim, entre inúmeros buquês e maços de flores, sentou-se exaurido e, pela primeira vez na vida, elevou os pensamentos para cumprimentar as entidades que julgava estar por ali, agradecendo o dom do extraordinário talento.

Cláudio esqueceu-se de quem era e abraçou o novel amigo, chegando às lágrimas.

— Meu rapaz, ajude-me a recompor-me, porque o povo aí fora está desejando consagrar mais de sua afeição à minha muito feliz pessoa.

Foram quinze minutos mais de expectativa, até que se aprumasse para receber os abraços dos presentes, muitos amigos e conhecidos, mas a maioria constituída de gente importante do governo local e do consulado espanhol, não faltando as figuras do embaixador e esposa.

Só com muito custo, Cláudio conseguiu introduzir Janete e a irmã, para os cumprimentos efusivos que se seguiram.

Janete apresentou a linda moça que a acompanhava:

— Esta é Bernardete, minha irmãzinha caçula.

— Muito prazer, querida. Gostou da nossa apresentação?

— Divina! Nunca na minha vida aplaudi com tanta força, a ponto de estarem minhas palmas doendo. Parabéns! Parabéns!

Prisco beijou-a três vezes nas faces, sentindo-lhe o doce aroma de perfume francês, na maciez da pele rosada.

Logo, porém, foi arrebatado dos braços da mocinha pelos fortes braços do empresário. Alfredinho estava simplesmente fora de si. Adivinhava um próspero futuro após a excursão que se iniciaria na manhã seguinte. Por isso, cercou de cuidados as mãos do violonista, envolvendo-as em toalhas úmidas, aquecidas, perfumadas, temeroso das câibras.

— Vamos cuidar para que nada aconteça que possa prejudicar os próximos *shows*. Estas mãos valem ouro.

Mas Prisco não ficou resguardado mais do que trinta segundos, logo precisando apertar a mão aos que se aproximavam, vindos dos cumprimentos à cantora.

Quando se formou o bando que iria festejar o sucesso da noite, passava da primeira hora da madrugada.

13. RUÍNA DE UM RELACIONAMENTO

O périplo artístico da dupla foi o maior sucesso. Estiveram em várias capitais na América do Sul e cidades importantes, sempre recebidos com muito carinho, precedidos da fama das apresentações anteriores. Através de bem montado sistema de propaganda, frequentaram os mais conceituados programas de entrevistas, onde executavam amostras de sua arte e aproveitavam para a divulgação dos espetáculos e dos produtos fonográficos.

Prisco caminhava na sombra de Gertrudes, sem se preocupar em projetar o nome, perfeito cavalheiro que reconhece seu lugar e se esmera por cumprir o melhor possível a função de coadjuvante. Apesar disso, ou por isso mesmo, sempre acabou chamando a atenção para si, especialmente junto ao público feminino, pela formosura de sua máscara de homem no apogeu dos quarenta anos de idade.

Dava-lhe um ar de tristeza a nostalgia dos tempos em que convivera e viajara na companhia de Eulália. Sadio mas magro, o rosto afilado, as maçãs salientes, os olhos encovados e a barba cerrada ressaltavam sua garrida trigueirice moura, em corpo espigado de mais de um metro e oitenta e cinco.

Gertrudes, que começara encantada pela atuação sempre magistral do acompanhante, percebeu que Prisco se destacava cada vez mais, sendo muitas vezes convidado para programas populares, ficando ela esquecida.

Desde que adotara o auditório virtual dos espíritos, Prisco achava natural executar peças, sem dar importância a vínculos empresariais ou de patrocínio, mesmo porque seu contrato rezava que deveria comparecer em tais espetáculos, sem restrição para qualquer outro evento paralelo.

Mordia-se a grande dama, impedida de realizar uma única e simples reclamação pela gentileza nunca desmentida do violonista.

Fazia-o, contudo, em tom jocoso, como se admirasse o desempenho do companheiro, dizendo-lhe que, na próxima turnê, não mais o levaria consigo.

De volta para a derradeira apresentação, estiveram juntos no programa de auditório mais sofisticado da televisão brasileira, quando Prisco teve oportunidade de responder a várias perguntas do entrevistador, demonstrando inteligência e senso de oportunidade.

— Y tú, ¿dónde eres? — foi-lhe perguntado.

— Soy del Río de Enero — respondeu, gracejando.

Ao que lhe retrucou o apresentador:

— Pero ¡no hablas portugués!

Tanto bastou para Prisco dedilhar os acordes do choro *Brasileirinho*, de Waldir Azevedo, provocando reação de muito agrado junto ao auditório, levando o entrevistador a dedicar-se ainda mais a ele.

Finda a entrevista, Gertrudes fechou o cenho e não mais conversou com o emérito violonista.

O espetáculo final da dupla, que contava com a presença maciça da mídia especializada, foi a menos entusiasta da parte da *Flor da Espanha* e a mais perfeita de Prisco, partindo ela para o Velho Mundo com despedida meramente cortês e despeitadamente agradecida.

Alfredinho, que tudo observara, canalizou a atividade empresarial para a busca de contratos que pudessem oferecer ao guitarrista a oportunidade de demonstrar a versatilidade na pátria de origem de sua arte, tendo alcançado êxito à vista dos vídeos que organizara.

Mal teve tempo Prisco de levar Janete a conhecer Mirtes, onde ouviram a palestra de um orador monótono, a perorar para um auditório sonolento. Perguntara ele por Bernardete, mas a irmã afiançou-lhe que se achava impedida, em plena semana das provas de habilitação para a faculdade.

No dia seguinte, embarcou para a Europa.

14. CORRESPONDÊNCIA

Um mês depois da partida, Prisco escreveu diversas cartas.

Aos pais, solicitava que fossem morar em seu apartamento, mantendo Bartira no posto, porque iria demorar para volver à pátria. Explicava que a temporada de inverno iria desdobrar-se num vantajoso contrato em que se incluíam excursões, apresentações mensais na televisão, produção de CD e atendimento a eventuais convites de casas noturnas ou de artistas de renome. Ficaria, caso o contrato não se renovasse, até dezembro.

A Janete, demonstrava que, finalmente, lhe colocara a figura no passado escolar, recordando-se dela, ou melhor, de seu olhar, numa juvenzinha de doze ou treze anos, várias séries de diferença, quando ele cursava o último ou penúltimo ano do segundo grau. Disse que a juventude de Bernardete o ajudara a remontar as visões que guardara do passado. Falava de Eulália, de como a havia conhecido quatro ou cinco anos depois, ela também vários anos mais nova. Contava como seria seu próximo ano de vida profissional, afirmando que a seriedade do contrato de longe punha as maliciosas condições brasileiras num terceiro mundismo da mais baixa categoria. Falava dos tópicos pessoais, em que ficava proibido de comparecer ao trabalho sob efeito do álcool, quais as multas no caso, como também qual seria o ressarcimento dos prejuízos que lhe causassem por falta de programação de atividades. Destacava o tópico do seguro contra acidentes, brincando que até poderia valer a pena ser atropelado. Prometia escrever outras vezes e exigia uma resposta para breve, porque, argumentava, a leitura das obras de Allan Kardec não iria substituir os jantares cuja lembrança era a muleta para ele passar as poucas horas livres de cada dia.

A Mirtes, comunicava que se havia informado a respeito das casas espíritas, tendo ficado sabendo que eram poucas, com atividades uma vez por semana, quase sempre para venda de livros

da codificação e exposições a respeito da doutrina a pessoas ou pequenos grupos. As que ousavam realizar sessões de desobsessão ou meramente de contato com entidades evocadas para notícias a familiares não permitiam o ingresso a estranhos, precisando os candidatos ser apresentados por pessoas conhecidas do grupo. Desconfiava de que essas associações zelavam pelo nome dos membros pelo medo de que se vissem estigmatizados socialmente, podendo ocorrer de perderem os empregos ou os amigos. Pedia outras obras, afirmando que se deliciara com a leitura de *O que é o Espiritismo?*

A Bernardete, perguntava a respeito dos resultados dos exames. Falava da vivacidade dela, dando perfeita descrição da toalete com que comparecera ao concerto. Expressava profunda admiração pela beleza e pelas prendas que notara nela, pondo às ordens a nova residência, caso recebesse da família, como prêmio pela dedicação aos estudos, uma viagem à Europa. Se concordasse, poderia juntá-la à comitiva que iria percorrer várias cidades importantes, ciceroneando-lhe o passeio e servindo-lhe de intérprete. Viesse que não iria arrepender-se.

Os pais responderam, aceitando a proposta, desejando-lhe que fosse feliz, porque estava precisando espairecer de verdade. Lembravam-lhe a dolorosa perda da esposa e da filhinha e agradeciam a Deus a alternativa de vida que lhe havia propiciado e asseguravam-lhe que, ao regressar, iria encontrar o ambiente de seu lar bem mudado, já que estavam providenciando ampla reforma. Desse sugestões, porque se abria enorme espaço com a retirada dos pertences exclusivos da falecida, quase tudo encaminhado ao centro espírita a que ele comparecera.

Janete penitenciou-se por haver omitido a idade, mas reafirmou que ficara vivamente impressionada com ele em sua puberdade. Disse que, de fato, tinha onze anos e ele dezesseis, portanto um ou dois anos antes de haver posto reparo nela. Considerou uma pena que Eulália desencarnasse tão cedo,

insistindo em que ele, pela personalidade vibrante que lhe havia revelado, com certeza, estava merecendo voltar a ser feliz na vida. Fez menção do acúmulo de tarefas na empresa em que exercia as funções e pediu-lhe que fosse escrevendo a ela, contando todas as novidades da viagem. Encerrou desejando-lhe todo o sucesso possível numa terra tão diferente dos hábitos que havia deixado para trás.

Mirtes agradeceu a missiva e prometeu-lhe enviar as demais obras de Kardec, afirmando que a generosidade da oferta das roupas e objetos da esposa havia contribuído para aliviar a sobrecarga de sofrimento de diversas famílias, informando que todos haviam enviado muitas vibrações positivas a ele, rogando ao Pai que o protegesse e iluminasse. Quanto ao movimento espírita europeu, teceu algumas considerações, esclarecendo que achava uma balela a assertiva de que o *Brasil era coração do mundo e pátria do evangelho*, mas que, pela lentidão com que o espiritismo se espalhava no restante do planeta, acabaria acreditando que o povo brasileiro era privilegiado.

Bernardete comunicou que o namorado havia lido com muito interesse a carta que Prisco lhe enviara, abrindo parêntese para agradecer-lhe as elogiosas referências. Pediu desculpa mas achava melhor ir passar as férias no litoral nordestino, a deliciar-se com as praias e paisagens, além de poder farrear nos bailes pré-carnavalescos. Enfeixou o texto com o desenho de um coração partido.

15. VISITA INESPERADA

Sem se anunciar, de repente, Bernardete bate à porta de Prisco. Tinha viajado sozinha, atendendo ao convite que ele lhe havia formulado.

Chegava uma semana após sua resposta à carta, não dando sequer tempo para que o artista digerisse direito a informação de que havia um namorado na parada.

Na verdade, Prisco estava encontrando palavras para renovar a oferta, incluindo a presença de feliz companheiro da moça, de forma que aquela maravilhosa criatura lhe causou tremendo impacto.

— Que maravilha! Você veio...

— Não podia perder a oportunidade.

— E o calor das praias nordestinas?

— Sempre haverá tempo para ele.

— Que disseram seus pais?

— Não se preocupe. Tive total apoio deles, inclusive, financeiro. Tenho condições de passar um ano inteiro viajando, sem lhe dar qualquer despesa.

— Isso é o de menos. Seu namorado sabe dessa sua aventura? Ou melhor: que disse ele a respeito? Na carta, você me conta que ele se sentiu muito interessado.

— Ele me incentivou. Quer que eu me divirta o mais que possa.

— Sem ele...

— Vim na frente. Ele estava sem passaporte. Assim que der, eu o chamo. Enquanto isso, nós dois iremos desfrutar de alguns bons momentos sozinhos.

Prisco foi levando para dentro do apartamento as malas maiores, uma a uma, porque se atrapalhava um pouco com as

rodinhas nos degraus. Enquanto isso, considerava a situação bastante esquisita de agasalhar em casa uma jovem de extraordinária beleza e desenvoltura, que mal conhecera em encontro de algumas horas e, mesmo assim, vigiada pelo olhar penetrante da irmã.

Assim que ela se livrou do pesado casaco com que enfrentava o frio de Madri, abraçou Prisco, procurando-lhe os lábios para selar a amizade com um beijo.

O guitarrista não estava acostumado com tal liberalidade feminina. A sua atitude mesma inibia a aproximação das mulheres: primeiro, quando vivia Eulália, a quem respeitava e era fidelíssimo; depois, pelo ar compenetrado de viúvo sofrido.

Com o corpo da jovem nos braços, não sabia o que fazer. Esperou, portanto, que ela definisse toda a extensão dos carinhos que pretendia receber.

— Aperte-me contra o peito, que eu quero sentir o palpitar de seu coração — sussurrou ela ao ouvido do estupefato senhor, agora mais senhor e mais estupefato do que nunca.

A reação do homem foi educada e temerosa. Encostou o rosto na face da mocinha, prestando atenção nos seios a arfar.

Mas a sessão de afetuosos transbordamentos parou por ali. Ela se despreendeu dos braços dele, tomou-o por ambas as mãos e arrastou-o para o sofá, sentando-se de molde a poder olhá-lo nos olhos.

— Eu quero que você me conte, tintim por tintim, tudo o que vem fazendo na Espanha. Se tiver algum compromisso agora de manhã, leve-me junto. Eu não quero perder um instante sequer de sua companhia.

— Eu só vou ao estúdio depois da *siesta*. Teremos algumas horas para pô-la à vontade no apartamento.

— Então me conte como é que você se tem dado com as mulheres daqui. São *calientes, salerosas*?

— Menina, você é mesmo desabusada...

— Não me ofenda, por favor.

Bernardete fingia zanga, mas estava divertindo-se muito com o fato de Prisco ter-se encabulado.

— Retiro o *desabusada*...

— O *desabusada* me descreve bem. Retire o *menina*, que eu não gosto de ser assim considerada.

— Retiro tudo o que você quiser. Desculpe-me, mas você está me saindo melhor do que a encomenda.

— A expressão deveria ser *pior do que a encomenda*. Mas tudo bem. Responda o que perguntei.

— Eu não arrastei a asa para nenhuma mulher.

— Claro que não! Você vive ainda para sua defunta esposa, ainda mais agora que suspeita que o espírito dela possa estar sempre presente. Mas não foi isso que eu quis saber. Eu perguntei a respeito das mulheres. Elas têm tentado seduzi-lo?

Desconfiado de que a mocinha estava fazendo cena, entrou no jogo dela, finalmente, procurando ironizar:

— Eulália tem vindo visitar-me toda noite.

— E essa *muchacha é guapa*?

— Posso dizer que é a mulher de minha vida. Ou foi.

— O fantasma de sua esposa...

— E olha que ela está achando muita graça em seu procedimento, querendo me envergonhar.

— Você não me assusta. Mas eu louvo a sua malícia em se furtrar ao assunto. Artes de quem é exímio...

— Você aceita um aperitivo, uma guloseima...

— Eu me empanturrei no voo. Até estou um pouco enjoada. Você não sentiu mau hálito na minha boca?

— Nada que me lembrasse o queijo gorgonzola que comi hoje cedo...

— Não brinque.

Ela correu em busca da pia do banheiro para escovar os dentes, enquanto Prisco punha as mãos na cabeça:

“De onde me saiu este estrupício? Que vou fazer com ela?”

Mas as coisas se elucidaram logo. Ao voltar à sala, Bernardete foi estabelecendo:

— Vou expulsá-lo do quarto grande. Você vai dormir como hóspede na própria casa. Ou você estava tendo maus pensamentos?...

— Nesta altura dos acontecimentos, eu não sei mais sequer se estou pensando. Vamos arrumar as nossas coisas, segundo a sua disposição.

Foram quinze dias malucos, da mais pura alegria e perfeita moralidade, como se dois irmãos muito unidos partilhassem o mesmo teto, até que chegou o famigerado namorado.

16. PROBLEMAS

Paulo Henrique chegou todo sorrisos. Ao dar, contudo, com Prisco, fechou a cara e o coração, pois a presença física e moral do violonista ultrapassava de muito a descrição que dele havia feito Bernardete.

De fato, o jovem esperava encontrar um senhor bem mais velho, decrépito, com as olheiras mais profundas do mundo. Ao invés disso, topou com um cavalheiro vigoroso e faceiro, cheio de requebros e donaires artísticos, de mentalidade lúcida e de expressão inteligentíssima.

E a alegria de Bernardete exuberava esplêndida, como se encarnasse a própria felicidade.

Em suma, Paulo Henrique desfez-se em ciúme, pondo-se a desconfiar de que a amizade entre a mocinha e o galanteador não se restringira aos rodeios mas chegara à efetivação carnal correspondente à sensualidade que se desprendia de cada qual. Chegou a imaginar o pior, mas avaliou que a mínima relação tátil era suficiente para caracterizar um ato de traição.

Não escondeu os sentimentos mas também não os pôs às claras, obrigando a que os outros procedessem a um exercício de interpretação. Bernardete concluiu desde logo que iria ser vilipendiada. Prisco suspeitou de que haveria cenas desagradáveis em que seriam obrigados a justificar o carinhoso relacionamento.

O dia transcorreu tumultuado porque Bernardete não abriu mão de acompanhar os ensaios da tarde, levando consigo o namorado, que bem havia desejado ficar descansando da viagem, o que agravou ainda mais o azedume da primeira impressão.

No teatro, à noite, a jovem demonstrou-se a mais entusiástica em aplaudir o desempenho do artista, alheia à má vontade com que o namorado reconhecia nele o vigor, a exuberância e o requinte da

apresentação. Acrescentava-se mais uma carreira de ódios íntimos à muralha de repúdio e antipatia que se criara.

Após a festiva recepção dos convidados aos camarins, saiu a companhia a festejar o sucesso, buscando tradicional casa noturna em que se serviam música, dança e pratos típicos da região; e vinhos de toda a Espanha.

Prisco quase não bebia nessas ocasiões, porque sabia que seria chamado a uma ou duas execuções. Bernardete não se acanhava perante o copo. Dessa forma, criou-se um clima favorável a que Paulo extravasasse os sentimentos recalçados durante todo o dia. Para abastecer-se de coragem, triplicava, quadruplicava para si as taças servidas à companheira, sorvendo quantidade de bebida que ele mesmo não se lembrava de jamais haver consumido.

Alimentados e envolvidos pelo clima de euforia de todos, Prisco e Bernardete ardiam de desejo de bailar ao som da orquestra, ele, para aliviar a sobrecarga emocional do concerto; ela, para usufruir a juventude sadia e despreocupada.

A carantonha cada vez mais fechada de Paulo, contudo, preveniu Bernardete de que o mais prudente seria ficar ao lado dele. No entanto, a fogosidade natural de seus anseios juvenis levou-a a pedir ao namorado que dançasse com ela. À vista do negaceio dele, insistiu cheia de meiguice. Tanto bastou para que o rapaz se sentisse dono da situação, fincando pé em não aceitar o convite, mal explicando que não seria capaz de desempenhar a contento os passos daquela dança frenética.

Pacientemente, Bernardete esperou que se suavizasse o ritmo, insistindo com ele quando a banda abriu espaço para os casais mais velhos. Sem ter como negar-se, Paulo deixou-se arrastar para o salão, aproveitando a confusão dos movimentos do povo ao derredor, para abraçar a namorada, transbordando em carinhos e afagos, beijando-a no pescoço e nas faces.

Os casais eram muito mais comportados, fazendo Bernardete considerar que aquele não era o momento oportuno para aquele tipo de carícia.

— Pare com isso, Paulo. Você está me deixando envergonhada.

Em lugar de atender, Paulo avançou o sinal, tentando beijá-la na boca. Bernardete precisou empurrá-lo e, com tanta força o fez, que ele deu um encontrão na dama que volteava atrás dele.

Quando Paulo se aprumou, Bernardete já tinha ido embora, ficando o moço numa roda de desconhecidos curiosos para ver até onde as coisas iam.

— *Me desculpe, signora* — improvisou, misturando os idiomas. — *Excusez-moi, please. O tropeçato.*

Percebeu-se que estava bêbedo e que tropeçara realmente. A reação das pessoas foi de riso, mas o pobre não aceitou desportivamente a situação ridícula em que se metera. Voltou para a mesa, sentou-se quase desabando na cadeira, encheu o copo e bebeu de uma só tragada. A partir daquele momento, calou-se definitivamente, deixando até de responder à solicitação de Prisco para que lhe permitisse dançar com Bernardete.

Esta, não levando em consideração o namorado, aceitou demonstrar o quanto aprendera naqueles quinze dias, envolvendo-se com Prisco num *paso doble* em que os volteios e rodopios lhe levantavam a saias e lhe exibiam as bem torneadas pernas.

Tomado de rancor, Paulo precipitou-se contra o casal, munido de uma garrafa vazia, tentando acertar o solerte bailarino, que, puxando com a mão direita a parceira para livrá-la do golpe, amparou com a esquerda o arremesso do rapaz, levando a garrafada em cheio no punho.

Logo os homens separaram os litigantes, enquanto o pessoal da segurança da casa levava embora o jovem, dando assistência ao ilustre visitante ferido.

No hospital, a radiografia demonstrou que havia vários ossos quebrados, fratura que necessitava de cirurgia para recompor a condição ideal dos movimentos da mão. A equipe médica que atendeu a Prisco, à vista de tratar-se de um guitarrista famoso, esforçou-se para prever toda a extensão dos ferimentos, preocupando-se seriamente com a possibilidade de uma seqüela com algum tipo de paralisia.

Uma semana depois, ainda engessado e a poder de tranquilizantes e analgésicos, chegava Prisco ao Brasil, na companhia de Alfredinho, que lamentava a má sorte do funesto acontecimento.

17. CONVALESCENDO

Prisco voltou ao Brasil sem grande aborrecimento. Havia colhido muitos aplausos por onde passou, entretanto, a sua arte parecia constituir-se em obstáculo para compreender a doutrina espírita, que tanto o interessara através da leitura da primeira obra.

Quase que sua encomenda se desencontra com ele, estando Mirtes prestes a despachar as obras solicitadas. No dia em que compareceu ao centro espírita, estava acompanhado de Janete, que não se cansava de censurar o futuro cunhado.

Bernardete ficou fazendo companhia a Paulo Henrique, que se viu às voltas com a justiça, acusado formalmente pela companhia de seguros que cobria a apólice de Prisco e dos empresários. O rapaz estava impedido de deixar o país, vivendo às custas da namorada, porque ele mesmo não era pessoa de muitos recursos.

Bem que Janete insistiu com a irmã para que voltasse, mas gastou bom dinheiro em ligações internacionais sem conseguir convencê-la de que cesteiro que faz um cesto... Tal foi exatamente a expressão que utilizou, ouvindo como resposta que ele estava arrependido, culpando o sentimento do ciúme e o exagero alcoólico, acrescentando ela que o cansaço da viagem e a impressão de intimidade com Prisco tinham provocado aquela reação absolutamente única em seu relacionamento. Por fim, Bernardete citaria o perdão como qualidade superior e a compreensão dos defeitos alheios como o reconhecimento da condição inferior dos encarnados, *os quais, afirmou, vêm ao mundo para evoluir*. Em suma, ela gostava dele.

Como veremos, não demoraria muito para a justiça espanhola concluir o inquérito, julgar o incidente e sentenciar o acusado.

Dona Maria e o marido cercaram o filho de cuidados, jamais permitindo que fosse sozinho ao hospital cujo corpo médico iria

acompanhar o desenvolvimento da restauração óssea e dos ligamentos afetados pelo potente golpe.

Como disseram por carta, Prisco se surpreendeu com as mudanças operadas no apartamento, cujos móveis e apetrechos domésticos tinham sido trocados por novos, ainda que os antigos estivessem em perfeita condição de uso. O que mais o deixou satisfeito foi encontrar a guitarra nova guarnecida com o que havia sobrado da que despedaçara. Não podendo utilizar a mão esquerda, prendeu como pôde o braço do instrumento e dedilhou as cordas com a mão direita apenas para conferir que a sonoridade era magnífica. Ficou na vontade de executar um trecho qualquer.

Toda essa história lhe serviu de fundamento para questionar a sorte. Queria saber como é que Kardec resolveria a suprema questão de não haver sido protegido pelos guias na hora em que se viu ameaçado.

Propôs o tema a Janete:

— Você acha que estava escrito, que estava predeterminado que eu iria sofrer a desdita desta complicação?

— Todas as providências que se tomaram antecipadamente levam a crer que os acidentes acontecem e que as pessoas devem ficar prevenidas. Isto é próprio da inteligência humana, que sabe utilizar as experiências em proveito próprio.

— O que Kardec disse a respeito?

— Você vai me desculpar, mas não sou tão entendida assim. Acho melhor consultar os livros ou ir perguntar aos estudiosos da doutrina.

Foi assim que eles combinaram a entrevista com pessoal mais sabido, crentes de que essa era a porta de entrada na filosofia espírita.

18. DEBATES DOUTRINÁRIOS

Mirtes recebeu os amigos na companhia do marido e de mais três senhores membros da diretoria do centro espírita. Advertidos do tema que deveriam elucidar, compareceram munidos das obras de Kardec devidamente assinaladas.

Após as apresentações, Mirtes encaminhou o diálogo, solicitando a Prisco que enunciasse o tema que o havia levado até lá.

— A bem da verdade — começou ele — estive pensando em que as coisas que me aconteceram na vida têm produzido saudável reação em minha mente. No início, quando perdi minha esposa e a filhinha recém-nascida, tudo pareceu desabar ao meu redor. Restou-me, contudo, a minha arte, que, por incrível que pareça, acabou por me reconfortar, dado que alcancei sucesso razoável nas apresentações públicas, valendo-me excelente contrato. Agora me vejo alijado também do meu ganha-pão, pelo menos por algum tempo, embora esteja temeroso de perder a habilidade com que definia as notas do meu instrumento. Sem ter muito o que fazer, porque meus pais cuidam de mim com muito carinho e competência, desejei interpretar os acontecimentos à luz da filosofia espírita. Como não tenho muita leitura (Mirtes poderá dizer-lhes quais obras me emprestou), achei melhor ouvir pessoas a quem o tema da predestinação deve ter provocado muitos momentos de reflexão, debruçando-se sobre as principais obras.

Todos ouviram com muita atenção, admirando-se da facilidade com que Prisco expunha as ideias. A Janete, porém, pareceu que poderia simplificar um pouco:

— O que nós estamos querendo saber é se existem entidades que provocam o aparecimento de ocasiões para sermos testados, causando, por exemplo, a morte de parturiente e da filha, primeiro

porque elas se encarnaram para viver até aquele momento e, segundo, porque o marido e pai estava precisando sofrer tais desditas devido à herança cármica trazida de existências anteriores.

Mirtes tentou entender o que diziam:

— Vocês estão sugerindo que uma ordem de espíritos superiores conduz o destino humano, conforme as necessidades de cada um, colocando obstáculos para serem superados através da compreensão da própria natureza perecível e transitória da passagem pelo orbe terráqueo?

Janete foi quem respondeu:

— Ouvimos dizer que somos nós mesmos que escolhemos as provações da vida, antes de encarnar. Conscientes dos crimes pretéritos, enfeixamos uma série de dificuldades a serem vencidas, estabelecendo o nosso roteiro, que entregamos aos guias ou benfeitores para que cumpram o nosso desejo.

Prisco acrescentou:

— Vejam bem que a nossa dúvida surgiu do fato de que seria preciso reunir numa só família muitas pessoas do mesmo modo endividadas, porque as perdas e sofrimentos são de todos. Eu perdi a esposa e a filha. Houve quem perdesse a filha e a neta. Outros perderam a irmã e a sobrinha. E assim por diante. É claro que uns são mais atingidos e outros menos. Mas ninguém escapa. Se a gente for pensar seriamente no que disse Jesus a respeito do amor a Deus e ao próximo, teremos de considerar que este mundo de expiações exclui a felicidade, tantas são as desgraças e tragédias que abalam a humanidade a cada instante. Cada casamento, cada nascimento, cada pequenino usufruir de bens materiais e morais, logo é contrabalançado por grandes calamidades coletivas. Os jornais e a televisão estão repletos de notícias desse teor.

Os que ouviam as explicações e que foram chamados a opinar ardiam por dar a sua contribuição, muito embora julgassem que ainda precisariam de mais alguns esclarecimentos. Foi o marido de Mirtes, Azevedo, quem primeiro se pronunciou, perguntando:

— Vamos colocar as coisas no seguinte ponto: você, Janete, não conhecia Prisco, quando aconteceram os decessos citados. Você chega a compreender toda a extensão dos sofrimentos dele?

— Entendo perfeitamente. Não sei se Mirtes já lhes contou, mas eu me dedico a comparecer, nos velórios, perante as famílias enlutadas, buscando amenizar as dores das mortes das pessoas queridas. Tenho visto reações desesperadoras como também aceitação quase natural dos fatos. Cada pessoa é uma pessoa, mas não existe ninguém que permaneça completamente alheia ao processo de estresse que se instala a partir da desencarnação. Se você quer saber se sinto o desconforto da tristeza que invadiu o coração de Prisco, pode ter a certeza disso. Sinto também um profundo mal-estar ao vê-lo ferido e impedido de atuar, ainda mais porque foi minha irmã quem se atreveu a levar o namorado agressor para dentro da casa acolhedora do nosso amigo.

Sem se deixar enleiar pelo longo desfilarmos de argumentos, Azevedo voltou-se para Prisco e perguntou-lhe:

— Você deve conhecer o episódio em que Jesus cura a mão ressequida de uma pessoa. Acha possível, segundo o ponto de vista que expuseram aqui, que o roteiro estabelecido antes do nascimento possa sofrer uma alteração de tal amplitude, a ponto de se suprimir de vez o empecilho físico que atormenta a criatura? Falando no seu caso, acha você que a ciência tem recursos para curar, definitivamente, os ferimentos que sofreu, devolvendo-lhe completamente o uso da mão, para voltar a desempenhar a sua técnica de *virtuose*?

Após meditar uns instantes, Prisco respondeu:

— Na verdade, se atribuirmos a cura dos meus males físicos aos homens, deixamos de contar com a ajuda divina, porque não se irá caracterizar um milagre. Do jeito que você expôs a questão, sou levado a crer que todo o poder se concentra nas mãos das criaturas. Mesmo a intervenção de Jesus teria sido absolutamente natural, utilizando-se ele de meios, de processos e de recursos próprios do

meio ambiente, através de dons que possuía e que transferia ao paciente quando dizia a frase: “*Sua fé o salvou.*” Vamos supor que os médicos não tivessem interferido cirurgicamente em meu punho. Vamos imaginar que tivessem apenas engessado, crentes de que os ossos estavam no lugar, o que teriam comprovado por meio dos raios X. Aí teriam deixado a natureza seguir seu curso. Em algum tempo, estaria curado. Neste caso, seria como dar um crédito de confiança ao organismo, este sim programado para refazer-se. Se fosse possível acelerar o processo de restauração, teríamos a realização do feito de Jesus, que deve ter usado um meio qualquer de concentrar a energia vital no local afetado pela doença do parálítico. Vocês devem ter a explicação científica e os nomes adequados, o que me falta. Em todo o caso, os médicos já me avisaram que, assim que o gesso for retirado, vou precisar passar por tratamento fisioterápico. Eis a parte para mim mais misteriosa das chamadas curas praticadas por Jesus, ou seja, o uso dos músculos do setor que havia ficado inativo por muito tempo. Nós lemos nos evangelhos que os cegos viam, que os coxos andavam etc., mas não há nenhuma referência à necessária adaptação à realidade que era nova para eles. Parece mais um conto de fadas do que o relato verídico de fatos ocorridos com pessoas como nós. Desconfio muito desse poder de Jesus, porque, por mais espetaculares que sejam os avanços científicos no campo da medicina, ainda resta muito para ser descoberto. Vejam bem, eu não estou afirmando que Jesus não tenha curado nem realizado atos que a compreensão humana um dia venha a admitir pela demonstração. O que estou tentando dizer é que Jesus não precisava ter feito nada disso para se constituir naquele ser iluminado que nos ensinou a amar o próximo como a nós mesmos, não de maneira filosófica e distante, mas comprovando com a entrega de sua própria vida, conforme os relatos dos evangelistas. O que mesmo eu deveria responder?

Janete lembrou-o:

— Azevedo lhe perguntou se o carma escolhido pela pessoa antes de encarnar-se poderia sofrer alterações posteriores. Devo dizer que utilizei de propósito a palavra *carma*, de que os espíritas não gostam, e que sei que se trata de uma genérica programação de vida. *Carma*, se bem compreendo, seria algo preestabelecido por força das causas. Os espíritas preferem que tais causas não motivem diretamente os acontecimentos, mas a elaboração do programa que os encarnados irão cumprir. É isso?

João, um dos calados, pediu licença levantando a mão e disse:

— Vocês dois vão desculpar-me, mas não estou entendendo o porquê de nos terem procurado, haja vista a facilidade com que discorrem a respeito de temas dos mais controvertidos no movimento espírita. Será que vieram apenas confirmar as suas teorias? Estou perguntando com o coração na mão, uma vez que o que menos desejaria neste instante seria ofendê-los.

Janete foi quem explicou:

— É perfeitamente justa essa sua observação. Nós discutimos a respeito mas não fomos muito longe. Entretanto, como isso aconteceu há alguns dias atrás, com certeza o nosso inconsciente trabalhou no sentido de nos preparar para as possíveis teses que iríamos ouvir. Neste caso, falo em inconsciente, mas estou perfeitamente cônica de que é nesse campo que atuam os espíritos protetores, por meio de sugestões íntimas a que damos o nome de *intuição*. Também temos de considerar a inteligência com que Azevedo colocou a questão, levando-nos a pensar em certos aspectos que não havíamos ainda considerado.

Estimulado pelo atrevimento do companheiro, Manuel também interferiu:

— Eu trouxe alguns textos das obras de Kardec, para apoio do que iria dizer. Como estou vendo que os companheiros têm muita facilidade intelectual, vou passar-lhes as minhas anotações e vocês poderão estudar os tópicos assinalados com mais calma e vagar.

Como tenho apenas uma cópia, vocês vão me permitir xerocar aqui mesmo no centro. Daqui a pouco estarei de volta.

Vadão segurou o parceiro pelo braço, entregando-lhe as suas próprias anotações:

— Tire cópias também das minhas. Gostei de sua iniciativa. Enquanto isso, vou propor um problema diferente, qual seja: a partir do fato de que a dor material repercute moralmente e de que a dor moral traz consequências físicas, como encarar o universo espiritual como co-autor das desgraças humanas (no caso em pauta) ou das bem-aventuranças (no caso de muita gente que passa pela vida em branca nuvem, ou seja, sem perceber o bulício que existe no âmago das coisas)? Vou deixar mais claro meu pensamento: somente numa pequena fração da história da humanidade é que se desconfiou da existência dos átomos e, mais recentemente, das partículas subatômicas. Quanta gente viveu e morreu na ignorância desses fenômenos hoje corriqueiros. Que digo eu?! Quanta gente está passando sem conhecer nada a respeito. Nem por isso, contudo, viveram menos intensamente. Falta-lhes apurar os conhecimentos científicos. O que eu quero dizer é que é impossível para as pessoas se assenhorearem de toda a sabedoria já existente entre os encarnados. Que se dirá, então, quando se trata de investigar o que os espíritos conhecem? Para mim, qualquer conclusão a que possamos chegar, mesmo com a ajuda da codificação e de todos os textos espíritas que se seguirem, sempre haverá de ser parcial e incompleta. E isto está registrado na doutrina, quando afirma que uma das principais leis é a da evolução. Ora, se nossos espíritos vão evoluir, irão fazê-lo em todos os ramos do saber universal, tanto no aspecto cognitivo, quanto no sensitivo. Em suma, vim preparado para dizer-lhes que não queiram entender tudo. Saio daqui, porém, crente de que vocês não vão contentar-se com meu diagnóstico simplista. Tenho dito.

— E muito bem dito, confirmou Mirtes. Espero que as suas dúvidas tenham merecido uma resposta condizente com seu

interesse. Quanto à atuação dos guias de cada um e dos guardiães superiores, chamados por Kardec de *anjos guardiães*, não dá para concentrar as informações que possuímos numa simples conversação. Este é um mal do espiritismo que se pratica nos centros: a gente está sempre olhando para as horas. E não pode ser diferente, porque este assunto demandaria muitos dias de estudo e de debate. Como este existem muitos outros, para os quais vale a recomendação das leituras. Duvido que, em qualquer religião ou sistema filosófico, as lições sejam dadas de maneira completa e cabal em uma única sessão. Quando se trata de aprender a viver, então, muitas vezes encaminhamos para a leitura das entrelinhas, porque chega um momento em que a inteligência de cada um é que irá determinar o grau do aprendizado possível.

Voltou Manuel com os impressos, que distribuiu mesmo para os velhos amigos, e o grupo se desfez, cada qual levando consigo impressões diferenciadas de cada manifestação individual. O conhecimento fora inseminado na mente; restava agora a gestação, até que viesse à luz da convicção, sob forma de atitudes e procedimentos.

19. DESDOBRAMENTOS DOS ESTUDOS

Com as dores atenuadas, Prisco podia dedicar-se às leituras, principiando pelas referências textuais assinaladas pelos amigos do centro. Percebeu que Allan Kardec esteve o tempo todo sob a guarda de espíritos da mais alta categoria, não somente pelos nomes que lhe foram passados, como pelo teor das respostas dadas aos exaustivos questionários.

O Livro dos Espíritos foi uma gratíssima surpresa no sentido de compreender que o Professor Rivail tinha em mais alta conta os aspectos científicos, cercado todas as informações que recebia de cuidadosas observações. Deixou-o satisfeito o fato de que o codificador acrescentava perguntas de última hora, muitas vezes por não ter ficado contente com as respostas, ou para evitar que algum descrente desse pela falta de certos detalhes.

De todas as conclusões, Prisco ia dando ciência a Janete, esta quase impedida de dar atenção aos livros, tanto o trabalho a absorvia. Aliás, desde que Prisco voltou da Espanha, ela não mais visitou os velórios, achando que iria aumentar a tristeza em que via mergulhado o amigo.

Por falar em Espanha, Bernardete ligou avisando que Paulo Henrique tinha sido apenas advertido, cabendo a quem originara o processo as custas deste, confirmando seu regresso para dentro de uma semana. Janete informou a Prisco, procurando sondá-lo a respeito de como iria receber o agressor.

— O moço, esclareceu ele, agiu sob efeito do álcool e da juventude. Vou desconsiderar outras razões, porque tenho a certeza de que contribuí para sua revolta contra a minha pessoa, muito embora inocentemente. Se ele me deixar, vou abraçá-lo para ver se deixamos tudo esquecido.

— Quanto à retirada do gesso, vai ficar mesmo para a semana que vem?

— As radiografias acusaram que os ossos estão soldados perfeitamente. Restam os tendões e os músculos. Estou com um pouco de receio.

— Vamos rezar para que os guias intercedam em seu favor.

— Cuidado porque eles podem entender que o melhor é eu ficar com a mão entevada. A vontade de Deus é sempre imperscrutável.

— Quer dizer que você chegou à conclusão de que tudo o que acontece é pela vontade de Deus?

— Eu cheguei à conclusão de que não devo nunca usar seu nome em vão. Ao dizer que a vontade dele é imperscrutável (gostei do termo), estou reafirmando a necessidade de não utilizar o nome dele em vão, dizendo que quer isto ou não quer aquilo. Em seu conjunto de valores, os humanos, por mais alto seja o entendimento da inteligência suprema criadora de todas as coisas, não estão em condições de avaliar o que é certo e o que é errado, em função daquilo que você chama de *carma*. Quando muito, somos capazes de elaborar um código de princípios fundamentados no direito de cada um. Mas, se o espiritismo afirma que temos o direito de estabelecer o nosso próprio sofrimento, quer significar que aquele código tem de se adaptar aos rigores dos princípios, regras e normas superiores, aqueles que pautam o procedimento dos espíritos que evoluíram para mundos mais adiantados. E esses não estamos em condições de conhecer, a não ser pelas informações recebidas por via mediúnica. Ora, neste aspecto, os que trouxeram o que se decidiu chamar de *Terceira Revelação* não se cansam de dizer que não vão, nas mensagens de cunho doutrinário superior, além do entendimento dos homens. Já encontrei diversas advertências a Kardec no sentido de fazê-lo refletir a respeito de sua vontade de ir mais além do que os espíritos estavam dispostos a revelar.

— Você está aprendendo depressa demais para eu poder acompanhá-lo. Se bem entendi, está querendo dizer que acabou concordando com o Vadão quando disse que a gente não deve ter a pretensão de tudo conhecer.

— Pelas anotações que ele nos entregou, deixou claro que tal pensamento se continha nos textos de Kardec. Foi como eu encontrei as referências a que aludi.

— Isto quer dizer que nós não iremos mais pleitear as explicações que nos faltarem. Agora somos capazes de ir diretamente à fonte.

— Felizmente. O que mais me admira é que, até bem pouco tempo atrás, eu me ufanava de me declarar materialista. E eis que estou rapidamente assimilando a doutrina espírita. Quando li o primeiro livro, achei que Kardec não gostava de discutir com os incrédulos, aqueles que não acreditam na existência de Deus. Se ele me visse aceitando os cânones descritos em sua obra, ficaria muitíssimo admirado, passando a confiar mais em seu poder persuasório racional.

— Eis Mirtes presente em suas palavras: você está lendo mais nas entrelinhas do que nas linhas.

— É exatamente isso que vem acontecendo. Mas, como ainda tenho alguns dias antes de começar a fisioterapia e os exercícios com meus instrumentos, vou convidar você para me acompanhar a umas palestras que selecionei em diferentes centros e até na sede da federação. Gostaria de conhecer um pouco mais do movimento espírita, ou melhor, como é que a doutrina de Kardec tem sido aplicada no dia a dia das atividades humanas.

— Não me leve a mal, mas eu preferiria ir a lugares mais alegres, onde pudéssemos espairecer, ouvindo boa música espanhola. Talvez até eu o surpreenda na pista de dança.

— Tudo bem, desde que você me garanta que ninguém irá atacar-me com uma garrafa...

— Gostaria que isto se desse na sexta ou no sábado, porque posso acordar tarde no dia seguinte.

— Garrafada na sexta ou no sábado. Isto é ótimo!...

— Você me entendeu, engraçadinho...

— Sendo assim, que tal irmos ouvir uma exposição e, depois, a restaurante, cantina ou aonde você determinar?

— Acho que você está bem mais capacitado a indicar os melhores lugares, mesmo porque, acho eu, sempre é bom reservar a mesa.

— Apenas mais uma condição. Não estranhe se eu não beber nada que contenha álcool. Recomendação médica. O doutor me disse que o sistema imunológico fica prejudicado com a mistura das bebidas com os remédios que estou tomando.

— Se for para você ficar macambúzio, dispenso tudo. Acho que estamos muito bem conversando aqui em sua casa, saboreando a comidinha gostosa de sua mãe. Aliás, não pense que não reparei que seus pais sempre se subtraem, deixando-nos à vontade. Também estou notando que está um toureiro na arena, realizando uma verônica impecável, no lugar em que Eulália sorria ao seu lado, vestida de noiva. Muito simpático da parte deles, embora nada disto seja preciso.

— Você acha que algo está escrito a nosso respeito no livro do destino?

— Eu acho que, nesse livro, nós estamos escrevendo sem parar e que depende de cada um traçar as linhas de seu futuro.

Prisco estendeu o braço alcançando a mão da amiga, beijando-a respeitosamente. Era o primeiro contato físico emocional entre ambos.

Por cúmulo da coincidência, Dona Maria entrou naquele instante, rompendo o encantamento. Mas aquela semente também estava prestes a germinar.

20. FRUSTRAÇÕES

A primeira conferência a que compareceram redundou na maior decepção. Esperavam que o orador discorresse sobre os aspectos científicos da doutrina de Kardec. Ao invés disso, toparam com um santarrão que se declarou ex-seminarista, eivando de citações bíblicas o discurso, que realizou em tom melodramático, abonando com passagens de diversos textos psicografados. Bordou e pintou, sobre uma tela de sentimental enlevo, o panorama do dealbar do terceiro milênio como a época em que os maus irão ser transladados para planetas menos evoluídos, já que lhes estava sendo dada a última oportunidade de regeneração, em ambiente de tanta formosura e esplendor. Disse que os próximos habitantes irão cuidar da natureza, restabelecendo os elementos primitivos, chegando a afirmar que o jardim do Éden de Adão e Eva irá ser replantado, com os frutos das árvores da sabedoria e da vida agora à disposição das criaturas.

Sussurrou Prisco ao ouvido da companheira:

— Você tem coragem de se levantar e sair?

Janete nem respondeu. Levantou, puxando o violonista pela mão boa. No caminho, passando entre os espectadores, notaram que muitos os olhavam até com certo ar de mofa ou de desprezo. Quando estavam passando pela porta principal, uma senhora que fazia as vezes de guardiã do portal da salvação, segundo o pensamento de nossa desrespeitosa personagem ex-materialista, interrogou-os:

— Os senhores não vão esperar a sessão de passes?

Buscaram-se os dois com os olhos, ficando Prisco encarregado de responder:

— Só se formos os primeiros.

— Impossível, terão de esperar na fila que a gente sempre forma a partir das primeiras cadeiras. Se voltarem para seus lugares, sairão na frente de todos os que chegaram por último.

— Então, vamos deixar para a próxima vez. Muito obrigado.

A mulher afastou-se dando passagem, não mais olhando para os dois.

No carro, Prisco perguntou a Janete:

— Será que o povo está prestando atenção verdadeiramente no que lhes está sendo dito? Não lhe parece que o interesse de todos é receber o passe mediúnico?

— Com certeza, estas pessoas são muito simples e o conferencista sabe muito bem disso. Fala em tom missionário, misturando as crenças para ressaltar a filosofia de Kardec, sob a capa religiosa de alguns autores mais condescendentes com o sentimentalismo dos que trabalham durante todo o dia e ainda encontram tempo para uma obrigação noturna. Pelo efeito que atribuem aos passes, até que eu fico muito admirada que haja gente que esqueça as diversões e que se disponha a aborrecer-se ouvindo tais baboseiras.

— Quer dizer, minha queridíssima amiga, que você se identifica com essa gente?

— Claro! Eu também dei duro o dia inteiro. Se saí duas horas antes do batente, foi para me embonecar na cabeleireira. Se você não me convida para sair, eu ia acabar dormindo, como vi várias pessoas toscanejando à minha frente.

— Toscanejando?

— Sim. Não conhece o termo?

— Não.

— No dicionário, você encontrará uma explicação mais ou menos assim: “Cabecear com sono, abrindo e fechando os olhos repetidamente; cochilar”.

— Sabe por que eles fazem esse sacrifício?

— Não sei, meu queridíssimo amigo.

— É porque eles querem ganhar o céu, como os católicos que vão à missa e os protestantes que comparecem aos cultos.

— Pois eu acho que eles vêm para aprender.

— Aprender o quê? Isso tudo que nós ouvimos...

Prisco observou que estavam chegando ao restaurante e dirigiu a moça:

— Você pode deixar no estacionamento da casa. Quando reservei a mesa, reservei também uma vaga.

Janete manobrou o carro com perícia, confirmou a reserva e recebeu um tíquete.

Antes de entrarem, porém, puxou Prisco pela manga e disse-lhe:

— Vamos encerrar o assunto aqui fora. Lá dentro, vamos falar sobre outros assuntos de nosso interesse. O que foi que nós ouvimos?

— Eu estava dizendo que as coisas sobre as quais o expositor falava não tinham nenhum sentido perante o procedimento efetivamente espírita propugnado pelos espíritos a Kardec. Eu acho que estavam perdendo tempo.

— Só vou discordar para expor meu pensamento. Não quero discutir. Você acha uma coisa e eu acho outra. Pois bem, aquelas pessoas estavam, no mínimo, treinando a paciência, o que nos faltou.

Foi a vez de Prisco puxar Janete pela mão:

— Vamos procurar a nossa mesa e os nossos outros temas de interesse.

21. RECONHECIMENTO PÚBLICO

Lá dentro, o odor dos temperos, o som dos instrumentos, o vozerio estridente de quem estava divertindo-se. Parecia que entravam num lugar em que se realizavam os ideais de suprema felicidade material.

Prisco foi imediatamente reconhecido pela clientela. Passava e muitos o cumprimentavam efusivamente, lamentando-lhe o braço na tipóia, demonstrando ser de muitos conhecido o incidente que o levava a voltar da Espanha.

Ao contrário dos clientes, o novo *maître* perguntou-lhe pela reserva, consultando a lista, verificando que a mesa estava prometida para dali a uma hora, levando-o a uma ampla sala de espera, onde poderia aguardar confortavelmente, com o acréscimo de aparelho de televisão ligado em programação direta da Espanha.

Logo compareceu o responsável pela carta de vinhos, que saiu meio intrigado com o fato de ter recebido a solicitação apenas de bebidas não alcoólicas. Em seguida, apresentou-se o garçom que os serviria, para planejar o roteiro dos acepipes, tendo sido escolhida *paella* de frutos do mar como prato principal, com a recomendação expressa de que deveria estar preparada para uma pessoa impedida de utilizar-se de ambas as mãos para o manejo dos talheres.

Diante das poltronas, foi disposta uma bandeja com vários tipos de queijos, azeitonas e outros tira-gostos.

Janete observava as providências com muita atenção, imaginando quão alta seria a conta a partir do esmero e da cortesia com que tudo era servido. Assim que se dispuseram a petiscar, irrompeu, no salão principal, uma orquestra típica espanhola, levando Prisco a erguer-se para ir apreciar junto à porta.

Era um conjunto de mais de dez músicos de primeira qualidade logo identificados pelo guitarrista. Foi quando notou que as mesas ocupavam o salão todo, não havendo espaço para o público bailar.

— Às sextas-feiras, senhor, o afluxo de pessoas nos obrigou a eliminar a pista de dança, — explicou-lhe o solícito copeiro interrogado.

De volta ao seu lugar ao lado de Janete, foi logo expondo-lhe o problema:

— Você vai ter de me desculpar. Nada de baile, que o salão está totalmente ocupado pelos fregueses.

— Não se preocupe. Eu vim preparada, mas vamos deixar para outra vez.

Prisco, realmente, não estava preocupado com Janete. Estava, sim, frustrado, uma vez que a expectativa de praticar um pouco era dele mesmo. Sempre gostou de dançar ao som da música gitana arraigada na alma dos espanhóis, a qual corria através de suas veias, como a preenchê-lo de vívido ritmo e infinito gozo. Estava a meditar sobre a desdita de não poder exercer esse legítimo direito de sua natureza, quando se apresentou à memória o dia em que Eulália se dispusera a aprender os primeiros passos, ao som de suas cordas.

Tanto bastou para lhe arrefecer o ânimo, como se fosse capaz de ver, junto a eles, diversos bailarinos e bailarinas rodopiando no etéreo, aproveitando-se do momento de esfuziante alegria dos encarnados para se encharcarem de saudade.

Janete notou-lhe a alteração da fisionomia:

— Parece que você está vendo fantasmas. Que está acontecendo?

Prisco precisou agitar a cabeça para voltar a atenção para a jovem senhora, restabelecendo seu contato com a realidade.

— Como disse?

— Você estava muito longe daqui.

— Ao contrário, eu estava imaginando casais dançando ao som da música. E, para dizer a verdade, envolveu-me a recordação de quando ensinei a Eulália os movimentos iniciais da dança.

Houve um longo silêncio entre ambos, no meio do alarido dos cantores. Ambos prestavam atenção às batidas de seus corações.

Foi Janete quem desfez o constrangimento:

— Se a sua ida ao espiritismo está servindo-lhe para entender a vida e a morte, também está provocando-lhe uma reação quase patética, como se fosse impossível ao ser humano dissociar-se do passado, para fruir o momento presente em plena felicidade. Estou mostrando-lhe um dos meus pensamentos mais positivos, aquele que extraí a duras penas, através do conforto que tenho dado a quem perde os entes queridos.

Prisco precisou de alguns momentos para oferecer uma resposta à altura:

— Janete, preciso desculpar-me por trazer, para este momento de distração, de entretenimento dos pesares do seu dia a dia, a figura da criatura que me foi cara. Aposto que, se estivéssemos na pista de dança, ela não compareceria à minha memória, como quando estava com Bernardete, quando jamais me passou pela cabeça qualquer pensamento deste teor.

— Eu acho que esta hora que temos de preencher antes de nos acomodarmos à mesa vai custar a passar, se ficarmos comentando em termos doutrinários do espiritismo.

— Querida amiga, você está percebendo que, em suma, vem acusando o espiritismo de se pôr entre nós como obstáculo? Não deveria ele ser o nosso elo de ligação?

— Eu raciocino assim: a doutrina, qualquer doutrina, deve ter sua hora e vez. Como você disse, bailando ou tocando, os sentimentos se deixam levar pelas emoções do momento, porque você tem uma atividade absorvente. Eu pretendia que o clima alegre deste local exercesse sobre seu espírito o mesmo fascínio.

Vejo que está lhe faltando alguma coisa que eu não consigo substituir.

— Se você está sugerindo que se trata de minha falecida esposa, engana-se. Talvez me falte o uso de minha mão no braço da guitarra. Talvez, ou melhor, com certeza, está faltando-me um copo de vinho, auxiliar efetivo no combate às reações macambúzias de quem não está dominando totalmente o seu próprio destino.

— Você está com medo...

— Sinto-me profundamente apreensivo com a minha recuperação. Mas você não veio para ouvir as minhas lamúrias. Não era este assunto que lhe interessava ver na mesa de conversação. Isto também está me aborrecendo bastante, a mim, que sou bastante extrovertido.

Naquele instante, irrompeu calorosa salva de palmas no salão de refeições, indicando que o *show* terminava.

Prisco explicou a Janete:

— Esta apresentação é para quem trouxe a família, pretendendo sair mais cedo. O verdadeiro espetáculo se dará daqui a hora, hora e meia, para o povo que está chegando. Você vai ver como logo seremos chamados.

— Quer dizer que o salão irá sofrer modificações?

— Bem observado. As mesas se desmembrarão, porque haverá número bem maior de casais. Grupos grandes, em geral, permanecem muito mais tempo.

De fato, a sala de espera estava quase completamente tomada, havendo pessoas que se acomodavam nos vãos das janelas.

Ambos haviam provado apenas os queijos e azeitonas. Havia bebido um suco de melão, cujos copos altos se adornavam com galhos de hortelã.

Janete observou que havia uma porta nos fundos:

— Que há ali atrás?

— Um pequeno jardim de inverno e, lá fora, uma alameda iluminada, ladeada por bancos de madeira. Em geral, os casais de namorados preferem ficar passeando e conversando ali, antes de receberem suas mesas.

— Você veio muitas vezes a este lugar?

— Nunca na qualidade de freguês. Entretanto, sempre gostei de aquecer o instrumento do lado de fora, colhendo as primícias dos aplausos do público.

— Você nunca trouxe Eulália?

— Ela nunca faltou. Aliás, apenas durante a gravidez é que ficou em casa. Mas eu não gosto de falar a respeito. Por favor...

— Fique sossegado. Eu não vou convidá-lo a sair.

— Vamos observar o trabalho dos garçons rearrumando as mesas.

Prisco aguardou que Janete se levantasse e cedeu-lhe a passagem cavalheirescamente, evitando tocá-la.

Eles se postaram junto à ampla porta que dava para o salão, enquanto um bem ordenado movimento dava feições de estreia ao conjunto do mobiliário desocupado. Um pequeno exército de auxiliares distribuía pratos, copos, talheres e demais petrechos, inclusive enfeitando cada mesa com flores.

Prisco tinha a mesa dezessete, não muito perto do palco, na lateral oposta do local em que estavam. Foram eles os primeiros a ser lembrados, de forma que logo se viram atravessando por entre os fregueses.

De novo, vários frequentadores acenaram para o artista, alguns com expressões de estímulo e incentivo; todos, com gestos de admiração e benquerença.

Naquela travessia, não foram poucos os olhares que se esticaram para a acompanhante, olhares que não se decepcionaram com a impecável vestimenta de gosto andaluz, moderna e sóbria.

Assim que se acomodaram, aproximaram-se três fotógrafos disparando *flashes*. Impossível detê-los. Todos deixaram cartões, crenças de que não precisariam dar explicações ao casal.

Foi Prisco quem esclareceu:

— Amanhã, vou receber as provas e posso fazer encomendas por telefone. Se quiser divulgar minha presença em forma de reportagem, gastarei mais um pouco. Se não quiser nada disso, basta esquecer, porque eles não vão cobrar nada. É o risco que correm. No entanto, muito pouca gente deixa de fazer um pedido.

Ainda ficaram atentos durante alguns minutos à movimentação geral e à ocupação das demais mesas. Somente após todas estarem ocupadas e as bebidas servidas é que começou a romaria dos pratos.

Não demorou para que três garçons viessem com a *paella*, a pequena mesa lateral e o aquecedor elétrico. Com movimentos precisos, instalaram o aparelho sobre a mesinha e a panela sobre o aquecedor ligado a uma tomada no chão.

O arroz mal se mostrava debaixo de um festival vermelho de camarões grandes, inteiros, ainda guarnecidos com as cabeças. Ao centro, soberana, a peça de resistência, enorme lagosta da qual subia um vapor que logo se desfazia ao olhar que se elevava.

— Senhor, assim que for conveniente, os senhores serão servidos.

— Pode ser já.

— Muito bem.

O prestativo garçom se voltou para a cozinha, sinal de que deveriam comparecer o chefe e dois auxiliares. De fato, todo o salão acompanhou a entrada triunfal daquele chapéu alto e branco, que atravessou por entre a clientela, lépido, com seu pequeno cortejo, até postar-se diante da apetitosa iguaria.

Após cumprimentar formalmente o amigo com respeitosa medida, trabalhando com perfeição, enquanto os auxiliares retiravam os corpos aos camarões, sem desprezar-lhes a cabeça e

as pernas, o chefe fez o mesmo à lagosta, cuja carcaça logo foi disposta numa travessa, recebendo como guarnição as cascas vazias dos crustáceos.

Para isso, retiraram o vaso das flores, ficando as antenas da lagosta como que a sustentar a ameaça de um ataque ao vigilante guitarrista.

Logo os pratos receberam bem sortida quantidade de arroz acompanhado da carne picada dos frutos do mar, onde se viam partes de tentáculos de lulas e polvos, com as respectivas ventosas, tudo de acordo com a recomendação de que o prezado cliente não poderia ele mesmo fatiar os nacos que iria ingerir.

Tão absorto ficou Prisco a contemplar os despojos da lagosta e dos camarões que nem percebeu que o chefe aguardava sua aprovação pelo serviço. Foi Janete quem o alertou:

— Prisco, acorde!

O violonista achou-se num lugar estranho, como se não se reconhecesse ali. Mas foi um átimo de segundo, logo seguido de um sinal de aprovação, como a dispensar os diligentes mestres-cucas. O chefe, porém, não fez menção de se mover, esperando que a comida fosse provada e aprovada.

De novo, foi Janete quem tomou a iniciativa. Fazendo um gesto significativo, com o garfo carregado de arroz à altura dos lábios, indicou a Prisco o que deveria fazer, ela mesma abocanhando o que ali se continha.

Prisco observou a companheira e, inspirado, fez um gesto com a mão boa, a solicitar dela a opinião desejada.

Os olhares dos seis se voltaram para a moça, que expressou um sorriso de satisfação, designando com o polegar erguido que o sabor estava positivamente agradável.

Prisco abriu a fisionomia e, tocando com os dedos a ponta da orelha, disse:

— Como sempre, o serviço da casa é magnífico.

Foi quanto bastou para os garçons se dispersarem rapidamente, voltando o chefe para a cozinha, precedido pelos acólitos, como sai em procissão o sacerdote, após o ato litúrgico.

Mas Prisco não se atrevia a empunhar o garfo, chamando a atenção de Janete, que se deliciava com os variadíssimas sensações gustativas do requintado alimento.

— Que está acontecendo?

— Perdi a vontade de devorar estes cadáveres.

Janete depositou o garfo sobre o prato. Só então percebeu que Prisco estava lívido, como se estivesse sentindo-se mal, com o estômago revirado.

— Você não está bem?

— Estou com a estranha sensação de que esses animais vão causar-me transtorno ao organismo.

— Mas você comeu tão bem os aperitivos.

— Comi e sou capaz de comer mais. Só não estou aceitando o pensamento de que o conteúdo dessas carcaças possa constituir o alimento de que devo extrair a energia vital de que necessito.

— Coma um pedaço de pão.

Prisco partiu a fatia com a mão e pôs um pedaço na boca. De imediato, sentiu que salivava, deglutindo a porção com prazer. Levou o nariz para perto do prato, para sentir o cheiro do arroz. Pareceu-lhe insuportável, forçando-o a afastar-se vivamente.

— Não me diga que o odor não esteja bom.

— Não é o odor, Janete. É a perspectiva de ingerir os produtos animais.

— Você comeu queijo.

— E me delíciei. Estes pobres pijamas vermelhos na travessa é que me estão dando ojeriza. É como se o meu inconsciente estivesse proibindo-me de comer a carne dos animais. Eu sei que a carne alimenta a carne. Já andei pesquisando a respeito da alimentação carnívora e li o que Kardec transcreveu a partir das perguntas que elaborou. Sei que ele mesmo não era vegetariano. Li

que Jesus multiplicou os peixes, tendo colocado na boca, como descrevem os evangelistas, para comprovar que estava entre os apóstolos após a ressurreição, uma porção de peixe, o que demonstra que aceitava alimentar-se dos frutos do mar. Hoje, no almoço, não recusei a carne que acompanhava o feijão com arroz, embora tivesse meditado algum tempo sobre se deveria ou não comer. Isso fez que o prazer que sempre obtive com a degustação da carne se comprometesse deveras. Esta é a primeira vez que não me sinto à vontade nesta situação. Que você acha que devo fazer?

— Eu não estou em condições de achar nada. Para mim, a *paella* está maravilhosa. Mas, se você não quiser que eu coma, porque isso lhe irá causar mal-estar, eu não vou comer.

— Tudo bem. Fique à vontade. Você pode comer o que quiser, que não irá impressionar-me. Eu vou pedir-lhe desculpa, mas não vou acompanhá-la, não até que esta repugnância intelectual se desfaça.

Imergiram ambos em seus pensamentos. Janete, quase automaticamente, foi dando cabo de sua porção, não deixando de lado nenhum pedaço específico deste ou daquele habitante das águas.

O garçom responsável pelo setor percebeu que o prato de Janete se esvaziava e se aproximou para servi-la de mais um pouco, pedindo-lhe que escolhesse os pedaços de seu agrado. Ela aceitou sem muito ânimo, já predisposta a deixar no prato uma boa quantidade, como a colaborar com o prato cheio de Prisco.

Entretanto, o garçom não poderia deixar de verificar que o homem não estava comendo:

— O senhor pode pedir outra coisa — disse ele, contornando o problema.

— Traga-me uma salada simples de tomate, palmito e mais algum vegetal.

— Pode ser aspargo?

— Perfeitamente, desde que não venha com presunto, salsicha, atum ou qualquer outro produto de origem animal.

— Posso levar seu prato?

— Eu não toquei nele. Se quiser, pode incorporá-lo ao que está na panela.

— Aquele está quente; este que está frio: eu vou levar. Com licença.

— Diga ao chefe que estou lamentando não poder apreciar a especialidade dele. Fica para outra vez.

— Certamente, senhor.

Assim que o rapaz desapareceu entre as mesas, Janete observou:

— Estava com medo de que suas novas ideias doutrinárias estavam se interpondo entre nós. Mas o fato de não comer carne não tem nada a ver com espiritismo. Ou melhor, pensando bem, pode até provir de uma mediunidade não desenvolvida.

— Não atinei.

— Você está abrindo a mente para a espiritualidade, mas não domina as intervenções intuitivas, tanto que está se distraindo muitas vezes. Isso pode oferecer campo livre para a atuação de obsessores.

— Pode parar por aí, por favor. Não estamos no centro e esta conversa está indo longe demais. Acho que vou aceitar uma garfada de seu prato.

Janete, mais que depressa, estendeu o garfo cheio de arroz, que Prisco recusou, afastando-se como se estivesse ainda sob a ameaça da carantonha infeliz da lagosta.

— Falei brincando. Realmente, não estou a fim desse arroz.

Quando chegou a salada, veio em enorme travessa trazida pelo próprio chefe. Depositou ele a caprichada iguaria sobre a mesa, fazendo questão de preparar o prato de Prisco. A cada ingrediente, perguntava se podia servir:

— Grão de bico?...

Prisco respondia com a cabeça que sim.

— Beterraba?... Ervilhas?... Tomate?... Aipo?... Alface?...
Cebola?... Batata?... Cenoura?...

Nada ficou de fora do prato, terminando bem cheio.

— Quer que eu corte as verduras?

— Por favor.

Com mãos hábeis, logo os pedaços adquiriram as dimensões ideais das garfadas.

— Temperos?

— Sim.

— Sal?... Pimenta?... Azeite?... Vinagre?... Cheiro verde?...
Tomilho?... Estragão?... Sálvia?...

Novamente, Prisco aceitou todas as sugestões. O mestre-cuca misturou o tempero à salada, colocou o prato diante do ilustre cliente e aguardou que se dispusesse a comer.

Não se fez Prisco de rogado e foi logo picando com o garfo dois ou três dos diversos vegetais, que apreciou com vontade, verdadeiramente agradecido pela deferência toda especial de que fora alvo.

Abriu-se largo sorriso no rosto do chefe, que, após cumprimentar a dama, volveu à cozinha, agora parando em cada mesa, a perguntar a respeito da comida e do atendimento.

Logo Prisco percebeu que estava com muita fome, devorando com vontade cada porção que levava à boca, considerando que aquele prato lhe cairia muito bem no estômago.

Janete, que havia terminado a refeição, observava silenciosa como é que o parceiro se deliciava. Antes que o garçom comparecesse para servir mais um tanto, ela mesma fez questão de fatiar os vegetais, cuidando para que Prisco não fosse acabar ficando com fome.

Disfarçadamente, avaliou que a cebola estava quase crua, apenas esalada em água fervente, deixando de servi-la. Prisco, contudo, que gostava de trincar as fatias para sentir o crocante do

vegetal, pediu-lhe que não regateasse, afirmando que a alma da salada era justamente a cebola, principalmente se estivesse bem ardida, como aquela.

Um pouco antes da meia-noite, deu-se início ao *show*, quando já haviam terminado de saborear a sobremesa, Janete, sorvete com calda de abacaxi e flocos de chocolate; Prisco, salada de frutas com espumante sem álcool.

Os acordes da música despertaram a nostalgia do guitarrista ferido, de modo que Janete propôs que se retirassem, não sem secar algumas lágrimas que começavam a escorrer pelo rosto dele.

Mas não foram logo embora. Ficaram de mãos dadas no jardim, sob o influxo emotivo das ondas sonoras que os envolviam. Esse momento, apesar do contato físico, foi um mergulhar profundo no passado de cada um.

Quando Janete ensaiou alguns passos, compenetrada e séria, à moda das dançarinas que se concentram no ato, Prisco, meio desapontado, ergueu-se do banco, pegou-a pela cintura e conduziu-a em alguns movimentos, sapateando na laje, queixando-se de que estava fora de forma.

Antes que terminasse a apresentação no palco, passaram pelo *maître*, que lhes deu a notícia de que a noitada fora cortesia da casa. Prisco agradeceu-lhe efusivamente, prometendo jocosamente voltar outras vezes. Ainda ficaram retidos por algum tempo, até que ele foi chamado ao palco para receber uma ovação da clientela.

Mais tarde, no carro, o hálito carregado do esbelto senhor, tiraria da cabeça de Janete a ideia de um beijo, limitando-se a despedi-lo, oferecendo-lhe a face. As luzes pisca-piscantes dos luminosos dos motéis se deixaram ofuscar pela sensação desagradável de que *paella* e salada de cebola não combinam nem no coração nem no olfato feminino.

22. SEM GESSO

Joaquim levou o filho ao consultório para retirada do gesso. O traumatologista examinou a mão, renovou a receita dos anti-inflamatórios e declarou que o uso profissional dos dedos adviria após, pelo menos, dois meses de sessões diárias de fisioterapia. Que o guitarrista não provocasse a natureza tentando forçar recuperação mais rápida. Fez recomendações para acompanhamento caseiro do tratamento preconizado na clínica e despediu o artista, congratulando-se com o resultado da operação, cujas cicatrizes quase não eram visíveis.

O que faria Prisco ao chegar em casa? Pegar o primeiro violão, é claro, e confirmar que não tinha força para calcar as cordas. Precisou que o pai lhe retirasse das mãos o instrumento:

— Você está querendo saber mais que o médico? Vamos colocar essa mão numa boa salmoura morna. Você vai ver que logo estará podendo apertar os dedos.

— Pai, gostaria de ter uma conversa com você.

— Pois vamos conversar.

— É sobre a Janete.

— Sua mãe e eu achamos que se trata de uma boa moça.

— Quanto a isso, nenhuma dúvida. Mas eu não consigo deixar-me atrair por ela.

— Vocês têm saído juntos. Não *rolou* nada ainda?

— Ela se insinua... mais ou menos... Outro dia sugeriu que eu estava obsidiado.

— Quer dizer que existe algum espírito não muito bom sugerindo que você faça isso ou aquilo?

— Eu não entendo bem o mecanismo. Pelo que li, Kardec achava que a própria pessoa encarnada é que atrai os maus como

os bons espíritos. Eu não tenho feito nada de errado. Até fico lendo os livros, como você tem visto.

— Quem poderia estar sendo chamado por você, a não ser Eulália?

— Ou o espírito de minha filhinha.

— Você pensa muito nelas?

— Não muito. Sabe quando é que eu penso? Quando me lembro da Janete.

— Isto não é caso para os espíritas. Acho que você está precisando de uma conversa mais profissional do que a minha...

— Psicanálise?

— Talvez. Quando eu era criança e, mesmo, juvenzinho, recebia conselhos no confessionário. Agora as coisas estão mudadas...

— Acho que vou marcar um encontro no centro. Existe uma equipe *batuta* lá. Se não ficar satisfeito, vou ao médico.

— Converse com a Mirtes. Ela me pareceu excelente.

— É para já!

Segurando com a mão trêmula o aparelho celular, localizou e digitou o número da jovem senhora.

— Alô, Dom Prisco!

— Você tem reconhecedor de chamadas...

— Como vai? Como foi a retirada do gesso?

— Minha mão ainda está boba. Mas, graças a Deus, vai melhorar.

— E com a ajuda dos bons espíritos.

— Sabe o que eu queria?... Queria conversar com vocês a respeito de uma possível obsessão que tenho sofrido. Daria para reunir o pessoal?

— Vamos fazer algo mais. Venha hoje à noite preparado para assistir a uma sessão mediúnica.

— Vocês vão evocar alguma entidade em particular?

— Não é nosso hábito, porque sabemos que os amigos da espiritualidade estão sempre muito ocupados. Mas podemos abrir uma exceção.

— Como é que devo preparar-me?

— Não é obrigatório, mas seria bom que viesse descansado, bem alimentado, mas sem exageros. Deixar de comer carne é recomendável...

— Faz uns dias já que não tenho comido.

— Por quê?

— Penso nos animais mortos e não me sinto bem. Acho que é uma questão meramente sentimental. Vai passar.

— Evite o café e os pratos muito condimentados.

— Não me lembro de Kardec fazer esse tipo de prescrição.

— O espiritismo já não possui apenas os livros da codificação. Ali estão as normas gerais. Existem obras que tratam de temas específicos. Vou arranjar-lhe algumas. Você vem?

— Pode contar comigo. A que hora?

— Chegue um pouco antes das oito para trocarmos algumas ideias. O Valério vai estar aqui.

— Conheço o Azevedo. É o mesmo?

— Só tenho esse marido. Ele pode ajudá-lo melhor do que eu. Despediram-se e ficaram assim combinados.

Foi só desligar o telefone, ocorreu a Prisco que não havia falado a respeito da ida de Janete. Precisava confirmar se esta poderia ir e se sua presença não seria inoportuna. Foi pensar numa e logo a outra compareceu:

“Se Eulália quiser manifestar-se, pode ficar constrangida perante a rival. Janete também pode não querer encontrar-se, mesmo nessas condições, com minha ex. Vou sozinho.”

Joaquim, que havia acompanhado a conversa, quis saber o que representavam aquelas restrições à carne:

— Você está causando um problema para a Dona Maria.

— Pai!...

— É verdade. Ela não se ajeita sem colocar um pedaço de toucinho no feijão, músculo na sopa, lagarto no molho do macarrão. A gente está estranhando muito o paladar.

— Mas vocês comem os seus bifés, os seus grelhados, os seus franguinhos...

— Que sentimentos são esses agora?

— Não sei. A verdade é que me sinto mal só em pensar em comer.

— Deus colocou os animais no mundo para nos servirem de alimento.

— Mais ou menos. Mas se você adotar esse ponto de vista, eu não tenho o que discutir. Apenas vou perguntar se, na origem do homem, era ele um caçador ou um carniceiro. Acho até que, antes disso, ele era herbívoro, comendo raízes, talos de árvores, folhas e, talvez, frutas.

— Acho melhor você se entender com sua mãe. Se você convencê-la, ela vai ficar mais tranquila.

— Como mais tranquila?...

— A Dona Maria está achando que essa comida vai fazer mais demorada a sua cura.

— Pura chantagem sua. Onde se viu?!...

— Vamos almoçar?

— Vamos.

23. A SESSÃO ESPÍRITA

Quando Prisco chegou, encontrou os amigos ao derredor da mesa em que trabalhariam mediunicamente. Não conversavam. Uns escreviam e outros liam livros ou folhetos avulsos.

Valério indicou-lhe uma cadeira ao seu lado, cochichando-lhe ao ouvido:

— Não podemos perturbar a concentração dos médiuns. Mirtes me pediu para perguntar-lhe qual é o problema que você gostaria de ver resolvido.

— A bem da verdade, o que eu gostaria mesmo é de ouvir uma palavra da minha falecida esposa. Se não for possível, que um espírito que mantenha vínculos com ela fale em seu nome. Preciso dizer a você qual é o assunto que mais me interessa?

— Se está ciente do valor de uma resposta que possa tranquilizá-lo, não me diga mais nada. Com certeza, os guias vão ler em sua mente como num livro aberto, porque estarão ligados ao seu espírito, como se você não estivesse encarnado. Quanto à sua fratura, desejaria uma vibração para ajudar na restauração da habilidade motora?

— Não, e eu explico o porquê: é que a natureza já está a serviço dos processos materiais ou físicos. Querer mais do que já tenho, é deixar de confiar integralmente na bondade divina. Estou dizendo isto o mais humildemente que posso, porque não se trata de orgulho. Veja que estou mais preocupado com a parte moral, doutrinária e filosófica, se assim posso dizer.

— Mas, se vier uma ajuda, você não irá recusá-la, não é?!...

— Qualquer cooperação da espiritualidade será bem-vinda e, de antemão, agradeço.

— Você já assistiu a algum trabalho mediúnico?

— Vi documentários na televisão, inclusive reportagens de antigas entrevistas com vários médiuns em transe. Fora isso, nunca estive presente a uma sessão deste tipo.

— O principal conselho que posso dar-lhe é que se mantenha o mais calmo possível, esforçando-se por elevar os pensamentos, segundo os temas que forem tratados, ousando supor que estará auxiliando o grupo por meio do fornecimento de energia espiritual de categoria superior. Se achar que suas vibrações ou fluidos possam estar prejudicando o andamento da sessão, não hesite em apelar para que seu protetor lhe inspire bons sentimentos, o que você alcançará através das preces a que estiver acostumado. Nunca tome a iniciativa de falar, mesmo que esteja sentindo a presença de um irmão da espiritualidade que deseje manifestar-se através de seus instrumentos fônicos. Entretanto, se o dirigente da sessão pedir-lhe para expressar o que estiver sentindo ou solicitar-lhe uma pergunta, fique à vontade, vigiando para que os termos sejam condignos, ainda que algum sofredor lhe passe expressões menos felizes.

— Isso é possível, sem nenhum treinamento?

— Você pode ter tido um treinamento íntimo, sem ter notado. De qualquer modo, prevenir é sempre melhor do que remediar.

Naquele momento, Vadão chegou, cumprimentando discretamente cada um dos integrantes da mesa. Dirigiu-se ao fundo da sala e logo se ouviu uma música orquestrada em que Prisco reconheceu Vivaldi.

Estranhamente, as pálpebras do artista começaram a pesar-lhe, como se estivesse sendo magnetizado pelos acordes. Sentiu que havia um aroma muito sutil de rosas no ambiente, sem, contudo, interessar-se por localizar-lhe o foco. Não percebeu quanto tempo havia passado desde aquele instante até o momento em que as lâmpadas cederam a vez a uma luzinha azul que tornava as pessoas meros fantasmas em meio à forte penumbra. Não chegou a notar que o aparelho de som fora desligado, mal

percebendo que Vadão havia realizado uma leitura, feito uma oração e solicitado a ajuda dos seres da espiritualidade para o bom andamento dos trabalhos.

De repente, Prisco sentiu-se transportar para um local iluminado, como se estivesse sonhando. Não opôs resistência e se preparou para algum encontro espetacular com entidade de superior quilate moral. Mas as suas impressões ficaram por aí mesmo, como se estivesse passeando em meio a nuvens espessas, cujas gotículas de vapor filtrassem a luminosidade de um corpo celeste que tornasse todo o ambiente esbranquiçado. Sentiu que pairava em paz, dentro de um conjunto harmonioso de vibrações tranquilizadoras. Nunca estivera tão bem. Chegou a imaginar que aquele seria o paraíso, caso não estivesse preso às lembranças de uma vida inteira.

Aos poucos foi tomando tento da realidade e logo percebeu que estava de volta à consciência da hora e do lugar. Era o momento em que Vadão concluía a prece de encerramento da reunião, agradecendo efusivamente o auxílio recebido dos mentores da casa e a presença de alguns seres especialmente evocados para a ocasião.

Quando as luzes voltaram a acender, todos se manifestaram com muita simpatia para com o atarantado artista, que não sabia a que atribuir as palavras de apoio e incentivo.

— Mas eu não fiz nada!

Foi Vadão quem esclareceu:

— Você que pensa! Mais admirável ainda o seu dom mediúnico, porquanto você não se recorda de nada. Ser médium inconsciente ou mecânico de maneira tão absoluta é raríssimo. Quase sempre há a necessidade de se obstar as comunicações menos sérias, mais jocosas e até agressivas. No seu caso, as quatro entidades que se manifestaram demonstraram personalidades muito diferentes umas das outras, mas a nenhuma você permitiu que extrapolasse os limites do bom senso, apesar de todo o

sofrimento que demonstravam. Se você fez isso sem saber o que estava fazendo, com certeza é prova de que foi monitorado por protetores do maior gabarito.

— Vocês vão precisar contar tudo para mim. Eu estou absolutamente por fora.

— Infelizmente, não ligamos o gravador. É a primeira vez que temos uma reunião de tamanho significado. Na próxima, não nos esqueceremos de deixar o microfone ao seu lado.

— Afinal de contas, se não era para me lembrar de nada é porque as informações não me diziam respeito.

— Ao contrário, disse-lhe Azevedo, o mais entusiasmado de todos. Você obteve as mais brilhantes...

Manuel fez questão de atalhar, acompanhando as palavras com um gesto que determinava que o outro se acalmasse:

— Por favor, amigos, se quisermos que o nosso Prisco não se envaideça, vamos conter o ímpeto dos elogios. Eu acho que ele mereceu um instante de glória. Mas quem nos garante que esse trabalhador vai sustentar seu elevado pique mediúnico? Todos aqui sabemos que uma sessão apenas não quer dizer muita coisa. Valério, resuma para ele as coisas que Eulália nos passou.

Prisco estava encantado:

— Eulália?

Valério confirmou:

— Foi como o espírito que falou em primeiro lugar se identificou.

— Vocês sabem quem é Eulália?

— Pelo que ela nos disse, prosseguiu Valério, é a sua falecida esposa.

— Ela mesma.

— Ela nos disse que está muitíssimo bem, estudando bastante e sendo assistida por um grupo de mentores, numa instituição ou colônia.

— Que provas ela deu de ser a minha esposa?

— Eu não sei se é uma prova, mas afiançou que você saberia reconhecê-la através da frase “a verdade de cada um pode ser a verdade de todos”.

— Essa frase eu dizia em caráter de brincadeira. Mas que vantagem há nisso, já que eu bem poderia repetir o que já se acha na minha cabeça?

— Eulália não se manifestou por seu intermédio. Foi Manuel quem a incorporou.

— Santo Deus! Então, era ela mesma! Que mais ela disse?

Vadão assumiu a vez das explicações:

— Talvez não seja de todo conveniente reproduzir-lhe todo o longo discurso, porque há uma passagem que poderá desgostá-lo.

— Quero saber tudo.

— Não se esqueça de que os espíritos sabiam que você não estava inteirando-se de seus dizeres. Quem sabe não era para você ficar...

— Se não fosse, eles não diriam nada.

— Talvez tenham dito para que o grupo, e não você, se compenetrasse de que, se o trabalho apareceu, é porque o trabalhador estava preparado.

— Ela desejou prevenir-me de algo importante?

— Quer mesmo saber?

— Assumo a responsabilidade.

— Pois ela disse que você a tem arrastado para todo lugar aonde vai; que seus sentimentos em relação a ela são de espírito obsessivo; que você já tem idade, senso crítico e conhecimentos para deixá-la em paz; que você precisa tocar sua vida para a frente; que existem seres compromissados com você a quem você prometeu agasalho. Eu acho que são palavras muito fortes, sobre as quais você deve meditar bastante.

— Por que me deixaram de fora de tão rica comunicação?

Manuel tentou uma interpretação, começando por perguntar:

— Como é que você se sentiu durante esta hora e meia de reunião?

— Foi tanto tempo? Para mim não me pareceram mais que dez ou, no máximo, vinte minutos. Mas eu estava muito tranquilo, como se nada pudesse perturbar-me.

— Foi o que imaginei. Se você estivesse ligado ao que estava sucedendo, provavelmente iria agitar-se, como está impressionado agora. Sua perturbação iria criar um forte obstáculo vibratório à manifestação de sua esposa. Quem sabe Manuel nem conseguisse dar permissão a que ela falasse através dele. Era bem possível que você fizesse gorar a sessão.

— Por outro lado, aparteu Valério, era preciso deixá-lo inconsciente para demonstrar que você é um tremendo médium sonâmbulo, com perdão do encômio.

Em seguida, relataram-lhe, mais ou menos, o que ele mesmo havia dito, nada que condissesse com qualquer problema de sua própria vida, o que ele fez questão de frisar. Ao cabo dos relatos, Prisco estava interessado num outro ponto:

— Esses quatro seres que representei podem ser identificados?

Vadão respondeu:

— Para mim, são entidades que foram chamadas justamente por não estarem relacionadas com nenhum de nós. Como disse Manuel, as vibrações de caráter emocional poderiam prejudicar o andamento dos trabalhos. Como não foi citado o nome de ninguém conhecido, encarnado ou não, a tarefa que desempenharam teve dois objetivos principais: primeiro, desenvolver-lhe as primícias de sua mediunidade; segundo, treiná-los e aos do grupo de sustentação para a magnetização de outras pessoas candidatas à intermediação entre os planos. Foi um trabalho didático.

Manuel estava realmente preocupado com o bulício mental em que ficaria o novel intermediador, tanto que insistiu:

— Quando você chegar em casa — este é um aviso de quem tem muitos anos de prática — a primeira coisa que tem de fazer é procurar ler algum trecho de *O Livro dos Médiuns*, especialmente alguns que falam a respeito do orgulho e da vaidade.

Prisco pensou em brincar, dizendo que seu maior orgulho era não ter vaidade, mas bem a tempo sofreu o impulso, atentando para a seriedade das feições do interlocutor. Então, prometeu:

— Vou ler e também vou orar uma prece que se encontra em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, aquela que pede a resistência a uma tentação.

Mirtes, que se mantivera calada o tempo todo, rapidamente abriu o livro e leu:

— *Deus todo-poderoso, não me deixe sucumbir à tentação em que forçosamente falharei. Espíritos benévolos que me protegem, afastem de mim este mau pensamento e forneçam-me a força para resistir à sugestão do mal. Caso eu sucumba, terei feito por merecer a expiação da minha falta nesta vida e na outra, porque agora eu estou livre para escolher.*

João achou que estava na hora de participar e, tendo aberto o livro em outra página, deu a Mirtes para ler:

— Prece para os médiuns, segundo parágrafo: *Se eu estiver tentado a abusar do que quer que seja, ou a ficar envaidecido da faculdade que lhe aprouve conceder-me, eu lhe rogo para retirá-la de mim, de preferência a permitir que ela seja desviada de seu alvo providencial, que é o bem de todos e meu próprio adiantamento moral.*

Todos aplaudiram a lembrança e o mais foram conversas particulares preparando a partida.

Mirtes ficou com vontade de explorar os sentimentos do amigo, mas, recordando-se de que deveria levantar bem cedo, adiou a satisfação desse desejo para um momento mais oportuno.

24. CURA MISTERIOSA

Ao chegar em casa, Prisco encontrou Bernardete e Paulo Henrique à sua espera. Era a primeira vez que os via desde que regressaram da Espanha.

Dona Maria e Joaquim estavam em conversa animada com ambos, tentando pô-los à vontade. Quando Prisco entrou, estavam admirando o álbum de fotos do artista, tendo passado já pelos flagrantes de sua felicidade ao lado de Eulália.

Bernardete soltou um gritinho de alegria ao vê-lo, levantando-se lépida da cadeira, indo abraçá-lo e beijá-lo.

— Vejo que está sem gesso. Como está a mão?

Prisco ergueu o punho e movimentou os dedos, ele mesmo admirado com a facilidade com que o fez. Notou que não havia mais inchaço nem dor.

— Parece que estou recuperando os movimentos. Para tocar, porém, preciso restabelecer a musculatura. Para isso, tenho feito exercícios e aplicado banhos de salmoura. As sessões na clínica são mais completas, incluindo sessão na câmara de raios infravermelhos, massagens e aplicações de pomadas.

Paulo Henrique também se aproximou, acanhado, estendendo em silêncio a mão, como para sentir como é que o outro iria recebê-lo.

Prisco abriu um sorriso compreensivo e puxou o rapaz para abraçá-lo, murmurando-lhe ao ouvido:

— Tudo bem, meu caro. Não se preocupe com meus sentimentos. Se a gente não conseguir entender que as pessoas têm o direito de errar, também não vai saber o que seja arrepender-se e perdoar, não apenas aos outros mas especialmente a si mesmas. Eu acho que você nunca mais vai fazer o que fez.

Também sussurrando, o jovem respondeu:

— Aprendi a minha lição.

Bernardete ouviu o que ambos disseram e se uniu a eles, empolgando a ambos. Chorava, com um sentimento misto de admiração e piedade pelo sofrimento de ambos. Enfim, desprenderam-se, mantendo a moça a mão ferida do violonista entre as suas.

— Se eu pudesse curá-la de uma vez por todas, podem acreditar que eu faria isso de todo o coração.

Prisco sentiu-se incomodado com aquele ato de carinho, lembrando-se de perguntar:

— Como vão os preparativos para a faculdade?

Faceira, Bernardete respondeu:

— De vento em popa. Soube que existe um grupo que se dedica às artes e pretendo me oferecer para integrá-lo. Faço qualquer coisa, desde cantar, dançar, representar, o que me propuserem.

Dona Maria interrompeu a conversa, perguntando:

— Vocês já jantaram?

Bernardete respondeu:

— Não se preocupe com a gente. Nós planejamos ir a uma cantina aqui perto. Vamos comer pizza.

Joaquim propôs:

— Como nós estávamos esperando o nosso menino, ficamos sem jantar. Íamos encomendar exatamente uma pizza. Vocês não querem escolher os tipos?

Bernardete foi quem aceitou o convite:

— Vamos gostar muito. O Paulo é quem sabe pedir as melhores. Deixe que ele faz a ligação.

Logo, Dona Maria esclareceu:

— Mas existe uma restrição: nós não estamos comendo carne, só queijo, ovos, manteiga e leite.

— Nem peixe? — quis saber Paulo.

Prisco se antecipou aos pais:

— Nem peixe, nem camarão, nem nenhum animal cuja morte tenha sido causada por nossa necessidade de alimento. Mas vocês podem pedir o que quiserem. Eu me contento com alguma qualidade que contenha qualquer tipo de derivado de leite.

Paulo observou:

— Vamos às pizzas com cogumelos, alho e óleo, tomate seco, mozzarella de búfala, verduras em geral. Todos concordam?

À vista da aquiescência de todos, discou para o número que lhe forneceu Joaquim, que garantia ser a pizzaria excelente.

Enquanto isso, Bernardete inquiria de Prisco:

— Seus pais são uma simpatia. Eles disseram que você tinha ido ao Centro Espírita *Caminho da Luz*. Pelo halo de felicidade que notei em você quando chegou, parece que aconteceu algo muito importante.

— Janete não lhe contou que temos ido assistir a algumas palestras espíritas? Existem oradores notáveis.

— Que vocês não encontraram ainda. Pelo menos, a mana estava dizendo que vocês até saíram antes do fim.

— Estamos programando ouvir a exposição de um médico espírita na sede da Federação.

— Mas o que você fez hoje à noite? A Janete me pediu que sondasse o que aconteceu para ela não ter sido convidada.

— Fui a uma sessão de desobsessão a convite justamente da pessoa que me conduziu pela primeira vez ao centro. Não deu tempo de avisar a sua irmã, mesmo porque eu me esqueci de perguntar se poderia levar mais alguém, já que tal reunião é reservada apenas aos médiuns da casa.

— Você que se entenda com ela. O que eu quero saber é se algum espírito conhecido compareceu.

Prisco não estava com vontade de relatar o que ouviu dos parceiros. Contou apenas por alto que ficara o tempo todo adormecido mas que fora capaz de ser magnetizado para dar vazão

a quatro manifestações, quanto bastou para Bernardete enchê-lo de perguntas.

Para descartar-se do interesse que lhe pareceu apenas retórico, Prisco eivou as frases de termos técnicos específicos da doutrina, termos que lera em Kardec ou que ouvira dos entendidos. Falou em perispírito, em fenômenos psi e capa, em glândula pineal, em agêneres, utilizando-se de quanta nomenclatura diferenciada se lembrou.

Bernardete ouviu-o atentamente, fazendo sinais de aprovação com a cabeça. O discurso não acabava mais, até que tocaram a campainha. Era o entregador das pizzas.

la Prisco erguer-se, mas Bernardete impediu-o:

— Você vai ficar aqui, porque eu também conheço termos complicados que, soltos no ar, não significam absolutamente nada. O que você não sabe, é que sigo a doutrina espírita desde pequenininha. Se está pensando que me enganou, vai ter uma bela surpresa.

O artista saiu pela tangente:

— Então me responda por que Eulália deu uma comunicação endereçada a mim, estando eu alheio ao que se desenrolava na sala. Quero ver a tagarela sair-se desta.

— Se Dona Maria não fosse tão gentil, eu diria que tagarela é a mãe.

Exatamente nesse momento, ouviram a própria chamando de dentro:

— A pizza está servida. Não vão deixar esfriar.

Bernardete tomou a iniciativa e, de braços dados com os dois rapazes, conduziu-os à sala de jantar.

Sobre o balcão do aparador, alinhavam-se muitas garrafas com diferentes espécies de sucos, de refrigerantes e de águas. Ao dar com as fileiras bem dispostas, Paulo Henrique aproximou-se, examinando detidamente todos os rótulos, terminando por exclamar:

— Vocês não querem mesmo que eu tenha oportunidade de recusar nenhuma bebida alcoólica! Pois saibam que me tornei abstinente depois do vexame que dei.

Prisco ia começar uma explicação, quando Dona Maria interveio:

— Por causa dos remédios, o meu menino não pode tomar nada que contenha álcool. Mas nós pensamos em você também, achando que não deveríamos arriscar. Ficamos contentes em saber que tomou tal decisão. É muito louvável na sua idade.

Houve um momento de recesso da alegria, mas logo todo o grupo estava cruzando informações e palavras de elogio endereçadas às pizzas.

Bernardete, observadora e sagaz, em certo momento, comentou:

— Paulo, você fez muito bem em não escolher nenhuma pizza coberta de cebolas. Eu sei que elas fazem bem ao coração, mas conseguem perturbar os que estão apaixonados.

Prisco compreendeu a alusão ao problema de Janete, problema sobre o qual tivera oportunidade de meditar, de forma que estava preparado para oferecer uma resposta que esperava dar à própria:

— Até esta noite, estava pensando que a sugestão de devorar as cebolas a que você se refere tinha sido dada por Eulália, enciumada por eu estar com Janete, principalmente num local que nós frequentávamos. Agora estou tendendo a crer que foram os mesmos espíritos que provocaram a minha alienação no centro que sugeriram, ou melhor, que me induziram intuitivamente a afastar-me de sua irmã por meio do artifício em pauta.

Tão longa explanação provocou um rebuliço na mente dos que não sabiam das mensagens que Prisco captara. Até o fim do jantar, foi o tema predominante, todos querendo saber a respeito das sensações do médium, ninguém inquirindo sobre o teor das comunicações.

Após o café, na sala de estar, Prisco lembrou Bernardete de que lhe devia uma resposta.

Esta não se apurou:

— Tudo o que ela fez foi como quando uma pessoa escreve uma carta. Seria melhor perguntar com que objetivo os guias mantiveram você inconsciente, uma vez que faz muito pouco tempo para que Eulália já possua voz ativa em assembleia de espíritos mais evoluídos. Por outro lado, tudo que você referiu a respeito da comunicação me leva a crer em que ela deseja deixar-lhe o caminho livre do ponto de vista sentimental. Agora que você já sabe disso, por favor, nada de cebolas e muito de guitarrada.

la a conversa por um caminho que não agradava a Prisco, de sorte que ele se aproveitou da deixa, levantou-se, saiu e logo voltou empunhando um violão:

— Pensei em tranquilizar definitivamente o rapazola aqui presente. Vou dedilhar uma ária de zarzuela, coisa leve, pedindo perdão se a minha voz não estiver à altura da verve do compositor.

Antes de iniciar, ao afinar o instrumento, pôde avaliar que os dedos da mão esquerda estavam espertos e firmes sobre as cordas. Era uma peça que começava bem devagar, um lamento apaixonado de um cigano que se acreditava desprezado pela mulher amada.

Todos ficaram meio petrificados com a ousadia, como em estado de suspensão vital. Um fracasso poderia ser definitivo para o prosseguimento do processo de cura. Entretanto, o guitarrista, envolvido pelo canto, considerou que a música era apenas acompanhamento, sem arroubos de interpretação. Ao final, pensava em suprimir a manifestação da dor pelo choro convulsivo das notas, mas levou a exasperação do sofrimento até o desmaio que silenciava o ato.

Os aplausos dos quatro transbordaram para os cômodos vazios, chegando até os raros passantes da via pública.

Não houve insistência nem o artista bisou ou ofereceu outra canção. Joaquim, preocupado, levou o instrumento, voltando em breve com a bacia de salmoura, mergulhando-lhe a mão.

Prisco cooperou com os cuidados paternos, afiançando, porém, que se sentia curado:

— Amanhã vou pedir ao ortopedista uma avaliação do estado em que se encontra meu punho. Não era para eu conseguir os acordes que vocês ouviram. Se não foi um milagre, está bem perto disso. Permitam-me recolher-me uns instantes, porque acho que devo orar agradecendo o benefício.

Ninguém conseguiu deter o curso das lágrimas.

25. MANHÃ DIFERENTE

— Pai, se você quiser ficar em casa, pode ficar. Eu posso ir dirigindo.

— Filho, você vai voltar dirigindo, se o médico permitir. Eu o levo à clínica.

— Tudo bem. Eu já estou mesmo acostumado a ser *paparicado*.

— Por que está levando o violão?

— Vou demonstrar que minha mão está perfeita.

— Boa ideia. Assim o doutor vai poder ver como é que você está forçando os músculos e tendões.

— Como você disse: é o médico quem decide.

No curto trajeto, ainda trocaram algumas palavras, observando Joaquim:

— É difícil de acreditar que o rapaz de ontem era o mesmo que o agrediu.

— Ele estava tomado pelo álcool e pelo ciúme.

— É até compreensível, porém, meu caro, a transformação deve ter sido muito grande, para ele, de repente, ter compreendido tudo.

— Naquele dia, baixou a guarda e permitiu que obsessores sugerissem o mal que acabou praticando.

— Mas não me diga que deixou de ser responsável pelo que fez!

— De jeito nenhum, e recebeu o impacto da ação criminosa que se voltou contra ele mesmo. Não é assim que todos nós aprendemos?

— É e não é. Toda criança sabe que o fogo queima, mas nem por isso precisa ficar dentro de uma casa incendiada.

Prisco não respondeu de imediato. Imergiu em sua triste lembrança da santinha que morrera um dia ao seu lado no hospital. Compreendeu a que o pai fazia referência e, finalmente, aduziu:

— De qualquer modo, sempre é possível restaurar as coisas que se quebram, como o meu violão, por exemplo; ou o meu pulso. E, se a pessoa vem a falecer, quem acredita em outra vida e em reencarnação vai sair na frente na compreensão desta vida.

— Meu filho, você está me saindo melhor do que a encomenda.

— Como assim?!...

— Está sendo capaz de expender ideias de caráter religioso, quando a gente tinha medo, principalmente Dona Maria, de que você ficasse para sempre materialista.

— Quando Eulália era viva, ela me dizia coisas nesse mesmo sentido. Eu é que não punha interesse em entender aquilo a que ela se referia. Chegamos. Espero que o médico esteja na clínica, apesar de ser sábado.

— Vamos ver.

Precisaram aguardar cerca de dez minutos até serem chamados para a terapia. Logo a enfermeira foi informando que o médico não se achava. Havia um de plantão. Prisco não achou conveniente ouvir a opinião de alguém que não acompanhara o seu caso. Quis saber onde poderia encontrar-se com o facultativo. Estava, conforme se inteiraram, no mesmo hospital em que Prisco cuidara da insolação.

Após o tratamento, que demorou cerca de quarenta e cinco minutos, exatamente às nove horas, saíram ambos, Joaquim dirigindo, Prisco sobraçando o violão.

Ao adentrarem o saguão de recepção, logo se depararam com Mirtes, dando atendimento aos que chegavam.

— Boa dia, caríssimo médium. Que o traz aqui?

Rapidamente, Prisco pôs Mirtes a par de sua vontade de conversar com o médico.

Ela lhe explicou:

— Hoje é dia de festa na pediatria. As crianças internadas são conduzidas ao auditório para assistirem às palhaçadas e aos números circenses de diversos voluntários. Faz parte de uma ideia que está se generalizando, segundo a qual o estresse aliviado facilita melhora mais rápida dos pacientes. O seu médico está fantasiado, realizando um esquete cômico. Quer ir até lá?

— Claro!

No caminho, Prisco fermentava a ideia de apresentar-se também para as crianças, matando dois coelhos com uma só cajadada. Não gostou da agressividade do refrão popular. Ia pensando em substituir por dois sorvetes a que daria uma lambida em cada um, alternadamente, quando chegaram.

Logo na entrada, estava uma mulher ainda jovem, com uma peruca verde e um nariz vermelho, cujo semblante Prisco pareceu reconhecer. Mas logo sua atenção foi chamada pela gritaria que se estabeleceu mediante o ato que se desenrolava no palco. Realmente, havia um pastelão em pleno desenvolvimento, baldes de água que os palhaços jogavam entre si, até que o indefectível punhado de confetes caiu sobre a plateia.

— Meu bom amigo e paciente, veio colaborar conosco?

Era o médico que o abordava.

— Vim fazer uma consulta, porque eu acho que estou inteiramente curado.

— Se você acredita nisso. Deixe ver sua mão.

O médico apalpou, apertou, puxou, esfregou, sempre recebendo respostas positivas no sentido de que nada estava dolorido.

— Surpreendente. Mas, por que o violão?

Joaquim não se conteve:

— Ele teve a ideia de mostrar que é capaz de executar o seu instrumento. Doutor, por favor, não deixe que tenha uma recaída.

— Calma, *Seu Joaquim*, o seu filho não vai fazer nada que o prejudique. Se quiser tocar para nós, eu vou anunciá-lo.

Prisco concordou, embora o pai lhe dissesse para moderar o entusiasmo.

Como o médico estava molhado, Mirtes se propôs a fazer a apresentação do guitarrista. Enquanto estavam dirigindo-se para a frente da sala, Prisco perguntou:

— De onde eu conheço a mulher da porta?

— Januária é a mãe da criança que faleceu no dia em que você se internou. Agora ela vem trazer um pouco de alegria às crianças, com certeza porque, assim, se esquece um pouco do sofrimento de sua menina.

Foi com essa impressão misturada de dor e de admiração que Prisco se viu diante da criançada, reparando logo que havia alguns estropiados, outros deformados, muitos amparados por enfermeiras, presos a recipientes de soro, mas todos com ares de curiosidade e de plena esperança em que a vida poderia oferecer-lhes ainda muitas alegrias.

Prisco tocou como se cumprisse o melhor contrato da vida, perante público de aficionados e de críticos, enchendo de sonoridade o pequeno salão. Foi ovacionado como nos dias mais gloriosos, deixando-se empolgar por um sentimento de amor que o levou às lágrimas. Tocou várias melodias e, com tanta perfeição o fez, que o seu médico se surpreendeu com tão integral recuperação. No final, como o povinho ali presente não poderia ultrapassar os limites de tempo determinados pelos médicos, imiscuiu-se no meio da petizada, deixando a gente miúda tanger as cordas da guitarra, conversando e respondendo à chuva de perquirições de que foi alvo. Uma pergunta permaneceria no ar:

— Você vai voltar na semana que vem?

26. NA VOLTA À ESPANHA

Depois de uma semana de intrigantes debates médicos e filosóficos a respeito da cura repentina do músico, este recebeu um chamado dos empresários que o mantinham sob contrato, de sorte que se encerrou o período de convalescença.

No avião, durante a longa viagem, repassou os últimos acontecimentos da vida, estranhando, desde logo, que, pela primeira vez, curtia o voo como um passeio, conversando com os que demonstravam temor e entretendo os que apreciavam as melodias andaluzas.

Durante o repouso obrigatório nas longas horas ali preso, viu-se perante a explicação do médico para a recuperação tão pronta, com a qual não concordava inteiramente, apesar de engenhosa:

“Eu não me lembro de ter ficado exercitando os músculos como se estivesse empunhando o violão. Certamente, se eu tivesse ficado preocupado em estimular as reações segundo as notas das músicas, teria mantido os músculos em atividade. Mas eu não fiz isso, absolutamente.”

Passando da imaginação ao fato, debaixo do cobertor, como se ainda estivesse engessado, tentou imitar os movimentos da mão esquerda ao premer as cordas. Era algo que não se recordava de ter feito. Os dedos se mexiam e o pulso mantinha uma posição dobrada que, nos tempos em que esteve paralisado, não teria condições de realizar. Além do mais, recordava-se de que a mão havia doído até o dia em que exerceu a mediunidade no centro.

Esta lembrança levou-o à próxima reunião, em que permaneceu atento e desperto, sem haver transmitido nenhuma mensagem da espiritualidade. Não se deixou empolgar por qualquer magnetismo, de sorte que pôde ouvir todas as comunicações. Na discussão que se seguiu, chegou-se à conclusão de que, dessa feita,

era para ele ouvir e não falar, tendo Vadão aventado a hipótese de que o retorno às atividades musicais suprisse as necessidades de expressão do inconsciente, de forma que Prisco se achava plenamente realizado e feliz, incapaz, portanto, de se sentir bem com o fato de enunciar problemas alheios de espíritos sofredores. Manuel concordou, aduzindo também que era muito importante que houvesse junto à mesa médiuns de sustentação, que permanecessem concentrados, para fornecimento de energia fluídica para a realização dos trabalhos. Prisco sorriu com o debate que se seguiu a respeito da falta de propriedade da expressão *energia fluídica* ou *fluido energético*, como verdadeira redundância doutrinária ou científica.

“Pode ser que eles tivessem razão, mas eu suspeito de que estava sendo preparado para longo período longe dos trabalhos mediúnicos, uma vez que não terei tempo, mesmo que conhecesse bons centros na Europa, para dedicar-me a tal mister, ainda mais porque a minha atividade é noturna e não acho que haveria reunião durante o dia.”

Esta reflexão levou-o a pensar seriamente em tentar contato solitário com a espiritualidade, para o que necessitaria usar o gravador empregado nos ensaios particulares. Recordou-se de que poderia redigir em transe ditados psicografados, deixando para depois uma decisão nesse sentido. Poderia, se quisesse, acender a luz de sua poltrona, tendo como escrever ali mesmo, mas pensou que seria uma novidade absoluta, pelo menos para ele, que alguém se atrevesse a atrair espíritos em trânsito, a quase mil quilômetros por hora.

Definitivamente, rejeitou a ideia, o que o levou a considerar a conversa que tivera com Janete naquela mesma noite, após a sessão a que ele fizera questão de levá-la para desfazer a má impressão da semana anterior. Foram a uma cantina italiana onde jamais estivera e onde não foi reconhecido, de modo que puderam conversar com mais intimidade. A uma observação da moça,

afirmou que o regresso à Espanha restabelecia o plano anterior de ficar uma longa temporada fora e que não poderia romper o contrato, primeiro, porque as multas eram pesadas; segundo, porque precisava muito daquele dinheiro. Ouvira Janete dizer que dinheiro era desculpa, tendo respondido que dificilmente ela poderia entender-lhe a alma de artista.

“Ela não teve coragem de me pedir em casamento. Nem fez nenhuma tentativa de insinuar-se sentimentalmente. Para mim, Eulália, se lá não esteve, deve ter emitido vibrações, tanto que fiquei bloqueado quanto a estimulá-la com carícias ou palavras carinhosas. Como eu estava frio!”

A frieza daquela noite empolgou-lhe a mente, levando-o a considerar o relacionamento com Janete uma via de duas mãos: ela vinha e ele ia. Cruzaram-se, eis tudo. De qualquer modo, imaginou como ficaria ele, se ela estivesse ali a seu lado e perturbou-se, sentindo aquela gélida impressão de novo. Positivamente, como da primeira vez, ele não iria sentir saudade.

Logo Bernardete veio bailar em sua mente. Como estava prestes a adormecer, viu-a nos braços do namorado, este conduzindo-a em rodopios apaixonados, ao som de guitarrada de mil instrumentos.

Acordou com a vizinha do lado tocando-lhe o ombro com força, pois ele estava roncando e gemendo, como se tivesse sido atingido de novo pela garrafada do Paulo.

Acomodou-se melhor e imergiu de novo no mesmo sonho, agora conduzindo ele mesmo a jovem, numa valsa alucinante, enquanto o namorado se debatia atrás de barras de ferro, preso e vigiado pela polícia espanhola, à qual não faltavam nem o uniforme nem o quepe característicos. Quando se viu a sós com a moça, beijou-a na boca, obtendo o mesmo sabor e a mesma emoção dos beijos de Eulália. Assustou-se e acordou, recordando-se integralmente do sonho.

“Preciso avaliar os meus sentimentos em relação à irmã mais nova. Pelo visto, ela me atraiu muito mais. No entanto, com Janete sou capaz de manter conversa mais adulta; com aquela, sempre existe um sentido de desafio e de cobrança, ainda que me admire e aplauda as execuções. Penso que, se a mais nova estivesse aqui comigo, aqueceria muito mais o meu coração.”

A descoberta inquietou o artista, que não sentia, realmente, a falta nem de uma nem da outra. Foi quando deu asas à memória, recapitulando todas as faces de sua vida sexual, intrigado por estar ficando satisfeito com simples poluções noturnas, tanto que sempre tomava precauções para não manchar a roupa, com vergonha dos pais. Verificou que a providência que tomara antes do voo fora oportuníssima e que precisava ir higienizar-se no banheiro.

Quando voltou, estava mais sereno e equilibrado, pensando agora nos próximos concertos e quais compositores deveria eleger. Afinal, provavelmente, os empresários iriam enfatizar o pronto restabelecimento, incentivando a mídia a resolver o mistério dos ossos soldados e dos músculos e tendões restabelecidos em tão pouco tempo.

Tendo voltado ao tema com que iniciara as meditações, abriu a pasta, pegou várias partituras e se pôs a estudá-las, imergindo completamente nessa atividade até o fim da viagem.

27. CONSAGRAÇÃO

Alfredinho havia antecedido a volta de Prisco de uma semana, assim que recebeu a notícia de que estava ele novamente de posse de sua habilidade. Teve tempo, portanto, para organizar os primeiros concertos, acatando a exigência dos patrocinadores de que o artista se apresentasse para plateias menores, em restaurantes e boates.

Quando chegou, Prisco sentiu que precisava ensaiar as músicas do repertório, tendo em vista que o contrato especificava quais seriam as melodias, segundo cada cidade e espetáculo.

Como não podia restringir-se aos horários dos estúdios, solicitou e foi atendido no sentido de receber equipamento na casa que passou a habitar, temeroso de se instalar em um condomínio em que pudesse sofrer as reclamações dos vizinhos incomodados.

Diante do gravador sofisticado, produto da moderna eletrônica computadorizada, era capaz de modular os sons, para buscar os melhores arranjos harmônicos.

Começou por ler as partituras, imprimindo ao instrumento apenas as notas das linhas melódicas, buscando compreender os temas de cada melodia. Era um exercício leve que realizava com o máximo de satisfação.

Teria quatro dias para a estreia, necessitando comparecer ao pequeno salão para tomar contato com a companhia, entender-se com o maestro e estabelecer os solos dentro de programa mais extenso. Não seria apresentado como o artista principal, mas lhe seria dado relevo, criando-se certa expectativa pela introdução em que o mestre de cerimônias narrava brevemente os acontecimentos funestos de dois meses atrás.

Rapidamente, Prisco se assenhoreou das melodias, imprimindo-lhes sua personalidade apaixonada.

A estreia repisou o sucesso costumeiro, deixando o público entusiasmado, a ponto de chamá-lo ao palco por duas vezes, obrigando-o a novos números.

Contentes ficaram os agenciadores, principalmente porque os jornalistas convidados teceram elogios na justa medida da empolgação da plateia. A afluência de público aumentou consideravelmente, havendo necessidade de se ampliar a participação do artista brasileiro, com outras execuções em destaque diante da banda.

Era o espírito do profissional que se reavivava, tanto que Prisco passou a trabalhar de manhã e à tarde, descansando um pouco antes de adentrar os palcos.

O primeiro mês foi de adaptação e fixação do repertório. Ao abrir-se o segundo mês, novas casas de espetáculos se acresceram, ampliando-se o horizonte artístico, favorecendo desempenhos isolados, já que seu nome brilhava sozinho nos frontispícios. O restante da companhia tão só recheava o palco, imprimindo movimento, luzes e cores ao espetáculo.

Dominando os programas, diminuiu o treinamento matinal, sem abandonar, porém, o estudo de novas melodias. Foi quando teve a ideia de verificar se seu senso artístico lhe daria a satisfação de uma composição própria.

Na primeira tentativa, alcançou uma linha temática que não foi capaz de reconhecer em nenhuma melodia de seu vasto saber musical. Aos poucos, foi desenvolvendo a canção, já dispondo um ritmo pessoal, como se retratasse a própria saudade da falecida esposa, nada, contudo, que demonstrasse desespero ou sofrimento. Terminava com acordes harmoniosos e suaves, como se estivesse agradecendo a Deus a felicidade de alguns anos de convivência com um ser eleito e especial.

O computador transcreveu as notas gravadas, de forma que acabou por, modestamente, considerar encerrada sua primeira façanha como compositor. Mas não mostrou a ousadia a ninguém.

Apenas imaginou que, se fora capaz de elaborar uma peça simples, logo estaria aventurando-se por caminhos mais ásperos, íngremes e perigosos.

Na manhã seguinte, havendo descansado até às dez horas, foi diretamente para a sala de sons, preparou os instrumentos e iniciou outra composição, sem se esquecer de que deveria seguir o padrão da elaboração da anterior.

Duas horas depois, com fome, suspendeu o trabalho, absolutamente surpreendido com outra partitura completa. À tarde, ao invés de ensaiar para a noite, tentou preencher mais duas ou três páginas com outra melodia. Viu-se bloqueado. Parecia ter esvaziado o cesto de suas notas próprias. Não insistiu muito, considerando que bem poderia ocorrer de ficar exasperado, prejudicando o seu humor para o trabalho noturno.

Ao voltar aos temas do repertório, desempenhou normalmente o roteiro habitual, animando-se e prognosticando mais um sucesso. De fato, pela manhã, acordaria muito contente com a recepção calorosa do auditório, pronto para elaborar outra obra original.

Essa rotina foi cristalizando-se, de sorte que, ao cabo de quinze dias, a pasta em que guardava seus tesouros musicais já estava cheia. Foi quando, sem avisar a ninguém, ousou introduzir uma de suas peças, anunciando-a como de autor desconhecido, à qual pedia a compreensão da plateia. Escolheu a primeira composição, que, para surpresa sua, estava impressa indelevelmente em sua memória motora, tanto que a execução se deu impecável.

Tendo sido um momento de profundo sentimentalismo, comoveu o público que, ao término, aplaudiu com o mesmo entusiasmo das demais. Intrometeu-se o apresentador, encantado com a melodia, exigindo que o artista declinasse o nome do autor.

Num espanhol correito, sem sotaque, Prisco explicou que, verdadeiramente, não sabia a quem atribuir a música, que recebera

em casa, esquecendo-se de esclarecer que fora por via mediúnica, conforme vinha desconfiando há algum tempo.

Essa novidade se incrustou no programa, acrescentando os patrocinadores a exigência de registro de autoria, de forma que, oficialmente, o médium passou a exercer o direito de perceber pelas composições.

Eis como Prisco formou um fundo financeiro para eventuais contribuições às entidades de assistência aos necessitados. Quatro meses depois, em férias no Brasil, distribuiu parte do dinheiro anonimamente, criando, no Centro Espírita *Caminho da Luz*, um departamento para atender a crianças com qualquer tipo de dificuldade. Mirtes foi convocada e aceitou prontamente o convite para gerenciar o fundo, com a obrigação de ocultar o nome do principal benfeitor.

28. PAPEL DE AVÓ

Dona Maria forçou a barra:

— Meu filho, eu gostaria de ter um neto.

Prisco sorriu:

— Adote uma criança. Lá no centro existem muitas.

— Você não entendeu. Eu não quero ser mãe de novo. Eu quero ser avó.

— Então, vai ter de esperar, porque eu não tenho ninguém em vista.

— Janete está com quase trinta e cinco. Logo, não vai poder mais ter filhos.

— Você acha que seria uma boa eu tirá-la da firma e levá-la em turnê pelo mundo?

— Qualquer esposa sua teria de enfrentar essa contingência.

— E quem disse que tenho necessidade de uma esposa?

— Para eu ter um neto, não vejo alternativa.

— E se eu me fixar na Espanha, definitivamente? Não seria uma empresária quem iria suportar tornar-se mãe e dona de casa. Além do mais, de que lhe adiantaria um neto do outro lado do Atlântico? Ou você quer que eu vá e deixe a família aqui?

— Se você pensa que esses empecilhos vão me atrapalhar, engana-se. Eu não disse que quero cuidar do neto. Eu quero me sentir avó. Uma vez por ano, em férias, vocês passariam aqui comigo e com seu pai. Vai dia, vem dia, você se cansa dos ares europeus, de seu trabalho insano, de ganhar tanto dinheiro, e vai querer assentar-se num clima mais ameno, junto a um povo mais hospitaleiro.

— Questão de ponto de vista, mãe. Segundo o mesmo raciocínio seu, eu posso trabalhar mais cinco ou dez anos, voltar com cinquenta anos, encontrar uma mulher vinte anos mais nova, que irá dar-lhe não um mas muitos netinhos.

— Volto à ideia do enlace com a Janete. Se você está decidido a manter-se viúvo, ou melhor, celibatário, deve avisá-la de uma vez por todas, já que ela passou o ano todo visitando-nos, mostrando os seus cartões, comprando os seus CDs., perguntando-nos por mais notícias suas, conforme eu lhe escrevi várias vezes, sem que você me honrasse com uma explicação condigna.

— Que seria uma *explicação condigna*?

— Que você arrumou alguma sirigaita espanhola para passar o tempo, mantendo a esperança da que ficou para trás.

— Você acha que, se houvesse outra, eu agiria de forma assim desonesta?

— Vai me dizer que, depois de Eulália, perdeu o interesse pelas mulheres?!... Duvido e faço pouco.

— Como *duvido e faço pouco*? Você não compreende que os artistas são capazes de sublimar as necessidades sexuais através de sua dedicação exclusiva à arte?

— Quer que eu repita? Duvido e faço pouco... Só se você deixasse seus órgãos se atrofiarem. Se sua mão, mesmo engessada, conseguiu recuperar-se, imagine só essa outra parte do corpo.

— Você está apelando.

— Estaria apelando se suspeitasse que você tinha a esperança de ver Bernardete desfazer o namoro com o Paulo. Será que desta vez acertei?

— Vou dar-lhe uma resposta bem sincera. Até pensei que a mocinha pudesse preencher o lugar de Eulália. Quer saber por quê? Porque ela perfaz o perfil da mulher jovem de quem me enamorei e com quem me casei. Mas, bem a tempo, sofri meus impulsos sentimentais, ao perceber que nossos laços seriam muitíssimo artificiais, ainda mais em razão do fato de ela estar vivendo uma experiência totalmente diferente daquela que proporcionei à falecida.

— É ótimo que você tenha refletido nesse sentido. Com Bernardete você iria ser muito infeliz. Com Janete, porém...

— Sobre ela, nós já conversamos.

— Não o suficiente. Vocês têm ido ao centro espírita, a museus, a bibliotecas, a exposições, a restaurantes e não sei mais a quantos lugares públicos. Por que nunca a convidou para um local reservado?

— Para uma pergunta direta, uma resposta do mesmo jaez: porque Janete é uma mulher que vai exigir um comprometimento, uma jura de amor, um anel de noivado, um pedido de casamento.

— Você acha que ela recusaria um convite desses?

— Mãe, eu acho que, pelo tanto que a conheço, ela até toparia, mas, daí por diante, os motéis seriam os únicos lugares que nós visitaríamos.

— E se eu lhe disser que ela aceitaria uma experiência sem grande responsabilidade?

— Eu lhe direi que você não sabe como essas coisas são, porque você e papai formam um casal *careta*, casal que jamais agiria segundo essa maneira de pensar. Você está falando pelo que está acostumada a ver nas novelas. Na vida real, ou melhor, num relacionamento mais sério, os aspectos espirituais contam sempre, de sorte que, se eu me envolver fisiologicamente, morfológicamente ou fisicamente, também deverei prever uma ligação sentimental, moral, responsável e diretamente ligada aos valores que ambos compreendemos ao estudarmos a doutrina espírita.

— Em suma, meu filho, você está dizendo que não quer ter uma relação mais íntima com ela porque se sente constrangido filosoficamente pelos cânones do espiritismo?

— Não seja tão pungente em suas conclusões. Eu estou repetindo o que disse antes, ou seja, que não estou em condições de oferecer a ela uma vida conjugal estável: eu, viajando pelo mundo; ela, administrando os negócios da família.

— Voltamos à estaca zero.

— Perfeitamente.

Naquela mesma noite, ao passarem diante das luzes coloridas pisca-piscantes de um motel, estando Janete deslumbrante pela alegria de compartilhar momentos de felicidade com o brilhante guitarrista, este, sem premeditação, perguntou-lhe:

— Se eu a convidasse a entrar num desses antros de amor selvagem, você aceitaria?

— Faço questão.

Não era hora para cogitações doutrinárias nem para excursões metafísicas a respeito da existência. Era hora de atender ao chamado da natureza básica dos organismos. Ambos deixariam os corolários daquela noite de carícias para a manhã seguinte.

29. CONFIDÊNCIAS

Já dia avançado, Prisco e Janete deixaram o motel, certos de que as respectivas famílias, avisadas pelos celulares, estavam cientes de que o romance de ambos se concretizara. Sendo assim, evitaram de dirigir-se a suas casas, resolvendo que passariam todo o final de semana em hotel da melhor categoria, no centro da cidade, com diária compatível com o serviço de uma suíte presidencial.

Instalados, resolveram ocupar o restante da manhã de sábado em missão de auxílio e conforto junto às crianças do hospital. Era a primeira vez que Janete lá comparecia, de sorte que pôde admirar-se muito diante do apego da criançada ao artista que as ensinava a tocar violão.

O almoço foi verdadeiro banquete em restaurante que os obrigou a um banho de loja, precisando ele adquirir um terno, com camisa, gravata e calçado social. Janete também se aproveitou da facilidade do cartão de crédito e vestiu-se com um modelo diurno da alta costura.

Recolhidos a uma discreta saleta, onde foram servidos em particular, puderam conversar à vontade, sem serem incomodados pela libido da noite. Davam trégua às ânsias e ardores da sensualidade.

Foi Janete quem iniciou as confissões:

— Precisamos equilibrar o presente com o relato dos fatos mais relevantes de nossas vidas no passado. Sei que você, cavalheirescamente, jamais irá perguntar-me como foi ou tem sido minha vida sexual. Mas, como sei que você era perfeitamente feliz com sua esposa, não posso sonegar-lhe as informações sentimentais que me dizem respeito.

— Não vou cobrar-lhe nada. Esteja certa disso.

— Eu sei, meu caro, porém, estou convicta de que o nosso relacionamento apaixonado vai esmorecer e, quando isso se der, muitos pensamentos hão de passar pelas nossas cabeças, levando-nos a imaginar se não guardamos no coração amores inesquecíveis.

— Você disse bem: Eulália, se me permite dizer este nome em voz alta, vive comigo, tanto que, no começo, associei o seu nome ao dela, sendo a razão principal de não tê-la trazido para junto de mim há mais tempo.

— Eis um dado precioso, que eu precisava realmente saber. Mas estou mais interessada em falar de meus relacionamentos.

Janete começou seu relato dos tempos de criança. Contou as primeiras brincadeiras de descoberta das diferenças morfológicas. Passou à adolescência, com alguns beijinhos no escuro das discotecas, acompanhados de carícias que agora considerava até inocentes. Passou pela fase dos namoros, revelando como se entregara, aos dezessete anos, à primeira relação efetiva. Demonstrou cabalmente que foi um período em que se interessava muito mais por si mesma do que pelos outros. Chegou ao tempo de faculdade marcada por um crime, tendo-lhe sido o amante assassinado, traficante inadimplente que era. Contou como o pai teve de testemunhar a favor dela, já que desconheciam tais atividades do rapaz, precisando convencer a polícia de que não tinham quem delatar nem o que revelar. Chegou ao noivado de cinco anos, que terminou quando o noivo engravidou uma mocinha, tendo sido obrigado a fugir da cidade, nunca mais se atrevendo a comparecer diante dela. Nos últimos tempos, exercia uma série de atividades na área da benemerência, ocupando as horas que dedicaria às afeições masculinas.

— Janete, quem você elegeu como primeiro amor? Estou perguntando porque Eulália, verdadeiramente, não foi minha primeira namorada.

— Quer dizer que você teve uma paixão recalçada?

— Você se enganou com o traficante. Eu, com uma garota que não se satisfazia com um só. Fico com vontade de empregar o chulo, mas me contenho, que estou achando muito solene este momento. Entretanto, Eulália ficou sabendo de tudo, desde o primeiro instante, já que, praticamente, me tirou dos braços da outra, advertindo-me quanto ao caráter dela.

— Espero que meu primeiro amor verdadeiro seja você. Lembranças da puberdade, você sabe. Posso perguntar se você foi o primeiro e único amor de Eulália?

— Ela sempre me assegurou que sim.

— Você desconfiava de alguma mentira?

— Nunca tivemos uma conversa aberta como esta. Estávamos embevecidos com a descoberta da paixão. Éramos jovens. Tínhamos olhos apenas um para o outro. Aliás, já que estamos colocando as cartas na mesa, preciso saber como é que você encara a possibilidade mais que certa de que, ao morrermos, teremos, forçosamente, de nos reencontrar com as pessoas amadas ou odiadas.

— Você quer saber se eu acho se Eulália irá requerer como de direito e justiça permanecer ao seu lado?

— Vejo que você me entendeu.

— Tudo é uma questão de afinidade de vibrações. Quem me garante que vocês sequer ocuparão o mesmo patamar evolutivo? Se um espírito estiver sofrendo e emitir pedidos de socorro, é justo que o outro haja em função de auxiliar o amigo, o cônjuge, o pai ou o filho a se erguer. Contudo, pelo que conheço da doutrina espírita, as entidades se reúnem no etéreo, no plano extraterrestre, no plano espiritual, onde quer que se encontrem, no umbral, nas trevas, segundo seus graus de progresso. Essa é uma preocupação que não vai causar-me nenhuma inquietude no presente. Vamos curtir este instante de felicidade, ainda que fundamentalmente material. Mas a nossa maturidade nos permite imaginar que, daqui a quinhentos milhões de séculos, todos estaremos formando uma

comunidade de espíritos de luz, ou não se justificarão os princípios das leis naturais, principalmente a de justiça, de amor e de caridade.

— Você falou em felicidade de caráter material. Se nossas tertúlias se pautarem por esta nossa digressão metafísica, daqui a pouco iremos descobrir que passamos os últimos trinta ou quarenta anos de nossas vidas juntos. Por falar nisso, o exemplo da Eulália não é representativo da minha dúvida real. Mas, pelo que você explicou, os quarenta e poucos anos de matrimônio de meus pais, que prometem estender-se por mais quinze ou vinte, também nada significarão em termos de compromissos, uma vez os envolvimentos fluídicos corpóreos merecerão outra leitura na próxima esfera existencial.

— Se eles tiveram na vida apenas um ao outro, os elos sentimentais estarão bem mais fortemente estabelecidos. Mas eu não ponho a minha mão no fogo por ninguém, dado que as necessidades de cada um cada um mesmo é que conhece. Eu poderia levantar a hipótese que você aventou de nós vivermos mais cinquenta ou sessenta anos juntos. Deus me livre de chegar aos noventa e tantos! Em todo o caso, nosso tempo de relacionamento suplantaria o seu com a falecida. Será que você manteria até lá o mesmo amor complacente para consigo mesmo? E ela, não terá outros conhecimentos, não terá reencarnado, por exemplo, como homem? Não formará outro lar, constituindo família? Tenho de repetir que a existência tem aspectos muitíssimo misteriosos, meu querido amigo.

A conversa ainda elegeria outros temas menos filosóficos, pequenos planos para os dias subsequentes, ficando no ar a interrogação de como fariam quando Prisco retornasse à Europa. Naquele momento, parecia que essa época estava a centenas de milhões de séculos na frente.

30. SEM CONJUGO VOBIS

Iniciada a vida marital, logo se apresentou um problema de caráter prático para o casal, conforme havia previsto Prisco: cada qual exercia sua profissão num continente.

Após quinze dias de feliz lua de mel passada na suíte presidencial, inexoravelmente chegou a hora de apresentar-se o artista nos palcos europeus.

— Querida, você não quer abrir mão de administrar as empresas de sua família, em favor de me acompanhar naquela que, prometo, será minha última excursão?

— Proponho-lhe, ao invés disso, querido, cobrir o ressarcimento das multas relativas à quebra de seu contrato, permanecendo aqui no Brasil, com plena liberdade de continuar a carreira.

Como resposta, Prisco executou um trecho de feroz melodia gitana, transbordante de paixão.

Janete aplaudiu-o emocionada:

— Compreendo o que você está dizendo: que não se trata apenas de dinheiro, mas de um sentimento, de uma vida. E eu estou chegando muito tarde, quando o seu primeiro amor, o que está acima de mim, é pelo seu público. Não me entenda mal, por favor. Eu quero dizer que você quer doar de si, primeiro, para a humanidade. O melhor de sua mente fica comigo; o melhor de seu coração, de sua emotividade, se deposita nas músicas que você interpreta com a própria alma.

Sempre acompanhando o término das frases com acordes, Prisco concordou:

— Nunca ninguém definiu tão bem a minha personalidade. Eulália não me conheceu em tão sublime momento artístico. Neste

ponto, você está sendo privilegiada. Eu também não havia desenvolvido tanta pureza na interpretação dos temas. Faz um pouco mais de um ano que assimilei em definitivo toda a potencialidade dramática da guitarra. Quando estourei a minha preferida contra a parede, foi como se promettesse nunca mais colocar o instrumento entre mim e meus afetos. A doutrina espírita compareceu para me fazer as pazes com a vocação. Agora, compondo com tanta facilidade e sabendo que a inspiração não é necessariamente minha, fico com medo de afastar os espíritos que me dão assistência e proteção. Eu não gostaria de decepcioná-los.

Janete sorriu compassiva. Entendeu que havia mais do que um contrato e um público interpondo-se entre os amantes. Mas, sem lamuriar-se, enfatizou:

— Realmente, meu Prisco das priscas eras de minha paixãozinha de menina, se eu tivesse despertado sua atenção naquele tempo, hoje, quem sabe, estaríamos vivendo uma vida sedentária, eu cuidando de nossos filhos, mulher de prendas domésticas, e você tocando em alguma orquestra sinfônica, cansando-se de ministrar aulas particulares para completar o orçamento.

— Quantas voltas e reviravoltas o mundo dá! Mas como faremos para manter acesa a chama de nossa paixão, já que você não vai acompanhar-me nem eu vou ficar por aqui?

— Você pega o avião e vai em paz. Quem arrear de saudade primeiro, vai ou vem encontrar o outro.

— Suponho que não vá ser eu, porque não terei um minuto de sossego, tendo todos os dias cheios de tarefas, ainda mais que exerço a profissão à noite. Você é que tem dedicado muito tempo a consolar infelizes no cemitério.

— Mantenho a minha proposta, porque não me custa treinar meu irmão mais novo, já que Bernardete está entretida com as atividades acadêmicas, para ficar no meu lugar, pelo menos por algum tempo. Hoje em dia, a comunicação através da Internet é

imediate e poderei assessorar o coitado de forma quase instantânea. Aliás, você vai precisar municiar-se desse recurso o quanto antes, para podermos manter correspondência bem ativa.

Enquanto Janete falava e Prisco dedilhava notas tristes, foi criando-se no coração do moço um sentimento de ausência que lhe umedeceu os olhos. A moça percebeu e abraçou-o ternamente, ambos ficando um tempo enorme a curtir a saudade antecipada, talvez até o receio da perda para sempre da continuidade daqueles momentos felizes.

Foi Prisco quem levantou um último problema:

— E se ocorrer de a gente se envolver tanto com outras questões, outras atividades, outras conquistas (menos no campo sentimental, é óbvio), que se venha a esfriar o nosso sentimento? Dizem que longe dos olhos, longe do coração.

— Se isto acontecer com nós dois, querido, vamos enfrentar a situação com frieza e bom senso. Será até divertido recordar esta fase de intensa vontade um do outro. Pior vai ser se você esfriar e eu não.

Prisco selou a frase com um beijo nos lábios da namorada, puxando-a de encontro ao violão que, por pouco, não repercutiu os sons cavos dos dois corações.

O artista chegou a Madri um dia antes da estreia da nova temporada, sofrendo uma repreensão amigável do Alfredinho. Mas tudo correu às mil maravilhas, repetindo-se o sucesso das apresentações anteriores.

Mais uma semana e Janete embarcava para a Europa, para estadia de duas semanas. Foi quando engravidou.

31. TEMPOS DIFÍCEIS

Janete regressou ao Brasil trazendo no ventre o germe de um novo ser, entretanto, não tinha consciência da gravidez.

Na Espanha, havia providenciado para que Prisco tivesse acesso imediato ao endereço de seu computador no Brasil, estabelecendo vínculo por *e-mail*. Ela mesma testou a moderna forma de conversação a distância, inteirando-se diariamente dos negócios e dos fatos familiares. Ao chegar, porém, não se empenhou em assinalar sua presença *on-line*, mantendo-se discreta na abertura da correspondência virtual, respondendo apressada e laconicamente às missivas candentes do amigo.

Para falar a verdade, passava os dias envolvida nos problemas da firma, sem jamais pensar no amante. Várias vezes, viu-se a consolar infelizes enlutados, quando se lembrava de que havia uma paixão a cultivar.

Prisco sentiu-lhe a frieza nas respostas, limitando-se ele mesmo a resumir os acontecimentos de sua intensa atividade artística, sem enfatizar as agradáveis reações das plateias. Escondeu também que já não se dedicava a compor pela manhã, entretendo-se com longos passeios a pé para distrair-se da preocupação de estar sendo esquecido. Acabou por não informá-la de que já não acrescentava novidades ao repertório, repetindo à exaustão as interpretações que aprimorara.

Ao cabo de dois meses, mediante o fato de não menstruar e de estar sofrendo enjoos, Janete terminou por realizar um exame ginecológico definitivo. Vinha ela desconfiando da gravidez, deixando-se assaltar por um temor muitíssimo plausível: o de que a notícia desse evento iria provocar reações penosíssimas no pai da criança. Agora, precisava refletir muito antes de tomar a decisão de comunicar aos familiares sua condição.

“Se Prisco relacionar o meu estado à tragédia da falecida esposa, haverá de acrescentar mais um sofrimento às terríveis lembranças. Talvez seja melhor visitá-lo de novo, voltar em menos de quinze dias, aproveitando que o feto ainda não se dá a revelar pelo volume da barriga. Depois de mais dois meses, aviso-o da gravidez, como se o rebento tivesse sido concebido na última viagem, e ele há de ficar menos preocupado na hora de eu dar à luz.”

Janete fez os cálculos de quando Prisco poderia vir ao Brasil, chegando à conclusão de que, se tudo decorresse normalmente, ele poderia imaginar chegar no sétimo ou oitavo mês, quando a criança já teria nascido.

“Tenho de fazer de tudo para minimizar os efeitos das impressões funestas que ressurgirão com certeza. Se for o caso, quando estiver com ele, conversaremos a respeito de uma hipotética gestação, quando poderei preveni-lo quanto a criar uma couraça evangélica ou doutrinária, confiando em que estamos sob a augusta proteção de espíritos de luz, entre os quais poderei situar Eulália e, quem sabe, a filhinha que ele perdeu. De qualquer modo, teremos de levantar a possibilidade de não ser o mesmo espírito que se reencarnará.”

Com tantos cuidados, visava a evitar o transtorno de uma presença incômoda ao seu lado. Se fosse possível deixar que a natureza cumprisse seu ciclo reprodutor, simplesmente, Janete iria preferir a trazer o amante para uma união legal perante o juiz de paz, porque imaginava que o pai iria responsabilizar-se pelo filho diante da sociedade.

Mas havia um problema a resolver: como explicar tão complexas razões à avó da criança? Dona Maria, se nada lhe fosse dito, iria perceber logo seu estado, ainda mais porque não havia como esconder os enjoos. Realizar uma viagem de negócios? Talvez. Contudo, não demoraria para que todos lhe notassem o ventre avolumado.

Criou coragem e decidiu que os pais de Prisco eram suficientemente espertos para concordarem com suas razões de preservá-lo das possíveis preocupações.

Na noite anterior à partida, esteve com eles para levar as encomendas de praxe. Foi quando, a sós com Joaquim, aproveitando-se de um momento em que a esposa foi requisitada por Bartira, lhe pediu a opinião a respeito de seu projeto.

— Pode falar às claras com a Dona Maria. Ela irá entender. Prisco teve sua hora de desespero, que foi tão grande que nos traumatizou a todos. Fale sem receio.

Confiando no ponderado senhor, quando Dona Maria voltou, Janete, fazendo muitos circunlóquios, revelou-lhe a gravidez antes de contar-lhe o projeto do engodo.

A reação de Dona Maria foi instantânea:

— Quer dizer que você está grávida há dois meses e não me disse nada, sabendo que o que eu mais quero no mundo é um neto? Parabéns, minha querida! Parabéns! O Prisco vai ficar muito feliz. Vou ligar já para ele.

Joaquim interveio:

— Acho melhor que ela mesma conte.

— Como? Ele ainda não sabe? E você, que sabe você?

Foi Janete quem precisou esclarecer todos os mal-entendidos. No final da noite, despedindo-se, agradeceu à sogra:

— Dona Maria, estou muito grata à senhora por tudo. Sei que foi a senhora quem se empenhou por me aproximar de seu filho. Esteja certa de que ele vai ficar aliviado quando receber o filho nos braços, sem o drama do nascimento.

— Querida, vá com Deus! Se depender de mim, Prisco vai poder ficar sossegado, trabalhando sem perturbações.

Dois dias depois, estando nos braços do amante, Janete percebeu que ele estava com o humor alterado, como se algo demorasse para ser esclarecido.

De fato, Prisco a recebeu, aguardando que se manifestasse a respeito de seu estado, uma vez que já lhe haviam dito que ela se encontrava grávida.

— Querido, que é que você tem?

— Estou bem. Por que não estaria?

— É que você não me mostrou nenhuma composição nova.

— Estou trabalhando no meu *show*, exclusivamente.

— Quer dizer que...

— Quero dizer...

Ambas as falas morreram nas reticências e um longo silêncio caiu sobre ambos. Janete considerava se deveria ou não prosseguir em seu plano. Prisco se aborrecia por não atinar com uma boa razão para ela calar, quando havia o maior motivo para que sua felicidade ficasse completa.

Janete insistiu:

— Você não parece ter ficado contente com minha chegada.

— Para dizer a verdade, esperava ansiosamente que você viesse.

— Mas, assim que me recebeu no aeroporto, foi como se lhe tivessem atirado um balde de água fria.

— Foi assim transparente a minha reação?

— Você ficou calado, com o cenho franzido, como se o mundo lhe pesasse às costas...

— Desculpe-me. Nada disso eu planejei. É que algo barrou minha alegria.

— Diga-me o que foi.

— Eu acho que você é quem deveria dizer.

— Santo Deus, o que foi que eu fiz?

— Você sabe melhor do que eu.

— Pois eu pensava que você ia me carregar no colo, me fazer carinho, me dar prazer. Ao contrário, preocupou-se com as malas, quis acomodar as roupas, procurou as coisas que sua mãe lhe mandou. Não fez uma única pergunta a meu respeito.

— Será que vamos ter o nosso primeiro atrito?

— Prisco, você acha que eu atravessei o Atlântico para procurar briga?

— Tem razão. Eu sou o culpado de tudo.

— O que você andou *aprontando* em minha ausência?

— Janete, essa pergunta me ofende.

— Não estou falando de mulheres. Estou falando que você só agora está revelando que não está apanhando mais as músicas do além. Esse era um assunto importante...

— Eu tenho todos os seus *e-mails* arquivados. São meras expressões lacônicas, sem nenhum entusiasmo pelo nosso relacionamento.

— Quem fala! Você jamais usou o viva-voz, preferindo ficar escrevendo.

— Cansei de verificar se você estava *on-line*. Nunca a achei do outro lado da linha.

— Eu lhe disse que estava trabalhando muito. Estava treinando meu irmão, tanto que hoje estou aqui em carne e osso, sem nenhuma preocupação com os negócios.

— Pois eu estou de saída para o ensaio.

Ato contínuo, o artista apanhou dois violões, colocou-os na viatura, recomendou a Janete que estivesse pronta à noitinha, que viria buscá-la.

Não havia ensaio nenhum marcado, mas Prisco fez questão de ir à casa de espetáculos, buscando o palco diante do salão vazio e, sem ligar a guitarra aos alto-falantes, debulhou sua raiva em acordes furiosos. Seus arcanos ibéricos revolteavam no ar um desespero de paixão cigana.

Enquanto isso, Janete vasculhava no computador a correspondência vinda do Brasil. Queria examinar as conversas que ali se registravam. Foi quando topou com alguns recados de Mirtes, que se esmerava na prestação de contas dos depósitos que recebia. De repente, lá estava a explicação de tudo:

“Parabéns, papai.”

Era isso. O médico que lhe constataria a gravidez devia ter contado tudo à funcionária do hospital. Ou esta havia lido o prontuário. Como ficara ela sabendo, agora não importava. Era preciso, o quanto antes, desfazer a horrível situação.

Preparou-se para receber o amante, no entanto, quem compareceu foi um chofer de táxi enviado por Prisco.

“Será que ele está pensando que o filho não é dele?”

Finalmente Janete compreendia toda a extensão do problema. Tal foi sua comoção que se sentiu desfalecer. Felizmente, havia deixado a porta entreaberta, de sorte que o prestativo motorista, tendo passado vários minutos, resolveu chamá-la de novo. Sem obter resposta, abriu de vez a porta, dando com a moça caída. Tentou reanimá-la como pôde, mas não conseguiu. Imediatamente, chamou uma ambulância, descartando a hipótese de removê-la sozinho.

Reassumindo a consciência a caminho do hospital, foi obrigada a manter-se internada para observação.

Retornando, o taxista só encontrou o porteiro com o dinheiro da corrida, a quem passou o recado do que havia acontecido, insistindo para que se avisasse o gentil cavalheiro que havia telefonado.

Não ocorreu nenhum mal-entendido. O recado chegou até Alfredinho, que ligou para o ambulatório indicado, tendo conversado com o médico que atendeu Janete, o qual informou que ela estava repousando de um mal-estar provocado, ao que tudo indicava, por uma queda de pressão.

Imediatamente, o empresário comunicou a Prisco o que sucedia, dando-lhe nome e endereço do hospital, propondo-se a levá-lo até lá, se fosse do desejo dele.

— É melhor você ficar, para providenciar as alterações no programa até que eu volte. O que eu quero é que você me arranje um motorista, pois não vou perder tempo com estacionamento.

— Aqui estão as chaves de sua casa, deixadas pelo taxista.

Um empregado do estabelecimento prontificou-se a conduzir Prisco. Trinta segundos depois, estavam cortando as ruas, não demorando mais do que sete minutos para chegarem.

Correu Prisco ao balcão de atendimento, identificando-se, rogando para ver Janete. Antes, porém, teve de conversar com o médico, que lhe explicou que, à vista da gravidez, era bom que a paciente ficasse repousando ao menos uma noite no hospital, para se saber se haveria algum risco de abortar. Não se assustasse o pai, que nada levava a crer que isso fosse acontecer.

Afligiu-se Prisco ainda mais. À porta do quarto, já tremia, vendo-se diante de Eulália esvaindo-se em sangue.

Precisou apoiar-se no médico, que fez que se sentasse numa cadeira do corredor, abaixando-lhe a cabeça para o sangue afluir. Por pouco não desmaiou.

Ali permaneceu por alguns minutos, tempo suficiente para refletir que estava deixando vencer-se por uma fraqueza inconcebível para quem se sabia sob proteção de espíritos de escol. Caiu em si, imaginando que ferira uma criatura, só porque não fora ela suficientemente hábil em contar-lhe com naturalidade fato tão importante.

Criou coragem, ergueu-se, aprumou-se, respirou fundo, solicitou que os do plano espiritual o auxiliassem e passou o umbral que o entregava ao interior do quarto em que jazia Janete sob um lençol verde claro. Sobre o travesseiro, o rosto lívido, a maquiagem borrada, o cabelo desarrumado.

— Querida, querida, perdoe-me, por favor! — foi o máximo que conseguiu balbuciar.

Janete saiu do torpor em que mergulhara e mal ouviu o que o amante havia dito. Como ele encostara a cabeça na dela, abraçou-o com força, soluçando, pedindo-lhe entre lágrimas que a desculpasse:

— Prisco, não tenha medo: a criança é sua. Eu é que fui uma tola. Seus pais sabem que eu não pretendia causar-lhe nenhuma preocupação. E agora estou precisando contar-lhe que você vai ser pai num leito de hospital. Por que você veio ver-me? Não deveria estar tocando?

O violonista percebeu que Janete estava tensa. Por isso, contornou a situação:

— Ainda é cedo. Já vou voltar. Eu quis vir ver como é que você está. O médico quer que fique até de manhã. Então, assim que terminar o *show*, venho ficar com você. Fique sossegada. Eu entendi tudo. O mais importante é o nosso filho. Só quero que você saiba que jamais pensei que o filho não era meu. Mas agora não é hora de explicações. Vamos fazer uma corrente de vibrações, solicitando pela proteção de nossos guias.

Vinte minutos depois, Prisco chegava para dar início à sua participação no espetáculo da noite. Quando regressou ao hospital, encontrou Janete às voltas com ligeira hemorragia. Sentou-se ao lado dela, acariciando-lhe os cabelos, absolutamente confiante em que os três venceriam todas as dificuldades.

Não dormiu, vigiando o sono induzido da paciente, atento para os exames que, de hora em hora, eram realizados, aguardando o efeito dos medicamentos. Pela manhã, o médico declarou que o pior havia passado, mas que era preciso manter a enferma internada. Providenciasse o marido o registro de entrada, acertasse as contas, trouxesse tais e tais peças de roupa e voltasse com a mãe ou alguma irmã da paciente, que era preciso o apoio de pessoa da intimidade.

Tudo poderia ser feito, com exceção da presença feminina.

Não havia importância, desde que o pai da criança se dispusesse a permanecer ao lado da enferma.

Foi assim que Prisco se viu, de repente, com sérios problemas profissionais, uma vez que não arredou pé do leito de Janete nos

próximos dias, não aceitando nenhuma sugestão de Alfredinho, até chegarem Bernardete e Dona Maria, convocadas expressamente.

32. PRÓDROMOS DA VIDA A DOIS

Suspeitou-se de que fora a viagem que causara o transtorno que atingira Janete. Eis que se arranjou um bom motivo para permanecerem juntos os amantes, razão de superior categoria, indiscutível e impostergável.

Ao cabo da primeira semana em que Bernardete e Dona Maria se revezaram junto à enferma, esta recebeu alta, tendo tido a alegria suprema de ser recebida na casa de Prisco em quarto especialmente decorado para o casal. Sentiu-se domiciliada.

Tendo manifestado a felicidade que se apossara dela, Prisco observou-lhe:

— Resta-nos apresentar-nos perante um juiz de paz para oficializar a nossa união conjugal.

— Eu não quero forçá-lo a nada, querido. No entanto, se você me intimidar, eu cedo.

— Não precisava ter engravidado. Eu planejava pedi-la na próxima viagem ao Brasil. Mas se você não quiser...

Ambos sorriram, enquanto o rapaz cercava de cuidados aquela que lhe dera mostras de ser bem frágil criatura.

Bernardete cumpriu sua obrigação fraterna, despediu-se dos dois e regressou para a faculdade. Ao mesmo tempo, havendo encarregado Bartira de cuidar da casa, Joaquim atravessou o Atlântico, para juntar-se aos demais.

O contrato de Prisco sofreu algumas adaptações quanto a restabelecer os compromissos, de forma que tudo se engrenou de novo. Tudo, não, que o horário matinal para as novas composições foi definitivamente encampado pelas atenções à grávida.

A respeito, o casal discutiu se não seria conveniente pôr-se o músico à disposição das entidades que lhe vinham ditando as canções, tendo Prisco chegado à seguinte conclusão:

— Mesmo que todas as partituras contenham melodias de superior quilate, merecedoras de serem levadas ao conhecimento do público, ainda assim precisaríamos esgarçar o tempo, uma vez que, em momento nenhum da história da humanidade, foi possível dar vazão a uma composição por dia, do mesmo gênero, evidentemente, já que, para se obter sucesso que justifique o capital aplicado, sempre se haverá de trabalhar a canção nas emissoras de rádio e de televisão, porque só maciça campanha de *marketing* junto aos meios de comunicação é que trará os frutos almejados pelos empresários do mundo fonográfico.

Janete refletiu e acabou concordando:

— Se pensarmos na existência de um médium que se dedicasse diariamente ao apanhado de comunicações...

— Caso do nosso Chico Xavier...

— Estou imaginando alguém com poder duas vezes maior que o dele. Aí, a humanidade se veria encharcada de textos, sem tempo para absorver a todos. No caso do Chico, quem é que leu sequer dez por cento de sua produção espalhada por dezenas de editoras? Dizem que existem muitos textos inéditos adquiridos por ele, com certeza de valor altíssimo.

— Não sei se você leu, mas alguém comentou na imprensa espírita que as obras de Kardec estavam sendo deixadas de lado pelos dirigentes dos centros, que encontravam muito mais facilidade em oferecer obras mais modernas, especialmente romances, para introduzir os novatos no campo doutrinário.

— Já ouvi palestras inteiras dedicadas a esse tema. Os responsáveis pela divulgação do espiritismo nas federações estão empenhados em levar os interessados em conhecer o espiritismo a ler as obras básicas, assim como você fez. Eu acho que eles têm razão, pois as pessoas acabam tendo uma visão muito mais completa, organizada e sistemática.

— Então, minha cara, eu devo dizer que, neste momento, precisamos estender estes deliciosos bate-papos, sem remorso ou

sentimento de culpa por eu não ficar à disposição dos mensageiros da erraticidade. Se tiverem eles necessidade de transmitir aos encarnados suas obras, que busquem desenvolver outros médiuns. Se não conseguirem, podem contar comigo no futuro, quando a nossa vida estabilizar.

— Vale dizer que você está dando um tempo.

— Vale dizer que não me acho em perfeitas condições emocionais para me oferecer completamente isento de perturbações.

— Vejo que fui a causa de um problema muito sério...

— Cale a boca, querida! Você bem sabe que todos os expoentes do espiritismo recomendam que, primeiro, se amem as pessoas, para só depois se atreverem os trabalhadores a orientar as decisões no sentido de auxiliar o próximo.

— Não entendi aonde você deseja chegar.

— Claro que entendeu. Eu vou permitir-me não explicar nada do que eu disse. Se eu a amo, é suficiente para julgar que, em primeiro lugar, vem o nosso relacionamento, a nossa família. Tudo o mais deve ficar em segundo plano, inclusive o labor mediúnico, a visita aos que perderam seus entes queridos, a assistência aos carentes etc.

— Não deixe Mirtes saber disso.

— Para o *“Caminho da Luz”*, as composições continuam rendendo bastante. Fique tranquila. Além do mais, existem mais de cento e cinquenta inéditas na fila.

Janete recordou-se de ter lido a correspondência e sentiu uma espécie de repuxão emotivo, deliberando não enfrentar de novo os solavancos daquela estrada. Mudou de assunto:

— Como vamos fazer para registrar nosso filho? Eu gostaria que tivesse cidadania brasileira.

— Vou encarregar o Alfredinho de pesquisar junto à embaixada. Acredito que não vá haver nenhuma dificuldade. Temos muito tempo para nos preocuparmos com isso.

A conversa não tinha mais fim, tendo sido encaminhada para temas do dia a dia da família, concordando ambos em que era muito prematuro fixar o nome para a criatura que estava sendo gerada.

33. SOBRE OS TRILHOS

Um mês depois, quando Janete já contribuía para os serviços domésticos, Prisco experimentou fechar-se em seu estúdio, no horário habitual dos apanhados mediúnicos, a ver se repetiria o feito, concentrando-se no trabalho. Imediatamente, sentiu intenso empuxo intelectual, como se alguém se lhe assenhoreasse da vontade, pondo-se a tanger o instrumento de forma bastante diferente de seu estilo.

Quando voltou a si do transe, não sabia quanto tempo estivera sob o domínio da espiritualidade. Ao constatar que ficara mais de hora gravando, sentiu forte arrepio perpassar-lhe pela espinha. Nunca se deixara empolgar pelas melodias a ponto de se alhear das técnicas.

Ao ouvir o resultado da atividade, assombrou-se com o acabamento de cada composição, havendo quinze entrecchos completos, claramente distintos, com início, desenvolvimento temático e fim, como se os autores estivessem recuperando o tempo perdido.

Realmente, ao pôr-se a traduzir as notas na pauta, precisou ouvir cada passagem várias vezes, dando-lhes redação harmônica definitiva, porque o computador realizava leitura mecânica de inferior qualidade, perdendo muito da contextura original.

Vieram chamá-lo para o almoço e, naquela tarde, após a sesta, voltou a transcrever as músicas, encantado com tanta inspiração. Como havia contado o que lhe ocorrera, todos quiseram ouvir a fita, aplaudindo emocionados o retorno do artista às lides em que era soberbo.

Assim se deu nos dias subsequentes, até que os amigos da espiritualidade completassem exatamente tantas obras quantos foram os dias em que Prisco ficara afastado.

No dia em que lhe adveio apenas um pequeno concerto, caracterizado pela filigrana de volteio melódico de complicada execução, teve o casal a certeza de que estavam de novo no caminho da paz.

— Você não acha, querida, que as nossas deduções anteriores precisam ser revistas?

— Ou seja, que você não vai conseguir convencer os do outro lado de que há excesso de partituras?

— Mais ou menos isso. É que eles não parecem ligar importância ao fato de que os encarnados não conseguem assimilar as produções na mesma proporção em que são encaminhadas para mim.

— Talvez estejam compondo para o futuro.

— Você quer dizer que vão esperar pela divulgação de cada uma em tempo hábil?

— Perfeitamente, querido. Digo mais: os compositores querem deixar claro que você é mero instrumento deles. Caso não tenha certeza ainda de que você não é o autor, agora isso não pode mais ser colocado em dúvida.

— Eu ou alguém poderia dizer que meu inconsciente acumulou as composições, soltando-as de uma vez, ao invés de uma por dia. Mas nem por sonho essa ideia vai passar-me pela cabeça. Aliás, estava preparando-me para as entrevistas a que terei de comparecer, de antemão prevendo que as perguntas irão conter o ranço da dúvida, uma vez que o que vou contar se realizou estando eu isolado. Acho que apenas espíritas de pensamento mais aberto é que vão aceitar como verdadeiros os relatos.

— Acredito que nem esses. Em geral, os dirigentes espíritas querem ver eles mesmos o médium trabalhando. Quando aceitam o testemunho de outras pessoas, sempre ficam com o pé atrás. Para isto é que possuem os centros: é para que possam avaliar o desempenho em ritmo real e não imaginário.

— Então, ninguém vai acreditar em mim...

— Meu caro, outros médiuns vão. Estes irão aceitar que os textos musicais, vamos chamar assim, tenham sido transmitidos em transe mediúnico.

— Já me pediram para gravar diretamente da fita original.

— Faça isso.

— Seria apenas para convencer uns poucos. O público em geral não está preocupado com o compositor, mas com a composição. Eu não me importo muito, também, que acreditem ou não que eu mesmo tenha escrito as peças. Sou obrigado a registrá-las em meu nome, ainda que com a advertência de serem mediúnicas. Com certeza, muitos dos compositores desencarnados não dão seus nomes para não causarem problemas de direitos autorais. Talvez, se algum deles não tivesse deixado descendência...

— Se você escrevesse poesias e registrasse nomes de poetas conhecidos, logo a crítica, como fez com os poemas psicografados pelo Chico, iria buscar as características linguísticas ou peculiaridades de estilo, para afirmar que os textos não condizem com os que guardam da época em que viviam os famigerados autores.

— Consequência: é bom que eu fique resguardado e não me empenhe em estabelecer critérios para distinguir o que é meu do que é alheio. A obra tem de viver no coração do povo por mérito próprio, independente de quem a compôs.

— Concordo plenamente. Vamos almoçar?

— Ainda uma última ideia: e se a gente escrevesse um livro reproduzindo as nossas conversas e todo o cuidado que estamos tendo com o fenômeno mediúnico de que estou sendo alvo?

— Excelente ideia. Eu topo. Pena que nós não gravamos...

— Gravamos, sim. Desde outro dia fiquei remoendo o que havíamos dito e nem tudo me voltou à memória. Agora estamos apetrechados para o que der e vier.

— Vamos acumulando o material. Chegada a hora, daqui a alguns anos, escolheremos um trecho bem representativo, levamos

a um editor e, se for aprovado o livro, contratamos uma estenógrafa para pôr em linguagem escrita.

— Querida, que você acha de fazermos um *backup* de cada conversa, tudo em *compact disc*?

— Para isso temos o equipamento. Caso nos falte alguma ferramenta eletrônica, eu providencio. Deixe comigo.

O almoço daquele dia ficaria gravado na memória de ambos como o da mais perfeita felicidade conjugal, fruto da harmonia ideal de sentimentos, de emoções e de pensamentos. Era como se estivessem cercando aquele ser que se formava da mais pura vibração de amor e de companheirismo.

34. CONCLUSÃO

A vida do casal harmonizou-se com a chegada do pequeno Ricardo Antônio, cheio de saúde, em parto normal.

É bem verdade que o pai teve ligeiro achaque de nervosismo, mas foi capaz de controlar-se satisfatoriamente, apoiando-se na doutrina dos espíritos, orando a Jesus que enviasse mensageiros para preservarem a parturiente e o nascituro de maiores sofrimentos. Recordou-se das palavras registradas nos Evangelhos segundo as quais as dores do nascimento logo se compensam pela alegria de receber a indefesa criaturinha.

Todo o transcurso da gravidez e a realização do parto foram filmados para contornar futura nostalgia dos momentos mais felizes de suas vidas.

Um ano depois, contudo, marido e mulher, no Brasil, viveram a extrema ventura de saber que mais um pimpolho havia sido encomendado.

Prisco deixou de lado as longas excursões, aceitando contratos fechados de algumas poucas apresentações, não se ausentando do lar mais do que, no máximo, um mês seguido.

Janete reassumiu as funções na firma, dividindo as responsabilidades administrativas com o irmão.

Bartira deixou o plano terreno vitimada por um desastre na via pública.

Dona Maria e Joaquim retornaram à sua vida a dois, visitando a família do filho pelo menos duas vezes por semana. Até o momento em que encerramos a narrativa, estavam fortes e saudáveis, apostando entre si quem iria partir primeiro.

Bernardete foi contratada como atriz de telenovela, abandonando a faculdade no terceiro ano do curso. Abandonou também o Paulo Henrique, que não suportara a projeção artística

da namorada, especialmente porque foi reprovado em todos os testes de que participou. Disse que esperaria por Bernardete, porém, menos de um mês depois, garantia sua vida sentimental, envolvendo-se amorosamente com jovem ainda menor de idade. Terminariam casando-se e separando-se, por causa de misteriosos enredamentos a que estão acostumando-se os moços.

Alfredinho gostou das mudanças operadas na vida de Prisco, mudanças que lhe facultaram fixar residência no Brasil, gerenciando os negócios diretamente do escritório. Propôs-se como padrinho de batismo do pequeno Ricardo, recebendo de graça inesperada aula de religião. Contentou-se em providenciar para ele a cidadania brasileira.

Mirtes e Valério deixaram o *Caminho da Luz* nas mãos dos administradores perpétuos, Vadão, João e Manuel, para fundarem outro centro espírita, o que obrigou Prisco a dividir a mesada cada vez mais gorda entre as duas casas de benemerência.

Convidado para exercer as funções de psicógrafo pelos responsáveis das duas casas, Prisco se sentiu na obrigação de aceitar, estipulando que sua frequência se condicionaria aos eventos artísticos, que teriam prioridade. Para sermos exatos, teria deixado de comparecer às reuniões não fora o fato de haver escrito duas mensagens muito importantes: uma da santinha que perecera vítima das queimaduras; outra do velho senhor que um dia morrera na cama ao lado, no ambulatório do hospital.

A única atividade que foi quase definitivamente posta de parte foi a das visitas aos velórios, já que Prisco não tinha como acompanhar Janete nem esta tinha disponibilidade de horário. Não abriram mão, contudo, das brincadeiras aos sábados no hospital, quase sempre envolvendo pais e filhos.

O que prosseguiu com maior intensidade foram as conversações a respeito dos temas espíritas, todas criteriosamente preparadas e gravadas. Somente após três anos, quando se dispuseram a escolher um trecho, é que compreenderam que tudo

quanto haviam discutido e estudado estavam encontrando na vasta bibliografia que iam dominando.

Resolveram parar com tal atividade, substituindo-a por passeios a dois, o que se dava uma vez por semana.

Na noite em que deliberaram a respeito, Prisco foi taxativo:

— Janete, você não acha que o nosso casamento está dando certo porque eu fico em casa nos horários em que você trabalha e vice-versa? Eu não sei não, mas, se nós ficássemos dia e noite debatendo a respeito dos conceitos doutrinários, iríamos acabar aborrecendo um ao outro.

— Estamos semeando, meu bem, estamos semeando com muito amor. Um dia vamos obter uma colheita esplêndida, principalmente de novos trabalhos e exercícios de benemerência. Nunca se esqueça de que você esteve a pique de perder a habilidade, tendo sido auxiliado de forma tão contundente e completa. Esperar mais da vida, para nós, significa trabalhar ainda mais pelo bem-estar dos semelhantes.

— Vamos manter os nossos espíritos perpetuamente agradecidos ao Senhor. Somente assim, eu creio, nós construiremos uma fortaleza que não será abatida jamais por qualquer adversidade. Você pode não acreditar, mas tenho a certeza de que Eulália participa de nossos sentimentos, tendo incorporado ao ser as virtudes excelsas da moralidade superior, através da compreensão de que as pessoas exercem a potencialidade existencial dentro de campo energético que concentra as forças do amor e da benquerença, no sentido que Jesus ensinou. Bem pensando, com todo o respeito, não me consta que o Mestre tenha casado e constituído família. No entanto, seu coração agasalha toda a humanidade.

— Ao contrário de você, meu caro, não penso mais nos namorados com quem convivi. Mas suspeito que sei o porquê de você, vira e mexe, trazer a falecida à baila: é que você está pensando que sua filha possa ter reencarnado numa de nossas

crianças. Mas essa conjetura jamais vai ter base na realidade, ainda que quinhentos mensageiros venham trazer-lhe tal informação, mesmo quando os médiuns desconheçam completamente quem são as personagens da comunicação. Vamos tornar a doutrina espírita fonte perene de inspiração para nosso procedimento junto aos semelhantes. Mais que isso, acabamos caindo nas garras da superstição.

Prisco, que jamais se apartava da guitarra, pôs o instrumento de lado, e afagou os cabelos de Janete, como se dali estivesse extraindo harmoniosos acordes de sabedoria.

Indaiatuba, de 27.09 a 30.11.00.